

VARAL DO BRASIL[®]

Literário, sem frescuras!



ISSN 1664-5243

**MULHER: MUITO
MAIS QUE UM
GÊNERO!**

Ano 6 - Março de 2015—Edição no. 34



VARAL DO BRASIL[®]



ISSN 1664-5243

LITERÁRIO, SEM FRESCURAS

Genebra, inverno/primavera de 2015

Edição no. 34 - Março de 2015

VARALDOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASIL VARALDOBRASILVA-
RALDOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILVARAL
DOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILVARALDO
BRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRA
SILVARALDOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILBRASILVARALDOBRASILV
ARALDOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILBRASILVARA
LDOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASIL VARALDOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILVARALDO-
BRASILBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRA
SILVARALDOBRASILBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILV
ARALDOBRASILVARALDOBRASILBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILVARA
LDOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILVARALDO
BRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILBRA
SILVARALDOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASIL VARALDOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILVARAL-
DOBRASILBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILVARALDO
BRASILVARALDOBRASILBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRA
SILVARALDOBRASILVARALDOBRASILBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILV
ARALDOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILVARA
LDOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASIL VARAL-
DOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILVARALDO
BRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRA
SILVARALDOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILBRASILVARALDOBRASILV
ARALDOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILBRASILVARA
LDOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASIL VARAL-
DOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRA
SILVARALDOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILBRASILVARALDOBRASILV
ARALDOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILBRASILVARA
LDOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASIL
BRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASIL VARALDOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILVARALDOBRASILVA-

EXPEDIENTE

Revista Literária VARAL DO BRASIL

NO. 34- Genebra - CH - ISSN 1664-5243

Copyright : Cada autor detém o direito sobre o seu texto. Os direitos da revista pertencem a Jacqueline Aisenman.

O VARAL DO BRASIL é promovido, organizado e realizado por Jacqueline Aisenman

Site do VARAL: www.varaldobrasil.com

Blog do Varal: www.varaldobrasil.blogspot.com

Textos: Vários Autores

Ilustrações: Vários Autores

Foto capa: © Gaai - Fotolia

Foto contracapa: ©

Muitas imagens encontramos na internet sem ter o nome do autor citado. Se for uma foto ou um desenho seu, envie um e-mail aqui para a gente e teremos o maior prazer em divulgar o seu talento. Agradecemos sua compreensão.

Revisão parcial de cada autor

Revisão geral VARAL DO BRASIL

Composição e diagramação:

Jacqueline Aisenman

A distribuição ecológica, por e-mail, é gratuita. A revista está gratuitamente para download em seus site e blog.

Informações sobre o 28o Salão Internacional do Livro e da Imprensa de Genebra e sobre o stand do VARAL DOBRASIL:

varaldobrasil@gmail.com



PARITICIPE DAS PRÓXIMAS EDIÇÕES:

- Até 25 de MARÇO você pode enviar textos para nossa edição de maio que trará o tema livre!
- **As inscrições podem ser encerradas antes se um número ideal de participantes for atingido.**



BLOG DO VARAL

Você pode contribuir com artigos, crônicas, contos, poemas, versos, enfim!, você pode escrever para nosso blog. Também pode enviar convites, divulgação de seus livros, pinturas, fotografias, desenhos, esculturas. Pode divulgar seus eventos, concursos e muito mais. No nosso blog, como em tudo no Varal, a cultura não tem frescuras! (www.varaldobrasil.blogspot.com) Toda contribuição é feita e divulgada de forma gratuita e deve ser enviada para o e-mail varaldobrasil@gmail.com

ATIVIDADES DO VARAL

- Estão abertas as inscrições para o Salão Internacional do Livro e da Imprensa de Genebra;
- Estão abertas as inscrições para o III Prêmio Varal do Brasil de Literatura;
- Estão abertas as inscrições para a edição de maio de nossa revista com o tema livre.

PARTICIPE! INSCREVA-SE!

varaldobrasil@gmail.com

A revista VARAL DO BRASIL circula no Brasil do Amazonas ao Rio Grande do Sul...

Também leva seus autores através dos cinco continentes.

Quer divulgação melhor?

Venha fazer parte do
VARAL DO BRASIL

E-mail: varaldobrasil@gmail.com

Site: www.varaldobrasil.com

Blog do Varal:
www.varaldobrasil.blogspot.com

*Toda participação é gratuita



VARAL ESTENDIDO!

Pelo quarto ano seguido trazemos no mês de março um tema que não cansa e sempre tem excelentes textos: a mulher!

Dos poemas às crônicas, passando por momentos históricos e relatos da realidade atual, falar da mulher é sempre muito especial. E o Varal do Brasil reúne aqui pessoas tão especiais quanto que se inscreveram para esta edição e trouxeram brilho a este tema.

Estamos caminhando para mais uma edição do Salão Internacional do Livro e da Imprensa de Genebra. Com muitos convidados para as sessões de autógrafo, este ano teremos mais uma vez nosso estande de 50m2 onde a literatura, as artes plásticas e a música darão uma linda amostra de nossa cultura, assim como da rica cultura portuguesa.

Cintia Moscovich, Marcelino Freire, Ronaldo Correia de Brito, Ana Casanova, Cauê Borges, Marco Miranda, Conceição Barros... Estes são apenas alguns dos nomes que você encontrará abrilhantando nosso estande.

Participar de um evento deste porte é um grande feito e o Varal do Bra-

sil se orgulha de estar, há quatro anos, levando autores brasileiros, portugueses e angolanos para este que é o maior Salão Literário da Suíça e um dos mais prestigiados de toda a Europa.

São mais de duzentos títulos que levamos ao público frequentador do Salão, títulos em sua grande maioria em Português e nos mais variados gêneros.

Além disto, estamos também na terceira edição de nosso Prêmio Varal do Brasil de Literatura que premia os melhores textos dentro das categorias crônicas, contos, textos infantis e poemas. Nosso concurso já se firmou!

Mas... Voltemos às mulheres! Elas são as rainhas desta edição, provando que ser mulher é sim, muito mais do que um gênero.

Esperamos que você aprecie a leitura e, quem sabe, se anime a estar conosco em nossa próxima edição!

Jacqueline Aisenman
Editora-Chefe

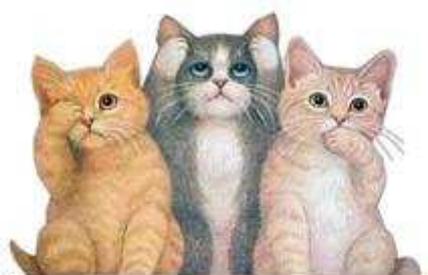


Pendurados nesta edição

- AGLAE TORRES
- ALEXANDRA MAGALHÃES ZEINER
- ANA PERES BATISTA
- ANA ROSENROT
- ANDRÉ VALÉRIO SALES
- ANDRA GABRIELA PRODEA
- ANGELICA VILLELA SANTOS
- CARMEN DI MORAES
- CASSIANE SANTOS
- CERES MARYLISE REBOUÇAS
- CLEBER SOUZA
- DAISY BUAZAR
- DANIEL DE CULLA
- DARCY BERBERT
- DILERCY ADLER
- DIULINDA GARCIA
- ELIANA MACHADO
- ELINALVA OLIVEIRA
- ELISA ALDERANI
- ELOISA MENEZES PEREIRA
- EURIPEDES RODRIGUES DA COSTA
- FABIO KEROUAC
- FATIMA SILVA
- GAIÔ
- GILBERTO NOGUEIRA DE OLIVEIRA
- GILDA BRASILEIRO
- GILSON LIMA
- GRECIANNY CARVALHO CORDEIRO
- HAZEL DE SÃO FRANCISCO
- HEBE C. BOA-VIAGEM A. COSTA
- HELOÍSA CRESPO
- IOLANDA MARTA BELTRAME
- ISABEL C. S. VARGAS
- IVONE WEBBER
- IZABELLA PAVESI
- JACQUELINE AISENMAN
- JANI BRASIL
- JOSÉ HILTON ROSA
- JÚLIA REGO
- LEANDRO MARTINS DE JESUS
- LENIVAL NUNES DE ANDRADE
- LEVINDO ÚLTIMO
- LIONIZIA GOYA
- LOLA PRATA
- LÚCIA BARCELOS
- LÚCIA HELENA SANTOS
- MANO KLEBER
- MANOEL F. MENENDEZ MANOLO
- MARCIA R. PONTES
- MARCO ROSA
- MARIA AURÉLIA MINERVINO
- MARIA BERNADETE JUFER
- MARIA DELBONI
- MARIA EMÍLIA ALGEBAILÉ
- MARIA JOSÉ VITAL JUSTINIANO
- MARIA MOREIRA

Pendurados nesta edição

- MARIA (NILZA) DE CAMPOS LEPRE
- MARILINA B. DE ALMEIDA LEÃO
- MARILU F. QUEIROZ
- MARINA GENTILE
- MARIO REZENDE
- MARLUCE PORTUGAELS
- MARLY RONDAN
- MAURICIO A. VELOSO DUARTE
- NET 7 MARES
- NILZA AMARAL
- ODENIR FERRO
- OLIVEIRA CARUSO
- OSIRIS RORIZ
- PAULA ALVES
- PAULO ROBERTO CANDIDO
- PERPETUA AMORIM
- REGINA NADAES MARQUES
- RENATA CARONE SBORGIA
- ROGERIO ARAUJO (ROFA)
- ROSSANDRO LAURINDO
- ROZELENE FURTADO DE LIMA
- SILVIO PARISE
- SIMONE PESSOA
- STELLA MARIS ROSSELET
- SUZANA VILLAÇA
- TOTONHA LOBO
- VALERIA RODRIGUES FLORENZANO
- VANDA SALLES
- VO FIA
- WALNÉLIA CORRÊA PEDERNEIRAS
- YARA DARIN
- ZIA STUHAUG



Maltratar animais é
CRIME!

by Si.

Se você não pode adotar, ajude de uma outra forma!

Sempre haverá uma maneira de ajudar!

Comece educando as crianças a amar e defender os animais.

**III PRÊMIO VARAL DO BRASIL
DE LITERATURA**

2015

Contos

Crônicas

Poemas e

Textos Infantis

**Regulamento e ficha de inscrição:
varaldobrasil@gmail.com**



Por que expor meus livros no Salão Internacional do Livro de Genebra?
Porque além de estar expondo no maior evento literário suíço você estará divulgando seu livro numa das maiores vitrines literárias de toda a Europa.

Posso enviar livros em Português?

Claro! Nosso público é formado por grandes comunidades brasileiras e portuguesas e por estrangeiros que, ou já aprenderam o idioma ou estão aprendendo. Muitos compram livros para presentear amigos de língua Portuguesa.

Enviando os livros eu estarei no catálogo?

Sim. Se você vier autografar ou se preferir apenas se inscrever para enviar os livros, você estará em nosso catálogo.

**MERGULHE NO MELHOR DA LITERATURA BRASILEIRA E PORTUGUESA!
29o SALÃO INTERNACIONAL DO LIVRO E DA IMPRENSA DE GENEBRA**

29 de abril a 3 de maio



RONALDO CORREIA DE BRITO



CINTIA MOSCOVICH



MARCELINO FREIRE



Varal do Brasil[®]
Literário, sem Fronteiras

E VOCÊ ESCRITOR (A)!
VENHA PARA O MAIOR EVENTO LITERÁRIO SUÍÇO! INFORME-SE!
varaldobrasil@gmail.com



Salon du livre et de la presse **Genève**

INSCREVA-SE!

INSCREVA SEU (S) LIVRO (S)!

Informações: varaldobrasil@gmail.com



A mulher por trás do impermeável Azul Royal

Por Zia Stuhaug

Há uns anos, um jovem chamado Eirik Martin, próximo de completar seus vinte anos, foi estudar economia em Oslo, deixando a fazenda onde morava com a família em Stryn, e por lá ficou. Stryn é uma cidade turística do condado de Sogn og Fjordane, que não chega a ter sete mil habitantes, e que impressiona os visitantes por sua rica geografia. Um magnífico *cartão postal* impresso numa natureza que lhe foi por demais generosa. A neve que nunca finda, salpicada no topo das montanhas, remete a uma lembrança do paraíso imaginado, igual retratados nas capas dos livros religiosos dos séculos passados. Não bastasse tanta exuberância e rara beleza, Stryn ainda presenteia no seu verão com o azul turquesa das águas do Nordfjord numa harmonia quase exagerada com as floradas das macieiras milenares, espalhadas pelos quintais das casas coloridas feitas de madeira, e localizadas ao sopé dos montes.

Para estudar na capital, Eirik Martin, trocou a rotina de ajudar o pai a ordenhar as vacas e cuidar de ovelhas. O convívio com a avó materna, que tricotou blusas para o neto levar na bagagem e que nenhum bom descendente norueguês dispensa tal cuida-

do. Foi uma mudança e tanto na vida do jovem rapaz que começou a sentir-se muito sozinho por lá, então, para espantar um pouco da solidão e fazer amizade, decidiu frequentar o mesmo Café em Oslo, aos sábados, em Aker Brygge, nos arredores da baía de Pipervika, com seus sofisticados barcos atracados ao cais.

Com toda a simpatia de rapaz vindo do interior, conquistou logo de cara, os atendentes do Café, jovens suecos que também estudavam em Oslo e trabalhavam finais de semana para complementar a renda. Ganhou até um pelego para revestir o assento e brincava dizendo que no inverno era bom para aquecer o traseiro. Esse era o seu estado de espírito, alegre e cordial, levando os jovens garçons a chamá-lo de Kongen til Norge, o rei da Noruega.

Então, diante daquela sucessão de dias sempre iguais e sem muita novidade a se contar, apareceu por lá num sábado qualquer, uma mulher usando um impermeável azul royal. Seu nome era Thea Luisse. Deveria beirar os trinta anos, não era graúda nem miúda e trazia os cabelos negros sempre amarrados num rabo de cavalo - mostrando, assim, as laterais raspadas. Usava um alargador na orelha direita e uma pequena argola na cartilagem do nariz. Era solteira e mãe de Silje Elise, uma adorável menina de sete meses de idade que nada incomodava a mãe e estava sempre a dormir no seu carrinho cor-de-rosa.

No início, a aparência de Thea Luise , causou estranheza aos senhores aposentados, clientes fixos do Café, que ali se encontravam para ler o jornal do dia e comer um bom bacalhau . Com a frequência aos sábados, no Café , a mulher do impermeável azul royal, foi conquistando a simpatia daqueles senhores ,que já se ofereciam para acender-lhe o cigarro . Ela retribuía as gentilezas contando suas muitas aventuras em festivais de músicas . Estava encantada por ter ouvido, naquele inverno, a delicada música de Terje Isungset , com instrumentos feitos de gelo, no Ice Music Festival , em Geilo , na Noruega. Eirik Martin, observava a tudo e seu coração experimentava um sentimento novo.

Numa manhã , no final da primavera, passou um procissão nupcial em frente ao Café. Lá estava Eirik Martin sentado na sua cadeira de costume do lado de dentro do estabelecimento, sem entender o que aquela carruagem dourada, puxada por um belíssimo cavalo fjorde, de robusta estrutura corporal e um temperamento aparentemente dócil, fazia ali parada. Sentados no banco da carruagem estava o noivo, demonstrando nos fios brancos do cabelo que já passava da meia idade ,e belamente vestido com o Bunad , o traje tradicional norueguês, usados em ocasiões especiais. A noiva usava um vestido cinturado e rodado , na cor branca e com delicadas aplicações de renda , e uma coroa de pequenas flores naturais

na cabeça , nas mãos um bouquet de rosas alaranjadas.

Tentando ainda entender o que estava acontecendo naquela manhã de sábado em frente ao Café, eis que Eirik Martin ouve o burburinho dos garçons e o comentário dos velhos aposentados. Um deles aponta o dedo para os fundos do café e diz:

-Lá vem ela .

A mulher que sempre aparecia naquele café usando o seu impermeável azul royal, apresentava-se naquele momento num vestido cor de chocolate escuro, longo e agarrado ao corpo . Os contornos mostravam que praticava algum tipo de esporte, a julgar pelos músculos bem definidos. Eirik Martin abriu um sorriso que coube não somente em seu rosto , mas alargou-se por todo aquele espaço, como o sol que chega por uma fresta e ilumina uma parte escura de um quarto . Seu peito magro , que até então só conhecia a paixão por livros e números , agora sentia um palpitar que de tão doce lhe trazia na boca um gosto novo. A mulher com passos lentos e despreocupados atravessou sozinha todo o espaço interno do Café até chegar do lado de fora onde a carruagem estava parada. O bebê não se encontrava por ali, nem dormindo em seu costumeiro carrinho-cor-de-rosa, ou sequer nos braços da mãe. A mulher estava sozinha e trazia à mão um microfone , desses sem fio.

(Segue)

No braço direito ostentava uma tatuagem bem feita de uma rosa vermelha num talo verde. A mulher por trás do impermeável azul royal era bela e feminina. Aquela, que já era a Diva dos aposentados do café, tornou-se uma espécie de lenda e os seus devotos a aplaudiram de pé quando ouviram sua voz rouca ecoar pelos ares morno de primavera, no pátio do Aker Brygge, cantando “Summertime” de Jani Joplin, enquanto o noivo acompanhava a canção dedilhando um violão de cordas de aço.

Depois que a música terminou, o noivo tirou um lenço branco do bolso e secou as lágrimas da noiva. A plateia, que já não era somente os fregueses e funcionários do Café, mas uma pequena multidão de curiosos que se juntaram ao derredor da carruagem, aplaudiram e suspiravam.., e tudo ficou tomado de um brilho novo de felicidade.

O tempo passou. Alguns senhores perderam o resto das forças físicas para estarem vez ou outro no Café. Outros chegaram, muitos se foram e, aos poucos a mulher do impermeável azul royal não frequentava o café com tanta assiduidade. Aliás, já fazia um bom tempo que lá não aparecia mais. Os poucos senhores que mantiveram o hábito de buscar um pouco de companhia no Café sentiram tanto a falta da mulher do impermeável azul royal que há muito perderam o sorriso. Ficou um vazio enorme naquela cadeira cativa que ela costumava se

sentar, para abrir seus sonhos como se abre um livro de histórias para contar a uma criança à hora de dormir. Foi um tempo de solidão para todos. Aquela mulher se tornara a alma daquele lugar, sem ela, o Café perdia boa parte daquela áurea.

Num sábado de outono com uma temperatura um pouco mais agradável do que o normal, Eirik Martin, decidiu que passaria no café para almoçar e rever os amigos. O curso de economia estava quase terminado e de certo ele voltaria para Stryn por uma temporada, assim que concluísse sua tese. Estudava muito durante a noite, e por vezes não raras, o sono fugia. Enquanto pernoitava à frente dos livros ele não deixava de pensar em Thea Luisa. Naquela manhã ele sentira o peso de uma noite mal dormida e o resultado daquela cansada era um temperamento um pouco indócil. Decerto sair um pouco de cima dos cadernos e rever gente amiga era uma ideia acertada para aquele sábado. Não deixou de pensar na mulher do impermeável azul royal por nem um minuto, enquanto cruzava a rua e adentrava o pátio de Aker Brygge, em direção ao Café. Fixou o olhar numa das estátuas de Gustav Vigeland - uma mãe e seu bebê. Era a lembrança da mulher que lhe consumia de paixão. Continuou caminhando pelo pátio e seus pensamentos lhe roubavam a paz.

(Segue)

Enfim, chegou ao Café ,tocou a porta de vidro sentindo a frieza do metal da fechadura e lembrou-se que seu coração há muito estava daquele mesmo jeito, pela desesperança do reencontro com Thea Luise. Empurrou a porta com um pouco de indelicadeza, procurou sua cadeira cativa e sentou-se. Não queria prosa naquela manhã . Queria apenas seu café habitual . Quem sabe espantasse o mau humor , antes do almoço, e tirasse aquela névoa dos seus olhos cansados. Lá fora, o céu estava azul e um sol tímido brilhava . O dia prometia muita gente aos arredores da baía.

Eirik Martin tomou metade do seu café quando um garçom sueco que atendia pelo nome de Magnus lhe trouxe o jornal do dia. Ele agradeceu . Abriu o jornal e mal conseguia enxergar as palavras. Tudo escurecia . Era uma grande treva. No meio daquela névoa pardacenta apareceu a mulher do impermeável azul royal . Estava ali bem à sua frente a lhe suplicar amor. Magra e pálida , mais se aproximava a uma figura de um cadáver cuja doença lhe consumiu as carnes. Ela estendia as mãos e seus dedos finos tocavam lhe a face . Eram feitos de pedra de gelo iguais aos instrumentos do Ice Music Festival . Ele afastava-se dela empurrando a cadeira com os pés., pavor medonho ao olhar para aquela fêmea que despertou em seu interior os mais escondidos desejos. Ela implorava seu amor . Queria estar com ele numa montanha cheia de

neve e deserta, prometia cantar até a lua cheia desaparecer ao raiar o dia.

Eirik Martin despertou daquele pesadelo com o sueco chamando-o pelo nome . Seus sentidos estavam amortecidos de pavor e desesperança. Do lado de fora a cadeira da mulher do impermeável azul royal continuava vazia. De certo ela morreu e sua alma vagava pelos arredores de Aker Brygge. Levantou-se num supetão e com uma decisão tomada. Nunca mais pisaria os pés naquele Café. Abriu a porta e saiu disparado pelo pátio rumo ao centro de Oslo. Sua boca tinha gosto de sangue. Seu peito doía como se uma lâmina o atravessasse. Seus olhos vertiam lágrimas . Agora estava tudo acabado. Era tarde para desejar o que quer que fosse. Sentia a covardia dos sentimentos apertar-lhe o peito. Malditos números que me tornaram num fóssil – dizia repetidamente. Fora incapaz de confessar-lhe o quanto a queria. O quanto a desejava. O quanto a amava naquele mundo de cálculos matemáticos.

Enquanto corria para longe da sua dor ouviu uma voz rouca cantando uma canção de ninar. Parou e procurou de onde vinha a voz conhecida. Seu coração deu um salto do inferno ao céu. Era ela. Só podia ser ela, pensou, e enquanto tremia de emoção pela alegria invadida na alma , procurava-a em meio a uma multidão de gente que

(Segue)

disputava um espaço nos arredores de Pipervika para aproveitar a manhã de sol morno.

Estava ali. Sentada num banco de madeira bem em frente ao Fiorde de Oslo, Thea Luise, com sua filha nos braços. Já não tinha mais alargadores ou sequer o cabelo raspado nas laterais. Era um cabelo loiro na altura do pescoço. A criança mordiscava seu ombro como se fosse um patinho de borracha, e com a pequena mão tentava colher do braço a rosa vermelha tatuada.

Eirik Martin sentiu naquele momento, como se alguém abrisse o sepulcro caído onde jazia seu corpo, e com voz de trovão ordenasse a sua Ressurreição. Ele não queria, de forma alguma, desobedecer.



AGENDA DO VARAL

- * Estão abertas as inscrições para o III Prêmio Varal do Brasil de Literatura.
- * Até 25 de março estamos recebendo textos para a edição de maio com tema livre
- * Inscrições para o Salão do Livro de Genebra estão abertas (para autografar e para enviar livros).
- * Está sempre aberto o espaço no blog do Varal para divulgação de seus textos, sua arte, seus convites e eventos culturais.

Toda informação: varaldobrasil@gmail.com

Musa

Por Yara Darin

Sou juventude na intensidade
Sou da luta , guerreira
Sou aquela que ainda teima em sonhar
Fascinada por adornos
Anéis, pulseiras e brincos
Paixão, liberdade com fervor
Trago no íntimo o poder alquímico
De transformar tudo em amor .

Sou inspiração , sem limite
Do poeta que ama e idolatra
Sua musa - mulher tão venerada
Onde seus versos mais lindos e apaixonados
Se aglutinam em forma de um poema
Feito uma declaração de amor.!



Quem bate na mulher machuca a família inteira.



Ligue 180.

Não se cale diante da violência doméstica.

REALIZAÇÃO:

**INSTITUTO
PATRÍCIA
GALVÃO**





Salon du livre et de la presse Genève



Varal do Brasil[®]
Literário, sem Frescuras

VOCÊ NÃO PODE PERDER!

**CINTIA MOSCOVICH
MARCELINO FREIRE
RONALDO CORREIA DE BRITO**

**Em Genebra, para a feira do
livro que acontecerá de 29 de
abril a 3 de maio!**

**Se você é escritor e quiser
participar também, informe-se:**

varaldobrasil@gmail.com

EU, MULHER

Por Walnélia Corrêa Pederneiras

Acontece que agora meu sorriso
revela que não tenho cicatrizes...

Mudei de casa, de lugar, de rua, de tudo!
Flores nas floreiras e tempo para cuidá-las
Meu presente é um Presente
mesmo que as vezes pautado
em dificuldades que significam nada
diante do reencontro com minha essência...

Trabalhar, ler, escrever, voltar para casa,
conversar com minha filha,
regar as plantas, tomar um café,
ouvir boa música, enfim...
Coisas belas como eram antes do depois...

Por isto vislumbrei Oásis no início desta escrita...

Sim, agora é!
Depois de um longo tempo passou a ser.
Daqui pra frente, será!

O aqui e agora é decantador!





LUA MULHER

Em fases de Vida

Por Aglaé Torres

LUA NOVA: criança até adolescência.
cia.

Descobertas, desafios, conquistas.

LUA CRESCENTE: desponta a mulher
Desenvolvendo corpo, mente, espírito.

Define-se sua essência: Coração.

LUA CHEIA: plenitude do Ser em MULHER!

Maturidade e explosão de ser mulher,
brilha encantando em luminosidade e beleza.

LUA MINGUANTE: diminuindo em brilho e presença
até ausentar-se

e dar lugar a novo ciclo Lua-Mulher.

E assim repete-se em todas as gerações,
sempre inesquecível em suas existências.

Felicidade

Por Ana Peres Batista

Por que choras, mulher?

Se de tão bela, és feita de fé.

Se possuis toda a constelação, a guiar tamanha solidão.

E agora, tão poucas poesias preenchem se quer o teu presente.

Por que caminhos, sem vitórias, andou teu coração?

É por isso que te falta inspiração?



Anna Cascudo: Uma Bondade que Poucos Conhecem

Por André Valério Sales

Introdução:

Este meu escrito tem o objetivo de fazer uma ode à minha amiga Anna Maria (Cascudo-Barreto), *post-mortem*, e citar um ou dois casos que vêm a demonstrar sua **bondade**, enquanto mulher, poderosa, escritora, acadêmica da ANL/RN, etc., e filha diletta de Luís da Câmara Cascudo.

Ou seja, pelo nome do pai, espera-se que a filha única, mulher (ele também teve Fernando Luís), tenha seguido o caminho de seu pai: um homem de coração enorme, que cabia várias pessoas dentro; uma afirmação que é verídica para quem conhece profundamente a sua biografia.

Minha amizade de 10 anos com Anna Maria só me provaram que seu coração era enorme, no sentido de caberem em sua afeição pessoas ricas ou pobres, tal como Cascudo, o pai, e que ela era uma pessoa extremamente boa, generosa.

Lembro que a tradição nordestina é não falar mal dos mortos. Mesmo assim, como uma repetição dos escritos de outros autores que com ela tiveram a sorte de conviver, e escreveram já sobre a pessoa de Anna Maria, como o amigo Eduardo Gosson, decidi que deveria deixar também escrito meu depoimento sobre ela, procurando, de alguma forma, imortalizar quem já era “imortal” (por ser Anna Maria membro da Academia de Letras do RN, além de mais outras 5 ou 6 Academias espalhadas pelo Brasil).

Citações aleatórias sobre a bondade de Anna Maria:

Tenho tantas coisas boas para dizer (e escrever) sobre minha amiga Anna Maria, que nem sei por onde iniciar...

Primeiro: alguém vendedora de uma loja, um dia me disse que não gostava do jeito de Anna, de se dizer filha de Câmara Cascudo, talvez para ser melhor atendida naquele lugar!

Quem conheceu Anna Maria sabe que ela amava vestir roupas confeccionadas por bordadeiras nordestinas, inclusive bolsas simples, feitas de tricô (como a que ela usou em meu primeiro lançamento de livro).

Quero afirmar com isso que certas pessoas, alheias à vida cultural do Estado, atendiam Anna Maria sem nem sonhar que ela era uma pessoa tão importante, e nem pertencente às classes baixas ou médias. Como poderosa que sempre foi, Anna Maria, mesmo vestida de modo simples, tal como era de seu feitio, gostava, obviamente, de ser bem tratada nas lojas por onde andava, como qualquer pessoa, seja comprando, seja apenas olhando as coisas diferentes às quais poderiam agradar ao seu gosto por compras.

Minha crítica a estas pessoas é que elas não compreendiam: nem a simplicidade modéstica de Anna Maria, nem a reconheciam como uma dama da alta sociedade natalense, digna de respeito, em todos os lugares por onde passava, e minimamente em uma loja de roupas, a ser tratada como qualquer outra natalense, independente da verba que carreguem em seu bolso para gastar com roupas e acessórios!

Deus há de perdoar quem cometeu tais deseducações com minha amiga, ou até mesmo, comigo. Independente de minhas roupas, sou muito bem tratado em joalherias que frequento (e gasto dinheiro), tanto em Natal como em João Pessoa, onde morei, onde fiz Mestrado e cheguei a lecionar na UFPB.

Segundo: conheci Anna Maria Cascudo-Barreto dentro do Supermercado Nordestão, onde ela fazia suas compras, na Cidade Alta mesmo, perto de sua mansão, em Petrópolis (eram cerca de dez horas da manhã).

Há dez anos, naquele momento de compradoras de coisas miúdas, vi Anna Maria *sentada* em pleno supermercado, como uma idosa, e recebendo “vivas” de alguns frequentadores que a reconheciam. No pouco tempo em que a esposa de um Coronel lhe felicitava (não sei quem era a senhora), logo reconheci que ali estava uma pessoa que não gostava de ser assediada, como uma atriz de TV.

Dez minutos depois, me apresentei: – Sou André Sales, venho do Instituto Histórico, Antonieta me ensinou onde fica sua casa e eu estava indo para lá, com a intenção de pedir que a senhora prefaciasse um livro meu (no caso, meu terceiro livro: *Câmara Cascudo e seu compromisso com a classes populares*).

Ela não só me recebeu muito bem, em plena balbúrdia do Nordestão, quanto aceitou ver o livro, e assim, marcamos para outra hora. No entanto, quando ela me disse que morava mais de vinte andares acima do chão, num lugar que dava pra ver a cidade toda, lá de cima (lindo!), meu medo de altura falou mais alto, e eu desisti, marcando o encontro para outra oportunidade. (Segue)

No dia combinado, não consegui subir ao meu apartamento/mansão, nem a pé, como tentei (no oitavo andar minha cabeça começou a rodar), nem de elevador (um primor, coisa de primeiro mundo!). Generosamente, Anna Maria desceu da tranquilidade de seu lar, e veio me atender: um escritor iniciante, ainda que premiado, mas, um verdadeiro abuso de minha parte (neste dia ela já me presenteou com suas memórias cascudianas: *O Colecionador de Crepúsculos*, de 2003). Porém, ela compreendeu plenamente meus medos e desceu para me atender. Uma pessoa desconhecida, e pobre!

O resultado foi o melhor Prefácio que, eu acho, Anna Maria já escreveu. 1) porque ela fala de seu contato com os ditadores civis-militares de 1964 (além de citar seu pai), e, 2) porque ela se deu completamente ao seu texto. Não omitiu nada, e, ao contrário, lavou a sua alma em relação a este assunto tido historicamente como “tabu”. Besta quem não leu o texto...

Daquele dia, em 2006, há dez anos, Anna Maria prefaciou, de graça, com todo o carinho e bondade, **seis** de meus **oito** livros publicados, sempre emparelhada com a Antropóloga Maristela Andrade, Doutora pela Sorbonne, Paris III (**um** outro Prefácio foi obra de Enélio Petrovich, *in memoriam*, e **outro**, do amigo Cláudio Galvão, de ascendência arezense, professor Emérito da UFRN).

Não sei se no Hospital Anna Maria teve o prazer de ver mais um Prefácio seu publicado por mim (o último livro meu. E parei...). Este oitavo livro fala sobre os costumes judaicos no Brasil, e em Arez/RN, e por curiosidade própria, sei que Anna Maria amou tratar do assunto, ela que foi na Península Ibérica passear, recentemente, ao mesmo tempo em que foi atrás de suas raízes, talvez judaicas. Resultado: nada indica que a família Freire, advinda do Desembargador Teotônio Freire, seu avô materno, tenha vínculos com os judeus.

Há dois anos, liguei para Anna Maria e ela estava nos Emirados Árabes, em Dubai. Antes, esteve na Península Ibérica, como citado.

Ano passado (2014), cheia de alegria, ela me disse que foi em Paris, na França, simplesmente passear, na companhia de seu **filho** único, Nilton Cascudo, além de Daliana e Camila. Ela me disse que amou a viagem, o passeio, e revelou que Nilton lhe foi uma companhia maravilhosa.

Diga-se de passagem, conheci primeiro, antes de todos, Nilton Cascudo, em seu expediente no Memorial Câmara Cascudo. Em minutos, há mais de dez anos, Nilton me deu uma verdadeira aula sobre o movimento dos indígenas entre Arez e

outras paragens potiguares, demonstrando conhecimento profundo sobre a obra de seu avô, Luís da Câmara Cascudo. Para mim, Nilton, Daliana e Camila, têm o mesmo peso, se se comparassem os três em termos de inteligência e conhecimento em relação à obra de seu famoso avô.

Segundo minha maneira de ver e ouvir as pessoas, tanto Daliana Cascudo, com sua imensa inteligência e conhecimento sobre Câmara Cascudo, quanto Nilton e Camila são igualmente imbatíveis. Como biógrafo, escritor, amigo de Anna Maria, etc., que sou, avalio que Nilton Cascudo se me revelou ser mais uma *sumidade* no tema.

Finalizando meu pequeno texto, de reconhecimento e agradecimento, quero relembrar da segunda vez em que tive coragem de subir os mais de vinte andares onde fica a mansão de Anna Maria (afora a primeira vez em que ela desceu para me ouvir): da primeira vez que a coragem me deixou e subi, sempre às oito horas da manhã, morrendo de medo dos mais de vinte andares, ela me ofereceu café, bolo, pão, etc., e eu, sem pensar, lhe disse des-educadamente: – Anna Maria, não me alimentei em casa, em Arez. Obrigado pelo café, mas gosto de comer no *breakfest* ovo, queijo de coalho frito, etc. Foi apenas um comentário.

Somente um amigo confessa isso um para o outro...

Demorou para eu ir, de novo, na mansão de Anna Maria, mas, da outra vez, **não é que ela lembrou** e, antes de me atender, de manhãzinha, a cozinheira me trouxe pão com ovos, bolo, café, e queijo de coalho frito e crocante?

Essa é uma pessoa generosa ou não? Eu, um simples escritor e pobre. Ela me deixou feliz com sua lembrança, com sua memória prodigiosa, com seu amor aos que penam por ser alguém nesta vida!

Por tudo, por seis Prefácios de meus humildes livros (três deles esgotados), cada um com sua novidade da família Cascudo: obrigado Anna Maria Cascudo Barreto, Deus lhe pague.

Deus lhe pague pelos livros que você generosamente me deu, sempre os mais caros da coleção Cascudo, às vezes, em dinheiro vivo, para que eu os comprasse, sem mencionar seu nome, sua ajuda.

Peço a Deus que um dia nos encontremos de novo. Agora, só no céu. Juro a você que vou ser uma pessoa boa o bastante, generosa como você, para ter o prazer infinito de lhe encontrar lá, onde você está, no céu, junto com Deus!

Mulher-uma criatura sem igual

Por Andra Gabriela Prodea

A mulher é como as gotas de orvalho ao amanhecer
tão frágil como um pássaro que apertas nas mãos
com a maior cautela possível
Mais quando ela ama, se entrega plenamente
até que seus lábios arraigam-se
clamando os raios relutantes do sol
que acariciam com doçura cada porção de pele
E quando sofre, é capaz de sacudir iradamente a dor
com tal de não deixa-la rebentar à vontade
Ela da rédeas a sua paixão irreprimível
e quase pode parar o mundo que não giraria do mesmo jeito
se ela não estivesse procurando a felicidade
entre todas as borbulhas de sabão que saciam o céu
A mulher sempre será uma pincelagem excelsa do nosso Senhor
tresloucadamente rindo-se da Sua perfeição encapelada
junto aos anjos da guarda que a vigiam noite e dia
neste mundo onde a gente lida
com os instantes que passam sem olhar atrás
até quando se trata de uma criatura nobre como a mulher



VOVÓ

Por Angélica Villela dos Santos

Minha avó materna sempre foi muito brincalhona e fazia sucesso entre os familiares e conhecidos, ao contar, com muita graça, vários fatos ocorridos quando era moça e mesmo depois, já idosa.

Cheguei a presenciar um deles, quando, ao invés de lamentar e procurar resolver a situação, caí numa gostosa gargalhada, sendo seguido pelo outro personagem da história, que deixou o local sem mais nada reclamar e ainda deixando seu endereço para ressarcir os prejuízos de vovó.

Ela, nessa ocasião, contava já com seus setenta e cinco anos bem vividos, era lúcida, esperta, arrumava-se muito bem, sempre de acordo com a última moda e ainda dirigia seu Fusquinha 68, com mais de trinta anos de uso, mas cobiçado por muita gente, pois ela o trazia sempre reluzente e com todas as peças originais, em perfeito funcionamento.

Sáímos certa tarde, para ir ao Supermercado e numa das esquinas da cidade, onde o semáforo não estava funcionando, vovó diminuiu a marcha, olhou de ambos os lados, eu fiz o mesmo – e atravessou.

Eu só percebi um vulto escuro e grande, chocando-se no para-lama traseiro do nosso carro, do lado do passageiro. O susto foi grande, pois não vimos de onde ele surgiu. Sáímos imediatamente do carro, para enfrentar um furioso rapaz, alto e musculoso, que gritava:

__ Ô moça, você é cega? Olhe o estrago que fez no meu carro!

Eu já me preparava para defender vovó, quando ela, alto e bom som, respondeu, agitando os braços e demonstrando muita raiva:

__ Cego é você, que me chamou de moça...!!!





"Com tanta criança pela rua, vc vai ajudar cachorro?
Quem faz essa pergunta não ajuda
animais, nem humanos...
Não deve nem regar uma planta!"



29 DE ABRIL A 3 DE MAIO DE 2015

**VENHA
VIVER UMA
EXPERIÊNCIA
ÚNICA!**

INFORME-SE!

varaldobrasil@gmail.com

www.varaldobrasil.com

**HÁ FEIRAS DE LIVROS POR TODA PARTE... TODAS SÃO IMPORTANTES!
MAS GENEVRA TEM TODA UMA CLASSE QUE VOCÊ NÃO PODE PERDER!**

**Salon
du livre
et de la
presse Genève**


Varal do Brasil[®]
Literário, sem Frescuras

OUSEI ESCREVER POESIAS

Por Carmen Di Moraes

Numa noite de um dia...
"A Liberdade..." ali nascia...
Na poetisa que ousaria
Escrever poesia...

Era uma ousadia...
Uma mulher a escrever poesia...
Sobre a que sentia...

Sobre um templo sagrado...
"Pois muitos outros...
Templos eram profanados,
Maltratados, judiados...
Mutilados... e nunca respeitados..."

Ousaria falar sobre a mulher,
Seus começos, suas emoções,
Seus tropeços, suas ilusões...
Suas mágoas, suas aspirações...
E suas sensações... e suas paixões...

E depois de tudo... além de tudo...
E sobre tudo... ... da Liberdade...
Na fragilidade de ser mulher...
E na fortaleza do querer e do saber;

Que deve e tem que ser respeitada...
Como mãe, como esposa...
Ou como avó dedicada...

Uma mulher amada... como pessoa...
Não pode ser humilhada...
Ousei e me libertei...
E na poesia eu delatei...



AS MULHERES NÃO SÃO COMO ANTIGAMENTE

Por Cassiane Santos

Quero parabenizar a todas as mulheres pelo nosso dia, o dia internacional das Mulheres pelas suas conquistas, pensar que hoje nós Mulheres conquistamos tantas coisas, mais ainda há muito a ser conquistado, houve um tempo em que quando uma Mulher ficava sabendo que estavam grávida todos os amigos, parentes, e esposo ficavam imaginando se seria homem ou mulher e se fosse homem seria engenheiro, advogado, bombeiro, e se você Mulher seria dona de casa, quando eu ouvia isso ainda criança imaginava por que os homens podem ser grandes profissionais e as meninas deveriam ser donas de casa para lavar, passar, cozinhar e cuidar de filhos sentia que alguma coisa estava errada, nada contra a ser dona de casa mais eu sabia que nós poderíamos ir mais além e fico feliz que eu não era a única a pensar assim.

Hoje conquistamos o direito de votar, o direito de frequentar uma escola, nos formar e ser profissionais, devemos nos alegrar que hoje a mulher tenha cargos que antes era impossível às mulheres ocuparem.

Como cargo político, médicas engenheiras servente de obra, motorista, advogadas, empresaria, as mulheres provaram para a sociedade e para elas mesmas que poderiam ir além de uma cozinha ou um tanque de roupas para lavar, conquistaram respeito e admiração, estão ajudando a completar a renda de casa com seu trabalho, ajudando seus maridos.

Parabéns meninas que se dedicam a suas profissões, seus lares, suas famílias.

Nós tornamos ótimas profissionais, maravilhosas esposas e incríveis mães.



ÚLTIMA RAINHA DO NILO

Por Ceres Marylise Rebouças

Vivendo na opulência dos palácios,
dominou o país que cobiçava
conquistando o trono do Egito,
um país enfraquecido pelas lutas
e ambição milenar pelo poder.

Não sendo bela, mas com a intuição,
que na vida é própria das mulheres,
sabia como conquistar os homens
sem usar armas, mas com a sedução,
e muitos deles teve aos seus pés.

Júlio César cedeu aos seus encantos
ao recebê-la envolta num tapete
e de Roma a fez maior rainha.
O desprezo do povo a cercou
e o ódio dos traidores o matou.

Sem apoio, ela volta ao seu Egito
e com as armas que habilmente usava
conquistou o valente Marco Antônio,
mas sua arte não o conseguiu deter;
acordos políticos urgiam prevalecer.

De novo e sozinha, mais nada podia
e em Roma, aquele que tinha o poder
quis levá-la de volta às ruas romanas,
para em todas elas expô-la humilhada,
sendo arrastada como vil escrava.

A vida andou, seu Marco voltou.
Reuniram forças, retomaram lutas,
dominaram povos, conquistaram terras
mas mais uma vez o destino se impôs:
em plena batalha, a derrota o flagrou.

Pensando-a morta, o guerreiro se mata
e ela sem forças não quis resistir
cometendo suicídio, vencida e infeliz.
E no Vale do Nilo de tantas histórias,
o seu universo deixou de existir.



Da série: A HISTÓRIA UNIVERSAL EM VERSOS

NATÁLIA

Por Cléber Souza

A mulher que é feita nas águas doces
deixou que lhe rolassem
gotas salgadas pela negra face.

Por que chora?
Esquece o que nos disse Neruda?
O medo é também um caminho!

Anda, veste o seu vestido amarelo-ouro
e com suas pulseiras de cobre, decote
e salto alto, pise o asfalto,
ofusque o sol .

Como todos,
vai viver até que morra.
Esqueça o que disse o homem branco
de estetoscópio,
a ciência nada sabe dos seus dias.

Em meio a dissabores,
a vida é doce como as suas águas,
minha rainha.



A VIVÊNCIA DE UMA MULHER NO MUNDO JURÍDICO

Por Daisy Buazar

Sinto-me realizada na minha profissão. Trilhei o caminho que sempre sonhei desde a adolescência. Não fiz teste vocacional, não havia necessidade. Sempre soube o que desejava ser. Lembro-me até hoje da resposta que dei ao meu professor de Filosofia, do curso Clássico (Colegial) do Colégio Dante Alighieri quando perguntada sobre que profissão desejava seguir. Direito! Respondi sem hesitar, o que o deixou surpreso e estupefato. Explico. Ele era um advogado desiludido com a profissão, e tentou de todas as maneiras dissuadir-me de perseguir o meu sonho. Tudo em vão. Cursei a Faculdade de Direito da PUC/SP, formei-me, mas não advoguei de imediato.

Várias circunstâncias contribuíram para isso. Primeiro, não era fácil para uma recém-formada conseguir emprego; segundo, eu não tinha condições (materiais) de abrir um escritório; terceiro, eu saí da faculdade insegura, perdida, não sabia exatamente o que fazer...E, mais um agravante: eu era Mulher.

Já formada, prolonguei por um ano meu estágio na Procuradoria de Assistência Judiciária, e, quando este terminou, fiquei sem trabalho durante dois anos. Entrei em parafuso... Não sabia mais se queria advogar!

Foi, então, que a necessidade falou mais alto. Por indicação de um tio, consegui um emprego no Banco de Crédito Nacional, na área societária. Pasmem! Como estagiária... Fiquei sabendo, mais tarde, que não admitiam mulheres no Departamento Jurídico, e pelo salário que propus (doce ingenuidade) eu só poderia ser admitida nessa função. Permaneci nessa situação por quatro anos, quando, cansada de não ser atendida no meu pedido de alteração de função e aumento salarial, pedi demissão. Apesar da discriminação, devo admitir que adquiri certa experiência nesse campo, tanto que algumas semanas depois, recebi uma proposta para trabalhar no Banco Itaú, também na área societária, mas como Advogada e pelo dobro do salário que recebia no BCN.

Apesar de exultar de satisfação, pois era um reconhecimento de minha capacidade, demorei a aceitar. Depois de quatro meses “pensando”, enviando currículos, fazendo entrevistas, sem resultado à vista, mais uma vez a necessidade apontava em meu horizonte e resolvi aceitar a proposta do Itaú, que ainda estava de pé. Entretanto, agora um pouco mais madura e mais confiante em minhas potencialidades, oito meses depois pedi demissão, convicta de que não mais trabalharia nessa área ou em instituições financeiras.

Fiquei um ano sem trabalhar, agora por opção. Para pensar... Atriz, talvez? Tantos atores famosos eram formados em direito... E, ademais, eu achava que tinha talento para representar. Viajei para o México, Estados Unidos e Paris, e voltei ainda indecisa sobre que rumo a dar à minha vida. Seis meses pensando, refletindo, e concluí por fim que não podia jogar fora um diploma que havia conseguido com tanto sacrifício.

Aceitei o convite de duas amigas para trabalhar em seu escritório de advocacia, e depois de adquirir um pouco de prática, retomei a maratona de envio de currículo, até que me chamaram para uma entrevista em um escritório de médio porte. Fui admitida! Finalmente iria advogar. Áreas cível, família, trabalhista, um pouco de tudo. Clínica geral, como se costuma dizer. No começo tudo era novidade, eu me sentia importante, estava no auge, mas de nada valia o esforço, a não ser para ganhar mais experiência, pois o salário era muito pouco para o muito que eu trabalhava. Tinha hora para chegar, mas nunca para sair. Idas a cartórios, audiências na Capital, e cidades do interior, esporadicamente em outros Estados, atendimento a clientes, elaboração de petições, recursos, e algumas visitas a empresas de partido, onde a assessoria se dava “in loco”. Era explorada, assim como os demais advogados - ao todo seis - que lá trabalhavam. O dono do escritório, que deveria ter uns 50 anos - era um indivíduo rude, qualquer deslize, ainda que insignificante, era motivo para gritarias, ofensas, humilhações. Aguardei essa situação durante três anos, pois, apesar de tudo, aprendi bastante.

(Segue)

Não raras foram as ocasiões em que eu, em reuniões - marcadas quase sempre para depois das 19 horas, me via discutindo com ele, argumentando, debatendo, e frequentemente deixava a impressão de que eu sabia mais do que ele.

Cansada de tanta exploração e humilhação, resolvi fazer cursinho preparatório para ingresso em carreiras públicas. Saía do escritório às 19 horas (às vezes no meio das reuniões, sem dar importância à expressão de desagrado do chefe) e lá ia eu, feliz da vida, voltar a estudar. No final daquele ano, inscrevi-me para o concurso de Procurador do Estado. Saí do escritório e fiquei três meses estudando como uma louca, das 8 horas da manhã às 18 horas e à noite ia para o cursinho. As provas foram difíceis, especialmente as questões de processo civil, pensei até que não seria aprovada, mas felizmente passei . A posse foi emocionante. Na época, Franco Montoro, que havia sido meu professor na PUC, era o governador do Estado e como também era procurador do Estado (licenciado), fez questão de que a cerimônia se desse no Palácio. Eu era Procuradora do Estado! Quanto orgulho senti na ocasião e ainda o sinto agora. Mesmo aposentada, quando me perguntam o que faço , se trabalho, digo em primeiro lugar que sou Procuradora do Estado, e depois digo que sou escritora, aliás, que pretendo ser.

Foram dezessete anos de minha vida dedicados exclusivamente à Procuradoria, uma instituição que, embora carente de infraestrutura, me deu muitas alegrias, alguns aborrecimentos - acho que eles acontecem em qualquer profissão -, mas muita satisfação. O trabalho que ali desenvolvi foi gratificante sob todos os aspectos .Relevância das funções, oferecendo assistência jurídica aos carentes de recursos e a consultoria jurídica à administração pública, respeito dos colegas, reconhecimento dos juizes e promotores com os quais tive o prazer e a honra de fazer audiências, dos funcionários dos cartórios, especialmente os das varas da família e sucessões, que viam os procuradores do estado com bons olhos. Enfim, trabalho árduo, que exigia sacrifícios (em muitos fins de semana eu levava processos

para casa), mas que no final foi recompensador.

A despeito da discriminação sofrida no início de carreira, desejo enfatizar que qualquer que seja o caminho a seguir - profissional liberal, procuradoria, ministério público ou magistratura, o importante é se aperfeiçoar, se dedicar de corpo e alma à profissão escolhida, e ser o mais competente possível. O reconhecimento é uma consequência natural do mérito com que a desempenhamos . Por isso, levanto a cabeça, alteira, estufo o peito, e digo a mim mesma e a quem quiser ouvir: “Eu tive um sonho e o realizei!”

PARTICIPE DO III PRÊMIO VARAL DO BRASIL DE LITERATURA!

Textos infantis

Crônicas

Contos

Poemas

**Regulamento no site do
Varal ou pelo e-mail
varaldobrasil@gmail.com**

ESCRITOR, VENHA PARTICIPAR DO SALÃO DO LIVRO E DA IMPRENSA DE GENEBRA!

Divulgação
do
seu livro

Sessões de
autógrafos

Contatos
(network)

Realçando a
Língua
Portuguesa!

Um
evento
único!

O maior
evento
literário da
Suíça!

29 de abril a 3 de maio de 2015

Informações: varaldobrasil@gmail.com

www.varaldobrasil.com

Salon
du livre
et de la
presse Genève


Varal do Brasil®
Literário, sem Frescuras

III PRÊMIO VARAL DO BRASIL DE LITERATURA 2015

POESIAS

CONTOS

CRÔNICAS

TEXTOS INFANTIS

Leia o regulamento em nosso site ou peça pelo e-mail

varaldobrasil@gmail.com

Inscriva-se!

varaldobrasil@gmail.com

Deixe a sua imaginação
voar alto!

Concurso internacional!



VOCÊ ESCREVE LIVROS INFANTIS?

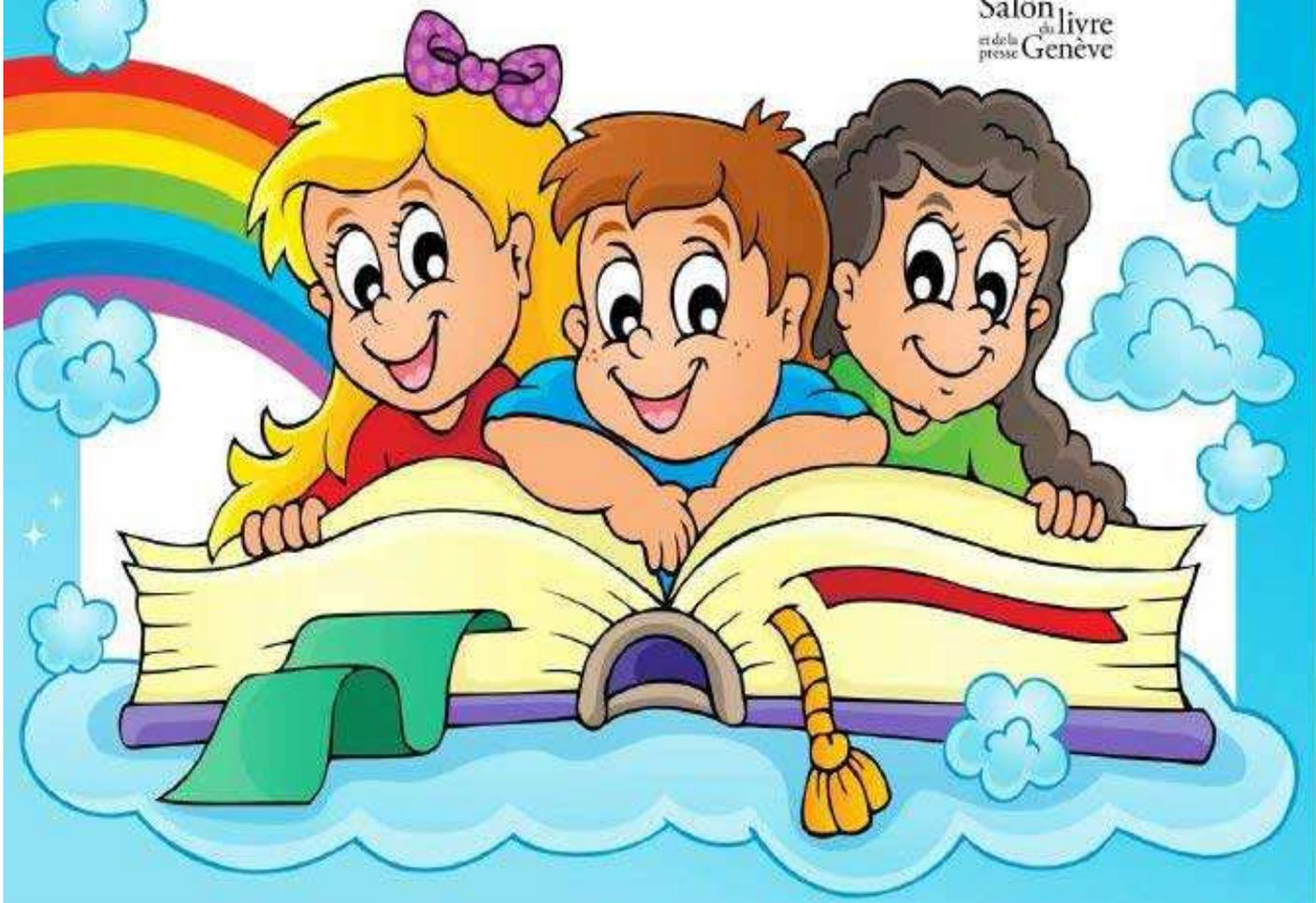
Este é um dos gêneros mais procurados no
Salão do Livro de Genebra, Suíça!

Traga seus livros para divulgação e venda conosco!

Você pode vir autografar ou enviar seus livros pelos correios.

Informações: varaldobrasil@gmail.com

De 29 de abril a 3 de maio de 2015



O Silêncio da mulher

Por Darcy Berbert

O homem separou-se de sua conjuntura e dimensão pelo qual sua vida foi transformada no sentido de sua plenitude e, é incapaz de conviver com as diferenças.

Ele entende muito bem o que é “certo ou errado”, porque aprendeu com a sociedade, mas muitos deles não absorveram os valores e fazem opção pelo outro caminho; e ainda podendo se controlar opta pelo segundo caminho.

Muitas vezes pratica um crime para resolver conflitos sociais. A violência não nasce de uma hora para a outra; ela é adestrada ao longo do tempo.

Há um preparo para o roubo e outros crimes: exige um planejamento e um tempo oportuno para realizar seus intentos. Quando se trata do convívio familiar, muitas vezes melhoram o relacionamento para que a vítima não perceba o que irá acontecer com ela, aguardando a oportunidade de agir.

Estudos indicam que a depressão masculina está vinculada à desordem primária da esfera afetiva. Comportamentos impulsivos podem levá-los ao suicídio ou outros desvios de conduta e caráter - como dívidas, alcoolismo ou drogas.

Rousseau tem a convicção de que o homem é bom por natureza, e afirma que os costumes degeneram à medida que os povos desenvolvem o gosto pelos estudos e pelas

letras.

Segundo Jean Jacques - o homem natural é bom, e no isolamento é igual a todo o homem. E a partir do momento que resolve viver em sociedade é que as desigualdades aparecem. Existe uma grande distância entre o Homem Natural do Homem Social. Aristóteles diz que o homem sendo naturalmente animal social, político, não pode realizar a sua perfeição sem a sociedade do estado.

O Homem como ser racional é capaz de matar para a sua sobrevivência. Cadê sentimentos, solidariedade, sensibilidade, afetividade? Passa a ser inimigo dele mesmo, causando dano a si próprio e aos outros, tornando-se fracassado, covarde e sem domínio próprio.

A natureza tem explicação para o Homem - ele busca dominá-la, e ela se volta contra ele. Os resultados estamos vendo nos fenômenos naturais que varreram cidades ao redor do mundo: Tsunamis, furacões, tempestades ou qualquer outro fenômeno que demonstra a fúria da natureza em cima daqueles que tentem destruí-la. O homem é um ser violento, egoísta, cruel e incapaz de mudar o paradigma de sua história.

As mulheres igualam aos homens em termos de igualdade social, política e econômica. Atualmente nossa nação brasileira está sendo representada pela primeira vez por uma mulher (Presidente do Brasil).

Entre 1997 e 2007; 41.532 mulheres foram assassinadas.

(Segue)

O mapa da violência em 2010 feito pelo Instituto Sangar baseados em dados do (SUS) apontou que uma mulher é morta a cada duas horas no Brasil, mostrando a gravidade do problema das mulheres. E aonde vamos chegar? Os homens morrem mais em acidentes de trânsito, armas de fogo, brigas, drogas e outras causas de violências.

A mulher é menos agressiva que os homens. Os crimes cometidos por homens contra as mulheres são na maioria das vezes por motivos passionais: ciúmes, machismo, rejeição, desejo de domínio; ou questões domésticas: para fugir das pensões aos filhos, partilha de bens, ou outras questões que envolvem o dinheiro. As cadeias estão abarrotadas de homens e muitas mulheres presas, porque fizeram parcerias com seus homens.

Os homens não entendem que são frágeis, eles matam mulheres porque elas são mais fortes que eles. Se eles fossem os fortes não precisaria de cadeias e leis. Em algumas cabeças de homens há muita confusão, como no caso de pederastia e outras situações que envolvem o sexo. Em muitas situações de separação quase sempre ele leva a melhor, movido pelo egoísmo e a falta de amor, se exime da responsabilidade com os filhos. Quando têm amantes é um desastre e usam de má fé. Quando o desejo do mesmo é largar da mulher, fazem de tudo para desprestigiar a esposa. A mulher agredida em seus afetos, torturada por pensamentos de angústia, com a autoestima baixa, sai de casa. Eles argumentam abandono de lar, ficam com os filhos e a moradia. Desmoralizada diante dos filhos e da

família, a mulher vai a procura de um novo destino. Há casos inusitados em todo lugar, em que o camarada com amante durante anos com filhos fora do casamento, consegue expulsar a esposa de casa usando psicologia ou outros artifícios, desarmando a coitada até em sua profissão. Continua com a sua amante mas não assume o relacionamento, fica com a casa e os filhos. Espertinho! Faz a cabeça dos filhos e os jogam contra a mãe. As lágrimas, desta mãe amorosa que todos os dias se lança em oração, espera por um milagre de Deus para ter novamente os filhos em seus braços.

A falta de respeito às mulheres agride a própria natureza, e sendo elas mãe dos homens e das mulheres, delas brotam os frutos humanos para servirem desta terra mãe, contemplando a paisagem linda deste planeta. Sem a mulher não há vida, em todos os seres vivos neste planeta existe a fêmea e sem ela não existe vida. Assim é com todos os seres vivos-animais e vegetais. Os homens destroem a mãe terra e matam a mãe deles.

Mulheres, sejam valentes, encaminhem seus filhos, não se esqueçam que, como dizia Antoine de Saint-Exupéry "foi o tempo que perdeste com tua rosa que fez tua rosa tão importante". A responsabilidade é de vocês. Deixem de serem objetos dos homens, assumam a responsabilidade de serem mães. Vocês são as únicas privilegiadas e abençoadas por Deus para sofrer as dores do parto, em colocar filhos neste mundo. É certo afinal de contas, que neste mundo nada nos torna necessário a não ser o amor.

ESPAÇO FEMININO

Por Dilercy Adler

Espaço mulher
mulher no espaço
espaçonave espaço cósmico
cômico espaço...
 inusitado
das normas
 do corpo
 do sexo
 do leite materno
que eterno sangra
do peito
a jorrar a boca a dentro
do homem!

MULHERES

Por Dulinda Garcia

Tecelãs
incansáveis
tecem vidas
fazem vivos
os seus lares
repartindo
alegria em pedaços
pintando
bordando
e rebordando a vida
com esperança
de meninas
que
enquanto esperam
rezam
pra que o tempo
seja breve.

E AGORA, MARIA?

*Homenagem a um dos maiores
poetas de todos os tempos:*

*Carlos Drummond de
Andrade*

**“As estrelas estão fechadas.
Volte outro dia”
Dizia o cartaz no pé da serra.**

Por Eliana Machado

O que fazer, Maria?
E agora, Maria?
Sua roupa está lavada
Sua casa arrumada
E a comida preparada.
A mesa posta
A cama feita
O pó tirado
E sua alma...
Despedida.

E agora, Maria?
Se você soubesse,
Se você cantasse,
Se você escrevesse
Uma comédia musical
Para o teatro da vida
Aquele que teve, um dia.

E agora, Maria?
Você quer chorar
Mas as lágrimas secaram
Você quer gritar,
Gritar para quê?
Ninguém a ouve.

Você quer morrer,
Mas o céu está fechado.
Nem sequer você tem escolha...

E agora, Maria?
E se você trocasse de filosofia?
Vai, Maria, vai pro Inferno.



Ideal do ser mulher

Por Elinalva Oliveira

Para isso fomos feitas, para amar e ser amada,
Cultivar a esperança, ver nascer na longa estrada,
Dias férteis de alegria, plantar e colher em versos,
Rimas e votos de amor sem nostalgias,
Embalar todos os sonhos, viver tantas aventuras,
Sim, esse é o nosso ideal, pulsar a vida, renascer a paz,
Seja outono, quem sabe estação primaveril,
E nesses matizes mil, colorir o mundo,
Proclamando ai, a felicidade sem fim,
Em uma manhã, propicia coberta pela esperança,
Saboreando, o prazer de um grande amor encontrar.



MI CUERPO ES MIO

Por Daniel de Cullá

Trazando en una superficie por medio de líneas, trazos y sombras la figura de un cuerpo de niña, describiendo con propiedad una escena que quiere hacer suya la aguda y cruel intención de la ley mordaza con que zaherir, una pasión del ánimo aplicada a los curas que se valen por su mano para asir de los cordeles de la fe antes de dar abajo, Fávalos Fernandarias arremetía contra la Iglesia y el Estado y contra los hombres despreciables y puteros que quieren hacer suyo el cuerpo de mujer, cuando lo único que deben hacer es abstenerse de hacer o decir más de lo estrictamente necesario en relación a su cuerpo pero no sobre el cuerpo femenino, por muy caballeros o curacas que se tengan en más punto.

Desde los tiempos del cristianismo, la culpa del Asno la echaron a la Jumenta; y por culpa de la mujer se suicidó el obispo, claro. Y así hasta nuestros días, que parece que se han hecho coplas y las hemos oído cantar, como resultado de cultivar las propias facultades machistas, el trato social homófobo y aquellos conocimientos que sólo llevan a la posesión y al ultraje.

-¿Qué pinta aquí el pie del pseudo profeta y el pie del notable político representado como en heráldica un animal con garras y con cola?, se pregunta Fávalos.

-Estos, los políticos, prosigue Fávalos, tratan a la mujer como delincuente, y la Iglesia quiere sacar de ellas una cosa, pagando el diezmo del sexo. Ese es su sueño.

Siendo notables los logros conseguidos por la mujer en su libertad, en su personalidad y en su propiedad única del cuerpo, no pasan por la cabeza del macho tan riguroso, tan matador, que su afán es poner lo femenino en bajo concepto y precio, y ponerles ronzal místico o cabestro mordaz, formando y perfeccionando a una por medio de la falsa instrucción y buena estaca.

“Vidas libres de violencia machista”



**Você sabia que quando você solta fogos
eu sinto palpitações, taquicardia,
tremores, náuseas, pânico,
atordoamento e medo de morrer?**



Parece pouco pra você?

**Nestas festas não seja um robozinho
igual aos outros.**

Diga NÃO aos FOGOS!

**ANIMAL NÃO É
BRINQUEDO!**

SENTE FOME, SEDE, FRIO E MEDO...

**ABANDONO
DE ANIMAIS
É CRIME!**

LEI 9.605/1998, ART. 32



FB.COM/CNJ.OFICIAL

Salon du livre et de la presse Genève

29 de abril a 3 de maio de 2015



CELEBRE!

**Você e seu livro no maior
evento literário suíço!**

**Você e seu livro num dos
melhores eventos culturais
da Europa!**

Peça **INFORMAÇÕES**

pelo e-mail

varaldobrasil@gmail.com

Você vai realizar um sonho!



Salon du livre et de la presse Genève

29 de abril a 3 de maio de 2015



CELEBRE!

**Você e seu livro no maior
evento literário suíço!**

**Você e seu livro num dos
melhores eventos culturais
da Europa!**

Peça **informações**

pelo e-mail

varaldobrasil@gmail.com

Você vai realizar um sonho!



**III
PRÊMIO
VARAL
DO
BRASIL
DE
LITERATURA
2015**



**poesia
crônicas
contos
textos infantis**

inscreva-se varaldobrasil@gmail.com

FLORES NOS CANTEIROS DA HUMANIDADE

Por Elisa Alderani

Escrever falando da mulher, sendo eu uma delas, é complicado. Pela sensibilidade e delicadeza da mulher sempre se falou que ela é sexo frágil, mas nela se esconde também um homem forte e inteligente. E cada homem pode ter traços de uma mulher doce, compreensiva e paciente... Já sei, talvez não concordem comigo, mas pensem um pouco em sua mãe, quantas vezes ela precisou ser um homem forte, conseguindo fazer o que o esposo ausente faria. E quantas vezes seu pai se fez de mãe em ternura e carinho na ausência momentânea da esposa. Está certo que isso acontece só de vez em quando, mas não se pode excluir que esses dotes se encontram seja no homem que na mulher. Existem muitos tipos de mulheres, cada uma delas nasce com suas virtudes especiais. Mas, todas elas têm no íntimo uma vocação natural na genética da maternidade. Apesar da modernidade, vendem-se sempre muitas bonecas para as meninas e carrinhos para os meninos. Desde pequena a menina é treinada para ser mãe. Reparei isso outro dia saindo do supermercado vendo uma menina empurrando o carrinho com a bonequinha dela. Comparei: Mulher mãe e mulher menina... Já amando e pajeando uma bonequinha. A maternidade faz a grandeza extraordinária da mulher, faz dela uma santa e heroína quando cria até só um filho, ou às vezes dois ou mais, enfrentando muitos desafios até eles se tornarem adultos. Na sociedade são inúmeras as atividades oferecidas às mulheres e, as preparadas ocupam cargos importantes com ética e eficiência incomparável. São as mulheres líderes e empresárias. Além disso, elas desenvolvem com competência o papel de esposa e mãe, oferecendo o melhor de si com ternura, paciência e compreensão, nem sempre com a cooperação e ajuda do seu companheiro. Quando isso falta, o trabalho dela fica mais complicado. Começam a surgir divergências e a cobrança, e para a mulher não é nada fácil a superação das dificuldades que ela tem de enfrentar sozinha. Atualmente temos também mulheres que escolhem uma vida diferente, optam para vida religiosa, gostam de silêncio e oração, escolhendo uma vida diferente que o mundo atual lhe oferece, elas atendem ao chamado de Deus. São muitas ainda as mulheres que sofrem com a violência, a discriminação, seja na própria família que na vida social. Ainda temos diferenças a serem superadas, apesar da emancipação feminina destes últimos anos nem todas as mulheres conhecem os seus direitos. Em muitos estados o Brasil e em outros Continentes menos desenvolvidos, carecem de educação suficiente e saúde. Não tem como se pensar num Mundo sem a presença da doçura das mulheres. São elas: "As Mulheres" que sabem enfeitar como as flores todos os canteiros dos jardins da humanidade.



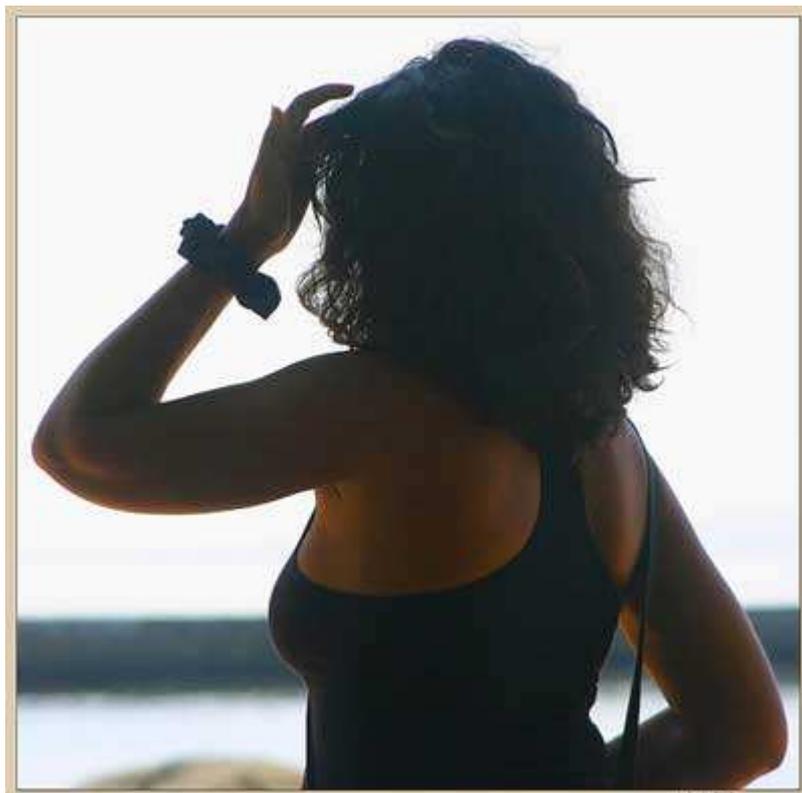
Mulher: olhar no coração

Por Eloisa Menezes Pereira

Somos temidas pela História
Promovidas pelo afeto da sutileza
Circulando a vitória
Transformando a frieza

Mulher, tua indenização
Esculpe o cenário da oportunidade
Detalhas a imaginação
Alinhavando a sanidade

Interages pelo tempo
Diagnosticando a evolução,
Qualificas o sentimento
Ampliando a relação



EXALTAÇÃO

Por Eurípedes Rodrigues da Costa

01
mulher
dádiva
de
Deus
louvada
seja

02
Eu te quero e tu me queres.
Em ti, doce amada,
Amo todas as mulheres.
mar.

03
Desde a criação, Deus sabia:
A conexão com Ele
A mulher não perderia.

04
Sempre louvarei a mulher:
Sinto no sorriso dela
A presença de Deus.

05
A todas mulheres bendigo.
das:
Elas são “portas para Deus”,
Carrego essa crença comigo.

06
tanto
erotismo
exposto
vulgariza
você
mulher

07
Receita do vovô Gilmar:
- Ouça a voz da mulher,
Antes de uma decisão to-

08
Vivia sem direção.
O amor de uma mulher
Foi a minha salvação.

09
Mulher, estrela-guia:
Sem a luz do seu amor
O homem não subsistiria.

10
As mulheres devem ser glorifica-
das:
Sem a participação delas,
As igrejas estariam fechadas.



duas mulheres (um poema pra elany morais)

Por Fabio Kerouac

duas mulheres vão de mãos dadas
elas se amam
elas se dão
as mãos
e nada as a deixam incomodadas...

elas se amam... as duas mulheres de mãos dadas pela
rua...
nenhuma delas estava nua
e só andam de mãos dadas...

as mulheres de mãos dadas se amam
e de mãos dadas, as duas mulheres,
às vezes se beijam

estão sempre por aí, sem medo do amor...
sem medo de ti, sem medo... de dar as mãos e um
beijo!

o amor é livre
como o beijo numa flor
e numa mulher de sempre-livre
não importa o papa argentino
nem o deus brasileiro
as mulheres, que andam de mãos dadas,
se amam sem qualquer impedimento ou olhar alheio...
além das 4 paredes !

MULHER ROSA

Por Fátima Silva

As pétalas da rosa esfarelam nas mãos da mulher.

Deixa exalar seu perfume.

Sem se importar com a violência sofrida.

Os espinhos rasgam as mãos.

Que tentam sufocá-la.

Quem sabe ...

Amordaçá-la.

Lágrimas escorrem sobre o rosto da mulher.

Seu corpo também está machucado.

Há cicatrizes profundas na alma.

No corpo há também meros arranhões.

Nada que uma pincelada de mertiolate não cicatrize.

O vento sussurra em seus ouvidos.

Abafa os gritos de sua alma angustiada.

Machucada...

Esmaga a rosa em suas mãos.

Resta ainda uma pétala.

Fria... Sem vida.

A mulher escuta seu coração bater.

Ela vive.

Respira profundamente.

Olha o firmamento distante.

Sente seus pés em terra firme.

A brisa vespertina.

O dia termina.

A rosa em suas mãos findou.

Sabe que tem uma longa trajetória.

Recolhe em suas lembranças o aroma da rosa.

A maciez das pétalas.

A dureza dos espinhos.

O odor do sangue.

Caminha lentamente.

Sente que tem uma longa caminhada pela frente que se chama;

VIDA!



Mulher

Por Gaiô

Mulher! Tu bem o sabes!
Pedes passagem à tua mente
Que diferente perscruta tua antecedente luta
Travada pra aqui chegar...
Vês! Tuas lutas anteriores, memória sem glória
Antepassado na história, tua avó, mãe, nas salas, cozinhas,
Nos quartos, nas ruas, nas roças, bramindo ao vento bandeiras!
Desde a fábrica as infindas regras do mundo irreal,
Nunca alvissareiras...memórias.
Menina, moleca, moça, romântica...trabalhadeira!
Nunca sujeita ao comando, apenas convívio possibilitando.
E calada, a palavra que não disse, pensante determinada,
Mulher, mãe, professora, educadora, artista da vida,
poesia escondida, comprida...e cumprida...nem sempre percebida.
Resta ao coração, bravia intuição, desbravar a rota contínua
Do espaço consciência em expansão...
Um dia, Mulher, serás vista independente,
No colo da vida emancipada, e mesmo sofrida
Na glória de ser e estar reconhecida...
Para sempre amada.



ISABEL, A CAMPONESA

Por Gilberto Nogueira de Oliveira

Era uma noite esplendida,
A lua clareava tudo
Exceto o longo caminho
Da camponesa Isabel,
Que voltava do trabalho
Em direção à sua casa.

Estava morta de cansaço,
E o esforço era muito.
Lutava contra a distância
Que a separava da paz.
Debatia-se consigo mesma.

Sem saber de onde,
Aparecem dois rapazes
Filhos do fazendeiro
E barra o seu caminho,
Triste e miserável,
Como sua própria vida
De camponesa trabalhadora,
De donzela honrada.

Sem nada falarem
Os rapazes agarraram-na,
E Isabel grita
E de nada adianta.
Em seguida é jogada
Brutalmente no chão,
E os rapazes a possuem
Com a força do demônio,
Só para se divertirem.
Malditos latifundiários.
Não veem que Isa-
bel
É uma pobre camponesa

Miserável e surrada,
Pelo trabalho do dia a dia?

E agora?
Que será da camponesa?
Quando seu pai souber
Não a aceitará em casa.
Qual será o seu caminho?
Que dirá seu noivo?
Ele é um camponês trabalhador.
Qual será a sua tragédia?

De agora em diante
Seu caminho será único.
Os prostíbulos miseráveis
Da cidade mais próxima.

Os rapazes chegam em casa,
Contam ao pai o acontecido.
Este sorri orgulhoso
E apenas responde:
-Vocês são machos mesmo...

No dia seguinte
O pobre pai de Isabel,
Vai reclamar a responsabilidade
Com o poderoso fazendeiro.

O camponês reclama
A honra de sua filha,
E pede ao fazendeiro
Que seu filho se case
Com a pobre camponesa.
Ele lhe deve a honra.

(Segue)

O fazendeiro, sarcástico
Solta uma gargalhada
Que faz o pobre camponês
Chorar de humilhação.
O fazendeiro deixa claro
Que um filho seu
Não casará com uma “vagabunda qualquer”
Que nem tem o que vestir.
Deixa claro também
Que se o camponês insistir
Em cobrar a “falsa” honra
Da camponesa Isabel,
Ele e sua família
Serão expulsos da fazenda,
E morrerão de fome.

O camponês chora de humilhação..
Ao chegar em casa,
Isabel já tinha ido
Morar num prostíbulo.
Seguia a escola do mundo.
Seguia a escala do submundo.

Agora Isabel se alugava
Pelo café da manhã.
Agora Isabel se vendia
Pelo almoço do meio-dia.



PARTICIPE DAS ATIVIDADES DO VARAL DO BRASIL!

- REVISTAS
- ANTOLOGIAS
- SALÃO DO LIVRO DE GENEBRA
- CONCURSO LITERÁRIO

ONDE NÓS
ESTAMOS ESTÁ A
LITERATURA SEM
FRESCURA, AQUELA
LITERATURA ONDE
TODOS SÃO IGUAIS
E O TALENTO DE
TODOS É ESPECIAL!

VENHA PARA O
VARAL!

varaldobrasil@gmail.com



HISTÓRIA DO BRASIL SOB A ÓTICA FEMININA

Hebe C. Boa-Viagem A. Costa

Maria Quitéria, a mulher soldado

1797 – 1853

“Ela é iletrada, mas viva. Tem inteligência clara e percepção aguda. Penso que, se a educassem, ela se tornaria uma personalidade notável. Nada se observa de masculino nos seus modos, antes os possui gentis e amáveis.” Essas foram as palavras da escritora inglesa Maria Graham para descrever Maria Quitéria, figura de destaque na consolidação da independência do Brasil.

Maria Quitéria, filha do fazendeiro Gonçalo Alves de Almeida e de Maria Quitéria de Jesus, nasceu em São José de Itapororocas, no ano de 1797, na antiga Província da Bahia. Há, entretanto, controvérsias quanto ao local e a data de seu nascimento.

O fato de ser analfabeta não a tornava diferente das outras mulheres do seu tempo. Outras características a distinguiam. Cresceu na zona rural onde aprendeu a montar cavalos e a usar armas de fogo. Aos dez anos, com a morte da mãe, passou a administrar a casa e a cuidar dos irmãos mais novos. Quando o pai se casou novamente, Maria Quitéria e a madrasta não se entenderam e o ambiente doméstico ficou pesado. Após a morte da segunda mulher seu pai casou-se novamente. A família aumen-

tou e a situação foi ficando cada vez pior. Maria Quitéria vivia mais na senzala do que na casa grande e, talvez por isso, aprendeu a aspirar à liberdade. Era uma vida insossa, medíocre, que não se ajustava a sua maneira de ser.

Fazia parte dos costumes de então as jovens se casarem a partir dos treze anos com noivos escolhidos pelos pais. Por que, sendo ela uma mulher bonita, filha de fazendeiro, aos vinte e cinco anos ou mais, ainda permanecia solteira? Seria por displicência paterna ou decisão dela própria de não aceitar imposições?



Domenico Failutti

De inteligência clara e percepção aguda, ao atingir sua maioridade, compreendeu que para realizar-se não podia esperar ajuda dos outros e sim dela mesma. O momento histórico deu-lhe a oportunidade desejada.



Em 1822, logo após a declaração da independência, forças portuguesas e brasileiras se confrontaram na Bahia. Portugueses queriam que o Brasil continuasse colônia enquanto os brasileiros aspiravam a consolidar a sua emancipação. Nesse clima, a Junta Conciliadora de Defesa, sediada em Cachoeira (BA), conclamou os habitantes da região a se alistarem para combater os portugueses. E Maria Quitéria atendeu ao chamado! Ela foi a primeira mulher a assentar praça numa unidade militar em terras brasileiras!

Não foi fácil. Seu pai não concordou com sua decisão prometendo até mesmo deserdá-la e não mais reconhecê-la como filha se ela lhe desobedecesse. Ela, entretanto teve coragem e firmeza nos seus propósitos,

e, como a pátria, aspirava à liberdade. Fugiu de casa e, com o uniforme do cunhado, cabelo cortado, alistou-se inicialmente no Corpo de Artilharia e, posteriormente, no de Caçadores, com o nome de Soldado Medeiros. Como tal logo se destacou pela sua coragem, disciplina e habilidade no manejo de armas de fogo. Com esse perfil conseguiu o posto de cadete, com direito a portar espada, que lhe foi concedido pelo governador da Província.

Depois de muita procura, o pai descobriu o seu paradeiro e, revelando a verdadeira identidade de Maria Quitéria, pediu ao major Silva e Castro que a desligasse da tropa. O pedido foi negado, pois nem o machismo reinante nessa época foi capaz de diminuir a importância da valente baiana. Sua permanência no Exército era um fato inusitado. De acordo com os costumes de então, o espaço reservado à mulher era o doméstico e tão somente esse. Transgredir esses limites era um fato escandaloso. Era o que o pai e muitas outras pessoas achavam!



Fiel a seus objetivos, Maria Quitéria participou de muitos combates: na defesa da foz do rio Paraguaçu impedindo o desembarque das tropas portuguesas em Conceição, Pirajá, Pituba e Itapuã. Em todas as situações revelava bravura, intrepidez e destemor. Consta que invadiu sozinha uma trincheira inimiga e fez prisioneiros levando-os para o seu acampamento. Ganhou o respeito de todos e seu exemplo entusiasmou muitas mulheres. Elas também queriam expulsar o inimigo! O Exército criou, então, a Companhia Feminina, e deu o comando a Maria Quitéria.

Finalmente, brasileiros e brasileiras conseguiram que as tropas portuguesas comandadas por Madeira de Melo, derrotadas, zarpasssem para Portugal. No dia 2 de julho de 1823, juntamente com as tropas vitoriosas, Maria Quitéria entrou em Salvador. Como cadete, portava espada e *envergava original farda azul, com saio por ela mesma modelado, além do vistoso capacete com penacho*. Mesmo sem ter sido educada, a baiana sertaneja tornou-se *uma personagem notável!*

Sua fama de guerreira intrépida fez com que ela embarcasse para o Rio de Janeiro e fosse recebida na Corte, em audiência especial, por D. Pedro I. Nessa ocasião, o imperador concedeu-lhe a reforma, o soldo de “Alferes de linha” e a condecoração de “Cavaleiro da Ordem Imperial do Cruzeiro do Sul” em reconhecimento a sua magnífica atuação na luta contra os inimigos da Pátria. Que mais ela poderia desejar? Na sua habitual desvoltura, queria do imperador uma carta dirigida a seu pai pedindo que a perdoasse por lhe ter desobedecido.

Depois desse período agitado na Corte, onde todos a olhavam com respeito pela sua bravura, se encantavam com sua beleza, suas maneiras gentis e se surpreendiam com a ousadia de seu uniforme, o que aconteceu com a jovem heroína?

Ao que tudo indica, estava realizada e não se perturbou com toda glória. Voltou à Bahia, conseguiu o desejado perdão do pai, reatou o seu romance com o antigo namorado, o lavrador Gabriel Pereira Brito e, dessa união nasceu Luisa Maria da Conceição. Não há documentos que comprovem o seu casamento.

A partir daí, são raras as informações a seu respeito. Sabe-se que, quando ficou viúva, mudou-se para Feira de Santana na tentativa de receber parte da herança do pai que falecera em 1834. Diante das dificuldades encontradas, desistiu de acompanhar o inventário e foi com a filha para Salvador. Só depois de duas décadas é que o inventário foi concluído. Seus Autos sumiram do Fórum de Feira de Santana e, com isso, perdeu-se mais uma fonte de dados sobre a família de Maria Quitéria..

A brava sertaneja tão festejada na sua mocidade enfrentou uma velhice cinzenta. A cegueira progressiva, a pobreza extrema e o esquecimento a acompanharam nos seus últimos dias. Sua herança chegou depois de sua morte e foi a filha que a recebeu.

Faleceu no dia 21 agosto de 1853. Não recebeu as honras militares e nem o túmulo reservado aos heróis. Não se sabe, hoje, o paradeiro de seus restos mortais.

(Segue)

Anos mais tarde o governo brasileiro a homenageou criando uma medalha honorífica que recebeu o seu nome.

No Centenário de sua morte, o então Ministro da Guerra determinou que inaugurassem no dia 21 de agosto de 1953, em todos os estabelecimentos, repartições e unidades do Exército, o retrato da valorosa mulher-soldado.

A 28 de junho de 1996, Maria Quitéria de Jesus, por Decreto do Presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, passou a ser reconhecida como Patrono do Quadro Complementar de Oficiais do Exército Brasileiro.

Apesar dessas homenagens feitas pelo Exército, das cidades que dão seu nome a ruas e praças, falta ainda maior divulgação de seus feitos para a população em geral. Afinal, foi ela a primeira brasileira a ocupar um espaço público, local até então vedado às nossas mulheres. Afinal, como pioneira, abriu caminho para que outras rompessem as barreiras que as cerceavam.

Para saber mais:

COSTA, Hebe Boa-Viagem – Elas, as pioneiras do Brasil – Ed. Scortecci- SP - 2005



Teresa Carolina

Por Gilda Brasileiro

Teresa Carolina já nasceu com o nome composto e pomposo. Sua mãe que escolhera, e por isso a chamava de Rainha. Havia escutado de uma cliente no salão de beleza que trabalhava. Alguém estava falando que era o nome de uma rainha da Europa.

Pensou consigo: O dia que tiver uma filha se chamará Teresa Carolina e será a Rainha do Brasil. Não fez por menos quando a menina nasceu. Era Rainha pra cá, Rainha pra lá. Tê, era assim que gostava de ser chamada, não ligava para o seu reinado, era fã mesmo da tal tecnologia, e quando o videocassete de muitas cabeças chegou à sua casa, quase enlouqueceu. Iria gravar todas as novelas possíveis. Bem verdade que as clientes de sua mãe já estavam consumindo os DVDs, mas mesmo assim ela não ligava, porque sabia que o próximo passo era aguardar aquele mini aparelho chegar em sua casa e os vizinhos correndo enlouquecidos para espionar o último avanço tecnológico possível que aquela família apresentaria. Sempre fora assim, com o micro-ondas, com o telefone sem fio, com tudo que era novidade e daí ficavam meses comentando as novidades.

A Rainha cresceu, estudou História, porque segundo a própria, era uma profissão que não tinha matemática. Para sua mãe, era uma forma de contextualizar a menina que estava sendo preparada para cargo tão importante. Mas Tê achava que a matéria era para homens ou loucos, e esse não era o seu caso.

A menina virou mulher, e bem verdade que com tantos cremes, esmaltes e cabelos feitos, de manhã à noite, parecia uma princesa de contos de fadas. Digna da saga de ter uma bruxa perguntando diariamente ao espelho se existia alguém mais bela pelo bairro.

Não existia. A família de três irmãos mal falavam com ela, uns diziam ser inveja da sua beleza, para outros, ninguém aguentava conviver com tanta chatice.

A verdade é que Tê não tinha amigos. Vivia no seu mundo colorido e cor de rosa.

Aliás fez curso de tricô, crochê, pintura em

tecido e em tela. Borrava e não tinha concentração.

Seus quadros, coitada, nunca se soube que tivesse vendido algum. Sua mãe ainda investiu em violão, piano e pandeiro.

Também chegou a tentar dança e natação, foi pior ainda, a moça não tinha o menor jeito, foi o que disse a professora de sapateado, cliente da sua mãe. Inglês? Nem pensar.

Seu pai entre um arroteo e outro com a penúltima cerveja gelada na mão (porque a última é quando se morre...) disse: Que rainha, que nada! Esquece isso mulher.... Deixa essa menina ser o que quiser!

A mãe deixou...

Tê foi em um passeio com a turma da rua.

A mãe ainda pensou consigo que Rainha não pode se misturar com o povo.

Mas ela se misturou.

Foi de repente que conheceu o pedreiro Marcos, simples, contido, sério e trabalhador.

Mãos grossas de virar concreto, mas um coração de ouro.

Tê não teve dúvidas, seus olhos brilharam ao ver aquele homem em pleno feriado, naquele Cruzeiro maravilhoso pago por seu pai em dez vezes, para ir de Santos à Búzios no Rio de Janeiro.

Foi nessa viagem que ela viu o seu Rei, aquele que preencheria totalmente a sua vida sem graça.

Trocaram beijos, juras de amor, telefone e e-mails. Seis meses depois casaram-se, escondido, a contragosto de sua mãe que passou a usar preto fechado, toda de luto, pelo golpe que levava da filha. Tanto investimento.... suspirava e maldizia sua vida, tanto investimento...

Encontrei Tetê esses dias, linda... linda...

Sem maquiagem, cabelos soltos, os olhos brilhando, vindo do ginecologista com a notícia que estava esperando o terceiro herdeiro.

(Segue)

Ultimamente fazia unhas para engordar o salário do marido, que construiu para ela um salão de beleza no quintal de casa. Ela não era empregada, era dona do salão. e me disse isso com o maior sorriso do mundo.

Por fim desabafou:

E não é que minha mãe tinha razão??? Sou a Rainha do lar! Destino é destino! E saiu rebolando com a alegria de quem sabe para que veio ao mundo.

Já sua mãe...



Mulher

Por Gilson Lima

Nela mora a beleza do amor! Tão
aconchegante e sensível Mais que as
pétalas de uma flor!

Ela também carrega consigo o símbolo da união E
sabe como ninguém ser uma guerreira Conquistando
seu espaço de direito
Usando o poético que mina e traz a emoção!

Incrivelmente consegue ver em cada problema a solução
Acredita que a esperança poderá trazer modificação Através
do seu amor que planta em outro coração
Mesmo que esse seja torto parecendo não haver transformação!

Às vezes como disse Adélia Prado: As
insensibilidades sem governo Mas, é só
dá tempo ao tempo
E em pouco tempo acontece o processo ao avesso.

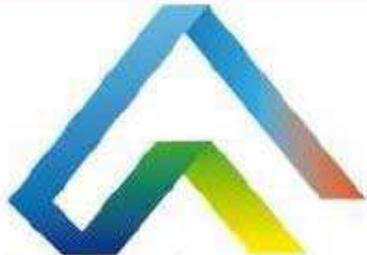
Mulher que expande a delicadeza do amor
Tão belo e acolhedor!
Mais que a aurora em esplendor!



O melhor da literatura brasileira em Genebra!



RONALDO CORREIA DE BRITO, MARCELINO FREIRE E
CINTIA MOSCOVICH



Varal do Brasil[®]
Literário, sem frescuras

Salon
du livre
et de la
presse **Genève**

Escritor (a), venha também
para o maior evento literário
suíço!

De 29 de abril a 3 de maio faça
parte do melhor da literatura
brasileira e portuguesa no
exterior!

Informações:

varaldobrasil@gmail.com



**VENHA PARTICIPAR DO MAIOR
EVENTO LITERÁRIO DA SUÍÇA, UM
DOS MAIS PRESTIGIADOS EVENTOS
LITERÁRIOS DA EUROPA!**

**Inscrições abertas para o
29º Salão Internacional do Livro e da
Imprensa de Genebra - Suíça**



**Peça informações aqui:
varaldobrasil@gmail.com**

29 de abril a 3 de maio de 2015

www.varaldobrasil.com

MULHER

Por Grecianny Carvalho Cordeiro

Nas minhas veias correm o sangue de mulher,
De fibra, nordestina,
Sem métrica e sem rima,
Que afugenta a menina, com cheiro de sertão.

Nem mesmo a dureza da seca,
Amargou a doçura do coração de Maria,
A tão bonita mulher de Lampião,
Ou espantou os sonhos de Rachel,
A primeira mulher acadêmica das letras.

Mulher é mulher,
Não importa a origem, a raça, a cor,
São todas forjadas com a mais fina flor,
Emolduradas pelo mais sincero amor.

Mulher é ousadia, esperança,
Fortaleza, alegria, tristeza,
Jamais perdendo a certeza,
Do quanto a vida é pura beleza.



PALAVRA DE MULHER

Por Hazel de São Francisco

...regida por fêmeas não submetidas ao domínio do macho, os filhos por elas engendrados, estavam em condições de serem livres, pela evidente razão de que os homens jamais serão livres se antes não o forem as mulheres que os engendraram.

Mulheres livres gerarão e darão a luz homens livres. Mulheres dominadas por homens mandatários de uma sociedade patriarcal, e portanto, submetida a autoridade do homem, só poderão dar a luz homens escravos de outros homens.

Jamais poderá existir liberdade do ser humano, enquanto não houver uma liberdade indiscriminada para a mulher e o homem.



DE MULHER PARA MULHER: AVÓ E NETA CONVERSAM

Por Hebe C. Boa-Viagem A. Costa

Numa tarde primaveril avó e neta, confortavelmente instaladas na varanda da casa, como sempre, conversavam. De repente, a menina olhou para a avó, com ar de surpresa, ao ouvir:

- Você e sua irmãzinha nasceram numa época bem melhor do que a minha e a das mulheres que me antecederam!

O interesse da neta, tão visível, impulsionou a avó a seguir nas suas cogitações.

- Pois é! Antigamente o nascimento de uma menina gerava, na maioria das vezes, certo desapontamento por parte do pai e, conseqüentemente, tristeza da mãe por não ter dado ao marido o filho desejado. Um menino perpetuaria o nome e os negócios da família, poderia fazer uma bela carreira... Pior ainda: era bastante comum os homens culparem a mulher pela geração de meninas. Mal sabiam eles, ignorantes da genética, que eram eles que determinavam o sexo da criança!

- Nossa! Meu pai é tão bacana! Está tão contente com seu novo bebê! Toda noite vai para o meu quarto e lê para mim até meu sono chegar.

- Seu pai é um homem moderno, sem preconceitos. Foi com esses valores que eu o eduquei. Você frequenta escola desde muito pequena, certamente fará um curso superior, votará, poderá candidatar-se a cargos públicos, tornar-se economicamente independente, escolherá seu companheiro de vida sem nenhuma pressão familiar. Todas essas coisas, aparentemente naturais, foram conseguidas com muita luta. Não acreditavam que as mulheres tivessem o necessário discernimento para opinar

sobre questões sociais, políticas e científicas. Elas eram tidas como cidadãs de segunda classe. Elas deviam viver para os outros e ninguém se preocupava com seus anseios.

- Minha mãe é advogada e trabalha muito. Ela faz tudo bem feito.

- Ela é uma ótima profissional e é reconhecida como tal. Isso é coisa de agora, mas nem sempre foi assim. No final do século XIX uma lei permitiu que as mulheres tivessem acesso ao ensino superior. Elas logo se candidataram aos cursos de medicina e de direito. Entretanto, colegas e professores, a sociedade e até mesmo a família não viram com bons olhos essa novidade. As jovens faziam o curso de Direito e os Tribunais não as aceitavam e, muito menos, o Instituto dos Advogados do Brasil. Muitas acabavam desistindo e se refugiavam no magistério que era uma profissão que os homens achavam aceitável para as mulheres. A sorte é que algumas tinham garra e se dispunham a lutar contra essa discriminação.

- Mas, por que não queriam que elas advogassem?

- Tanto a Igreja como o Instituto dos Advogados achavam que a mulher que trabalhava fora não cuidava direito da família e isso era um perigo. Sendo muito emotivas não teriam condições de bem julgar as demandas. Também existia uma lei que dizia que elas precisavam de autorização marital para o exercício da profissão. Logo, elas não tinham independência uma vez que, a qualquer hora, o marido poderia proibi-la de trabalhar. Para derrubar esses absurdos não foi nada fácil. Foi preciso muita persistência e isso elas tiveram!

- Ah! Minha professora outro dia disse que o Brasil é um país novo e por isso não é adiantado como outros que são antigos. (Segue)

- Ela está, em parte, certa. Entretanto, o atraso com relação a mulher não acontecia só aqui. Era comum no resto do mundo e até hoje, em alguns países, essa situação de colocar a mulher como um ser inferior ainda persiste. Na primeira metade do século XIX uma brasileira, Nísia Floresta, com apenas vinte e dois anos, escreveu um livro denunciando esse estado de coisa. Ela já havia abandonado o marido que lhe fora imposto aos 13 anos de idade e por causa disso precisou sair de sua cidade natal para evitar maledicências. Passou a escrever artigos para um jornal sobre a situação da mulher em diversos lugares do mundo. Nessa ocasião leu um livro que uma inglesa escrevera sobre esse tema e, encantada, resolveu traduzi-lo e adapta-lo à realidade brasileira. Foi um escândalo! Um dia você vai conhecer melhor a história dessa mulher e a sua luta para que vocês hoje pudessem frequentar uma escola que não fizesse diferenciação entre meninos e meninas. Antigamente muitos pais não permitiam que as filhas estudassem. Aprendiam apenas prendas domésticas.

- O que é isso?

- Fazer os serviços da casa, bordar, costurar, dirigir as empregadas... Os mais velhos achavam que as meninas que aprendiam a ler e gostavam dos livros não iam conseguir casamento. Segundo eles, “Homens não gostam de mulheres letradas”. Foi o que sempre Cora Coralina ouviu na sua juventude.

- Credo! O que aconteceu com ela?

- Encontrou quem gostasse dela embora não a estimulasse a escrever. Assim mesmo, ela conseguiu formar sua família e, embora tardiamente, conseguiu ser conhecida e premiada como uma excelente poeta. Viúva, pobre e com muitos filhos precisava trabalhar muito para garantir o sustento da família. Fazia e vendia doces e, por incrível que

pareça, junto do fogão, fazia versos e os registrava em qualquer pedaço de papel. Quando sobrava um tempinho, ela os transcrevia num caderno.

- Que bonito! Você falou que as mulheres de antigamente não escolhiam seu parceiro de vida. Elas não namoravam? Com você também foi assim?

- Eu e minha mãe tivemos sorte nesse aspecto. Ela precisou se impor, fazer valer a sua escolha, mas eu não. A experiência materna me deu liberdade para namorar quem eu quisesse. Antigamente os pais de meninas com treze anos já tratavam de lhes arranjar casamento e, de preferência, alguém que trouxesse alguma vantagem para a família. Não importava a idade do pretendente e nem o seu grau de parentesco. Se fosse rico ou influente na política, melhor. Ninguém consultava a menina. A vontade dela não era levada em conta.

- Que horror! Elas concordavam com isso?

- A maioria, infelizmente, sim. Havia outras, entretanto, que se revoltavam e não aceitavam a imposição. Outras, depois de casadas, abandonavam o marido e partiam em busca de seus anseios. Foi o caso da Chiquinha Gonzaga. Lembre-se da música “Abre alas” que ouvimos outro dia? Foi ela quem compôs. Anita Garibaldi, chamada de Heroína de Dois Mundos, também foi vítima de um casamento sem nenhuma afinidade. Tal como Chiquinha, também não se conformou com a vida insossa que não fora de sua escolha e, indiferente ao que os outros pensavam, abandonou o lar. Só depois de muito tempo é que elas foram reconhecidas e tidas como grandes mulheres. No seu tempo, foram difamadas e desprestigiadas.

(Segue)

- Puxa! Quero conhecer a história dessas mulheres valentes! Nunca pensei que elas tivessem precisado brigar tanto.

- Pois é, hoje temos mulheres ocupando os mais variados cargos com muita eficiência e desenvoltura. Mas é preciso lembrar quantas mulheres enfrentaram o preconceito, romperam os grilhões que as cerceavam e abriram caminhos para que outras, futuramente, os trilhassem sem tropeços.

- Sou mesmo “sortuda”. Não vou precisar lutar. Elas já fizeram o que devia ser feito!

- Engano seu, minha querida! Ganhamos muito espaço, mas não o suficiente. Ainda muitas mulheres estão acomodadas, são dependentes e aceitam ser tratadas como “mulheres objeto”. Outras, lutadoras, embora tenham mais escolaridade, ganham menos que os homens e quando pleiteiam cargos relevantes, em igualdade de condições com os homens, acabam sendo preteridas. Vocês que estão se preparando para o mercado de trabalho é que terão de conquistar esse espaço. Afinal, a metade da população do mundo é formada por mulheres e não se pode desperdiçar o talento delas. Com essa contribuição, certamente, o mundo se tornará melhor.

- O que eu posso fazer para que isso aconteça?

- Estudar, procurar conhecer melhor o esforço dessas mulheres para conquistar o espaço que atualmente ocupamos tão naturalmente. Hoje já existe muito estudo sobre o que elas fizeram, ao contrário dos tempos antigos onde, achando que a contribuição delas era irrisória, não costumavam registrar suas atividades. Mas tudo isso é pouco divulgado. O povo geralmente não conhece a história delas. Quer um exemplo? Onde você mora?

- Ah! Você sabe, na rua Francisca Julia!

- Muito bem. Será que algum morador dessa rua sabe quem foi Francisca Júlia? Experimente fazer essa pergunta para os seus vizinhos do prédio e depois me conte. É normal que você ainda não saiba e, por isso, pegue aquele dicionário da segunda prateleira e procure em SILVA, Francisca Julia da. Isso. Agora leia para mim.

- *“Francisca Julia da Silva – (1874 – 1920) - Nasceu em Xiririca (SP), atual Eldorado. Colaborou em diversos jornais de São Paulo. Estreou anonimamente com versos magníficos a ponto dos editores duvidarem que uma mulher os tivesse escrito. Nos seus versos condensava uma expressão de arte diferente do seu sexo; plasmou-os em forma e sentimento à semelhança dos mais perfeitos poetas parnasianos, ombreando-se com Raimundo Correia, Olavo Bilac, Alberto de Oliveira e tantos outros valores de sua época. Escreveu diversos livros ...”*

- Agora você sabe onde achar informações sobre muitas delas. Hoje seus nomes servem apenas para designar hospitais, escolas, ruas e praças ... As pessoas não sabem o que elas fizeram para serem assim homenageadas.

- Legal! O dicionário traz um retrato dela. Era uma mulher muito bonita! Depois vou acabar de ler o restante do texto.

- Que bom que você gostou. Por isso, minha querida, seja sempre corajosa e lute por seus direitos. Nada de comodismo! Acredite nos seus anseios e, se preciso for, enfrente qualquer situação. (Segue)

- Estou pensando e, sabe vovó, um dia vou contar pra minha irmã toda essa nossa conversa. Gostei muito! E, acredito, ela também vai gostar.

A avó sorriu. Afinal, não só ganhara uma nova defensora dos direitos femininos, mas também uma eficiente multiplicadora dessas ideias!

MUSA ATÔMICA

Por Leandro Martins de Jesus

Morena que passa
A todos chama a atenção
Como uma musa atômica
Arrebata o coração

Seu molejo é encanto
Suas curvas perdição
Seu sorriso maravilha
Sua presença estupefação



IMAGEM DE MULHER

Por Heloisa Crespo

No espelho a sua frente
uma imagem refletida.
Quem é ela? O que faz?
É uma mulher dividida
entre os filhos, o trabalho
e o amor da sua vida.

É uma mulher que trabalha
pelo pão de cada dia,
pela paz da sua casa,
pela união da família,
pela sua liberdade,
felicidade e alegria.

É uma mulher entre tantas
com cicatrizes cruéis
de preconceitos, de lutas,
maquiadas através
da sua dignidade,
vivendo tantos papéis:

mestra, filha, companheira,
tia, artista, escritora,
patroa, empregada, mãe,
avó, poeta, doutora.
Cúmplice da sua história,
sendo dela a narradora.

Quem é ela? É você?
Sou eu? Somos todas nós.

Nova Mulher

Por Iolanda Marta Beltrame

Como já falou Vinicius
"Toda a mulher é bela
Se bela é a alma dela"
Qualidades fazem a mulher
E realçam a beleza feminina:
A plástica e a elegância
São sérios fatores beleza
Um charme a faz atraente,
Simpatia torna-a envolvente,
Inteligência lhe dá imponência
E a cultura, preponderância.
Ela tem que se amar meramente,
Não omitir-se jamais
Atrás da indesejada timidez
Ou da insignificância do preconceito
Mas, ela sempre será alguém.
Se razão ela tem,
Força, a sua maior qualidade.
Não a faz menos beldade.

VALQUÍRIA HODIERNA

ISABEL C S VARGAS

As Valquírias eram mulheres de controvertido significado, assim como as mulheres de agora. Poderosas para uns, de nem tanta valia para outros, pois à época podiam ser mensageiras de bons augúrios como da morte.

Vestiam armaduras, cavalgavam lindos corcéis. Hoje vestem uma armadura de coragem para vencerem os obstáculos existentes na sociedade que as contemplam com menores salários e mais tarefas pela eficiência que apresentam nos mais diversos campos profissionais.

Era tradicionalmente cantada pelas poetas assim como as mulheres de hoje, cuja beleza é fundamental, como já cantou o poeta; são porta-vozes de boas novas- quando agradam ao seu homem, marido, companheiro ou senhor- ou malditas quando os condenam ao degredo emocional, quando não mais os amam, fazendo-se por isso, segundo o entendimento masculino, merecedoras da morte, da tortura, do cárcere privado. Pobre deus de pés de barro que não suporta uma negativa feminina e que não percebem que “quem ama não mata”. Quem ama cuida.

Sempre estavam inseridas nas descrições de batalhas, Também o estão agora, pois se fazem presentes no lar, nas escolas, onde preponderam, nas mais variadas atividades, inclusive no judiciário sendo responsáveis pela sentença de quem tem razão ou não, quem é condenado à morte (de uma vida encarcerada) ou não.

Eram protetoras, traziam encantamento, sorte e eram ligadas a certas famílias.

Descrição esta que se enquadra aos espíritos femininos ao longo da história da humanidade, inclusive na atualidade,

Existe alguém mais protetor que uma mãe amorosa e fervorosa dedicada a proteger sua cria encaminhando-a para o bem para o sucesso e para o caminho da felicidade?

Eram companheiras, mulheres dos heróis. E o homem honesto, parceiro honrado, protetor, amigo que procura dar amor, segurança, e bons exemplos para a sua família não é também um herói, em uma sociedade

consumista, com valores pervertidos, onde impera em muitos locais a violência, a corrupção e a droga que destrói famílias inteiras não é também um herói?

Não vive a Valquíria hodierna em uma guerra constante? Mora em ambientes de permanente guerra nas comunidades de periferia nas quais quem sai de casa para ganhar o pão ou para estudar são abatidos por bala perdida, ficando o culpado à solta e a justiça desacreditada?

E, o encantamento que eram capazes de produzir? De libertar, de prender, de curar. Não são os mesmos encantamentos que as mulheres promovem encantando os homens e aprisionando-os através do amor e sedução vivendo juntos ano após ano, de darem à luz, promoverem a vida, sendo verdadeiras divindades ou fadas para seus filhos pequenos, para quem só importa a mãe, que prove o seu sustento através de seu próprio corpo? Não é mágica quando alivia dores a um simples afago?

E quando entoam cânticos de louvor a Deus, de amor à vida ou cantigas de roda para trazer alegria para as crianças?

Valquíria não tem idade. Elas podem ser os espíritos que habitaram corpos nórdicos, como podem ser espíritos que habitam corpos nos países infestados pelo ódio onde não querem deixar que os espíritos femininos evoluam não as deixando frequentar escolas, como podem ser espíritos que habitam corpos nas comunidades indígenas pelo mundo, ou que habitam corpos de mulheres envelhecidas pelas agruras da vida na campanha ou nas palafitas, ainda de mulheres jovens que buscam sucesso e são massacradas pela mídia produzindo um estereótipo de mulher perfeita que elimina todas as outras provocando uma eterna insatisfação das quais só não sucumbem por terem forças dentro de si para superar essa masmorra invisível e emocional.

Valquírias existem hoje e estão em constante vigília para promover equidade e justiça. Basta querer enxergá-las, compreendê-las.



MULHER

Por Ivone Vebber

Há duas em mim:
uma que ri menina,
outra que envelhece...

Uma que sabe tudo,
outra que se esquece...

Uma que sente saudade
das paixões perdidas,
outra que apenas sonha
divertida....

Uma que ainda é carente,
ressentida, medrosa, desigual..

outra que é plena, amorosa,
compassiva...

Racional...



A mulher escondida

Por Izabella Pavesi

Sentada no bruto suporte, ela foge...
Entre um vagão e outro do trem,
o esconderijo...
Envolta em vestes
Que marcam sua condição (mulher!),
Seu olhar é temor,
Seu rosto abnegação!
Sua expressão: pavor!
O fotógrafo a achou ali...
Entre a paisagem passageira,
Entre os ferros e as vigas rudes,
Descalça...
Pés sofridos, unhas rotas,
Bela e humilde, sem adornos.
O que será dela?
Vão aceitá-la de volta ao lar?
Terá alguém que a ampare?
Vão apedrejá-la, como fazem alguns
dessa dita religião?
Terá se livrado de insolentes homens?!
Mulheres vítimas sobram!
O mundo gira assim...
Nesse planeta onde não achamos saída,
muitas vezes...
O caos é lugar comum,
Discriminação, humilhação.
Céus!... Deem-lhe a liberdade!
Senhor do Universo: compaixão!



FALANDO DE CULTURA

Marluce Alves
Ferreira Portugaels

A Mulher Indígena

Desde o começo dos tempos, a mulher tem sido fonte de inspiração de poetas e artistas. Quantas obras de arte não foram realizadas, quantos poemas não foram escritos, quantas canções não foram compostas tendo como tema essa descendente de Eva!

Sempre que buscamos as origens bíblicas da mulher, esbarramos na explicação mítica de que ela foi feita de uma costela de Adão, tornando-se, assim, sua companheira. A forte simbologia da costela que lhe fora emprestada para sua criação indica tanto o companheirismo que deve haver entre o homem e a mulher, como a igualdade que deve existir entre os dois gêneros. Mas na vida real isso nem sempre acontece.

Na mitologia indígena, vamos encontrar em “Experiências e estórias de Baíra – o grande burlão”, de Nunes Pereira (1944; 1980; 2007), o conto “Baíra e a criação das mulheres”, contada por Apaiubê. Baíra é o deus criador e civilizador da mitologia Cauaiua-Patintintin. Diz o conto que Baíra foi pescar e matou muito peixe, principalmente jandiás. Sem saber o que fazer com tanto jandiá e não havendo mulheres no mundo deles, Baíra resolveu avisar aos seus companheiros que ia fazer mulher para todos eles, mas antes eles teriam de dormir. Ao acordarem, Baíra soprou sobre uma porção de jandiás e os peixes viraram mulheres, gordas e bonitas como os jandiás. Baíra deu a cada companheiro uma mulher, mas eles só acreditaram que eram mulheres mesmo quando se deitaram com elas e viram que o arambá (órgão sexual da mulher) delas era diferente do arambá dos jandiás fêmeas.

Dentro da grande categoria “mulher” há subcategorias que parece serem esquecidas, talvez por porta-

rem fatores que contribuem para sua falta de visibilidade. Uma dessas subcategorias é a da “mulher indígena” que, ao lado de outras subcategorias, carece de prestígio perante a sociedade. Porque prestígio geralmente é dado a quem detém as rédeas do poder. E a mulher indígena carrega consigo dois estigmas que marcam seu lugar na sociedade: o gênero e a etnia. Marcam seu lugar e dificultam sua ascensão ao poder no mundo competitivo em que vivemos. Assim como em seu próprio núcleo social. Afinal, ser mulher indígena é antes de tudo ser simplesmente mulher.

(Segue)



Pesquisas etno-antropológicas nos conduzem ao mundo mítico indígena, riquíssimo, e lá vamos encontrar, não com muita frequência, a figura feminina representada de forma extraordinária.

O Dicionário Etno-Histórico da Amazônia Colonial (IEB, USP: 2007), de Antonio Porro, nos traz “notícias sobre os índios deixadas por informantes brancos”, referentes ao período colonial do Brasil que se encerra na década de 1820. Nesse interessante livro encontramos informações importantes sobre muitos povos indígenas que habitavam a Região Amazônica à época da colonização do Brasil, centralizadas no elemento masculino. Os verbetes contêm registros sobre o mundo indígena nas categorias “Povos e Territórios”, “Aldeias e Lugares”, “Chefes e Pajés”, “Crenças e Divindades” “Economia e Sociedade”. Esparsas, há algumas referências às mulheres integrantes dessas sociedades indígenas que, como todas as sociedades de todas as épocas, têm um viés machista. As referências sobre a mulher que existem são em geral míticas, envolvendo o elemento sobrenatural ou extraordinário, uma vez que não valeria a pena discorrer sobre o papel tradicional das mulheres nas tribos, como a esposa que organiza e mantém a vida doméstica, a mãe que cuida dos filhos, a serviçal que faz a comida e lava os trapos, a trabalhadora que auxilia na plantação da roça e na colheita dos frutos. Rotina não muito diferente da que existe hoje nas sociedades tribais, onde as tarefas de homens e mulheres são bem definidas. E no mundo não tribal? Seria muito diferente?

Desde crianças, ouvimos falar sobre a tribo das Amazonas, mulheres guerreiras que habitavam as margens do Rio Amazonas. Essa história é inspirada na lenda da Grécia antiga, de mulheres guerreiras que andavam a cavalo, manipulavam arco e flecha com habilidade e se recusavam a ter a companhia dos homens. Segundo Porro, no *pais das Amazonas*, assim chamado por Carvajal, em 1542, o território às margens do Rio Amazonas, dos rios Nhamundá ao baixo Tapajós havia uma nação indígena de mulheres guerreiras, com as mesmas características das Amazonas gregas, comandadas pela rainha, Coñori. Essa grande senhora tinha o nome associado aos índios Conduri, seus tributários da região dos rios Nhamundá e Trombetas. “Concretamente foram vistos grandes povoados, tanto à beira do rio Amazonas como pela terra adentro, e um grande número de guerreiros com

algumas mulheres em supostas posições de comando. A nação das mulheres não foi vista, mas relatada...” (p.16).



Ainda em 1542, Carvajal relata que os índios Omagua disseram a Orellana, quando sua expedição ainda estava no alto Solimões, “que se fôssemos ver os Amurianos, que em sua língua chamam Coniupuyara, que quer dizer grandes senhoras, que cuidássemos do que fazíamos, porque éramos poucos e elas muitas [e] que nos matariam” (p.37). Porro explica que Amurianos poderia ser má transcrição de Amazonas, e que Coniupuyara significa Mulher em guarani.

Dos índios Iruri, do rio Madeira, conhece-se a lenda da Antepassada Mítica, segundo a qual esses índios e mais quatro tribos provêm de um tronco comum. Uma mulher veio do céu prenhe de cinco filhos, que ela chamou Iruri, Onicoré, Aripuanã, Sucury, Paraparixana. A mãe gostava muito de peixe assado chamado *mocahem*. Um dia em que ela foi vista pelos filhos comendo *mocahem*, envergonhou-se e voltou para o céu, deixando os filhos. Por isso, os Iruri não apreciam esse gênero de iguaria assada. Uma particularidade na tradição Iruri é que os visitantes eram recebidos seguindo um ritual em que suas mulheres não podiam encarar os estrangeiros (Porro, p.52 e 155).

Das tribos Omagua que viveram em séculos diferentes e territórios e rios diferentes conhece-se o ritual do casamento, entre outros traços culturais.

(Segue)

Os Omagua do século 17 ”quando se casam compram as mulheres a seus pais, e além de as pagarem os servem cinco anos; e se as acham donzelas ficam com elas, se não, as tornam a entregar e lhe tornam o que haviam dado por elas. Não podem ter uma mulher comprada como esta (que não seja donzela), porquanto esta é a legítima, porque ainda que tenha muitas, as mais são concubinas havidas em guerra, que ficam por escravas e servem à mulher legítima, e ao marido no que ele quer...Se suas mulheres são adúlteras, as podem matar livremente no terreiro grande de suas aldeias, em um poste que está metido no meio dele, que serve de nele matarem as adúlteras e algum escravo que comete culpa contra seus senhores, ou se querem fugir, ou fogem e os colheram” (Porro, p.171-172).

Assim, encontramos no século 17 a mulher indígena vendida como um objeto e sujeita ao tabu da virgindade. A mulher indígena de hoje, porém, não aceita mais essa condição de vida. Pode-se dizer que sua mentalidade mudou, evoluiu. Hoje, a mulher indígena jovem rebela-se contra o machismo ancestral nas tribos. Para escapar de situações indesejáveis, muitas vezes as jovens fogem para as cidades, mas mais tarde voltam às tribos com novas ideias e outras opções de vida.

Aqui, fazemos um paralelo com a mulher na Bíblia cristã, quando Jacó que amava Raquel trabalhou sete anos para que Labão, o pai de Raquel, abençoasse a união. Ao fim dos sete anos, Labão o enganou e lhe deu Lia, a filha mais velha. Jacó, então, teve de trabalhar mais sete anos para ter Raquel. Camões nos conta essa história lindamente em seu soneto, “Sete anos de pastor Jacó servia Labão, pai de Raquel, serrana bela...”

Hoje, a mulher indígena, e de certa forma o homem também, está preocupada em resgatar as raízes quase perdidas de seu povo. Coerentes com essa posição, vamos encontrar, hoje mulheres indígenas envolvidas em movimentos e organizações sociais que lutam pela valorização da herança cultural de seu povo, já quase esquecidas. Vamos encontrar mulheres indígenas adentrando as universidades que as levará a exercerem profissões liberais e outras de prestígio social. Vamos encontrar mulheres indígenas militando no mundo da política, lutando pela conquista de boas condições de educação e saúde para seus povos. Vamos encontrar mulheres

indígenas lutando pela não violência contra as mulheres nas tribos ou fora delas.

Segundo artigo de Bia Cardoso, postado no blog *Blogueiras Feministas*, em 5 de setembro de 2013, questões como essas foram discutidas no II Encontro de Organizações e Movimentos da América, em Tihuanacu, na Bolívia, em 1983. Nessa ocasião, foi criado o Dia Internacional da Mulher Indígena, a ser festejado no dia 5 de setembro, em homenagem à mulher quéchua, Bartolina Sisa, morta esquartejada em 5 de setembro de 1782, durante a rebelião anticolonial de Túpac Katari, no Alto Peru. A data foi marcada pela *ONU Mulheres* que reafirmou apoio à luta por tratamento justo e conquistas sociais para as mulheres indígenas.

Com a evolução dos tempos nota-se que a mulher indígena referida, acima, como subcategoria de mulher, aos poucos está se tornando uma categoria *per se* com os requisitos necessários para ser considerada e respeitada por si mesma. Quem acompanha a trajetória dos povos indígenas em nosso país acredita que não muito longe está o tempo em que ouvir-se-á falar dos feitos e realizações da mulher indígena brasileira não mais como coadjuvante no cenário nacional, mas como personagem principal junto à categoria mulher.





JOVIALIDADE E BELEZA!

Por Jani Brasil

Ouvi um belo e alto jovem dizer asperamente a uma
senhora: você é feia e velha... Horrorosa!

Aquela idosa saiu calada e sem graça.

Eu que ia passando, tomei as dores daquela mulher, foi como em mim a punhalada!

Parei e com ele ousadamente olhando firme em seus olhos falei.

Você esta enganado! Ela não é velha e muito menos feia.

Velho e feio é você! Que é podre de espírito

E não tem nenhum brilho neste seu olhar!

Velho e feio é você! Que não sabe um idoso respeitar.

A beleza não está na aparência, ou na conta bancária que cada um possui.

A verdadeira grandeza está dentro de nós, quando aprendemos o próximo a amar.

Você pode se achar importante com este seu belo carrão

Importante é esta senhora que: Tem a experiência como lição!

Espero que você cresça e então apareça.

Ele...Surpreso com a minha ousadia, embora tão pequenina, lhe dando com classe um sermão.

Dirigindo-lhe a palavra com tanta convicção, em defesa de alguém que sequer conhecia...

Perplexo, saiu em seu carro cantando pneus!

Fui à rua atrás daquela senhora, que lentamente seguia a pé o seu caminho.

Abracei-a e vi que as lágrimas rolavam sem dó, com ternura lhe disse o quanto ela era jovem e bela.

Pois a juventude e a beleza estavam dentro dela.

O sorriso que recebi... Enriqueceu o meu viver!!!

Mulher - Rosa de cor

Por José Hilton Rosa

Passos silenciosos
Sede de beber
Palavras de mulher
Quieta no seu canto

Passos em marcha
Gosto indeciso
Visão transviada
Parada sem dor

Gosto pela vida
Não sabe chegar
Medo da dor
Medo de falar

Mulher morena, calada
Cheiro de flor
Cada uma ao seu lado
Fome, da dor

Rosa, filha da flor
Dizendo versos de amor
Rosto sofrido, querida
Mulher, Rosa de cor

Mulheres... vá entender!

Por Júlia Rego

Ao longo das nossas vidas nos deparamos com situações bastante inusitadas.

Ouvi uma história deveras interessante que me deixou a refletir, mais uma vez sobre o comportamento humano.

Contava ele que conhecera uma mulher em uma determinada ocasião. A princípio, nada lhe chamara à atenção, digamos, a ponto de deixá-lo encantado, mas como era homem, não poderia deixar a oportunidade de tirar uma casquinha, afinal, segundo ele, ela era, até, engraçadinha. Além do mais, ele estava de férias na cidade e precisava de diversão.

Trocaram telefones e saíram algumas vezes antes que ele voltasse para sua terra.

Passaram-se alguns anos até que o moço fizesse novo passeio à cidade. Já nem lembrava mais daquela mulher, nesse meio tempo conheceu várias outras pessoas que lhe interessaram bem mais e, até, travara breves relacionamentos.

Quando menos esperava, recebeu uma ligação e não é que era a tal de anos atrás.

Ficou surpreso com o fato de ela ainda ter seu número de telefone e, mais ainda, de saber que ele estava na cidade. Intuição feminina?

Como antes, marcaram um encontro e foram à diversão.

Não se sabe como ela encontrou o endereço de onde estava hospedado, o fato é que, depois de passar o dia fora, chegou a casa e se deparou com a moça, de vassoura em punho, fazendo faxina.

Entre estupefato e chateado, adentrou a casa, questionando-a, primeiro, por estar ali sem ser convidada e, depois, pelo despropósito de estar limpando a casa de um estranho.

A bela se fez de desentendida, ou melhor, entendera ela que estavam namorando e, sendo assim, era perfeitamente normal ir esperá-lo em casa, e dar uma mãozinha no recinto que, para ela, carecia de limpeza, ainda que essa casa não fosse a dele.

Embora contrariado, deixou-a ficar mais por educação do que por aquiescência. Vendo que ela não desistia da sua sanha de limpeza, a essa altura já percebera que havia algum problema de Toc naquela pessoa, convidou-a para ir à praia, tenciona-

va conversar com ela e esclarecer o mal entendido que, claramente, tinha-se instalado entre eles.

Lá chegando, pediu uma cerveja para quebrar a tensão.

Conversa vai, conversa vem, ele tomou coragem e iniciou o assunto, dizendo que ela era uma pessoa interessante, mas que não existia nenhum compromisso estabelecido entre eles.

Aparentemente, ela não ficara chateada, disse que lamentava, mas continuou tentando acarinhá-lo, com palavras e gestos, sinalizando que ainda tinha esperanças de se entenderem.

Como o calor estava grande, ele resolveu dar um mergulho e quando voltou, ela já estava na mesa ao lado conversando, animadamente, com um homem que lhe foi apresentado como um advogado.

Ele mal acreditava no que estava vendo e, meio deslocado, disse-lhe que precisava ir embora, pois tinha um compromisso. Ela prontamente o atendeu, não sem antes trocar telefones com o dito doutor.

Fez silêncio no caminho de volta para casa, mas, num dado momento, ela começou a exaltar as qualidades do homem que acabara de conhecer, mostrando-se bastante entusiasmada com a nova aquisição. Ele, calado estava, calado ficou, determinado em sua intenção de se ver livre o mais rápido possível daquela desvairada.

Quando, afinal, chegaram, pediu que arrumasse suas roupas, sim, ela havia levado uma mala de roupas, já que pretendia dormir por ali mesmo.

No auge do quase desespero, ele reagiu firmemente, dizendo-lhe que a colocaria num táxi, imediatamente, tentando fazê-la perceber a inconveniência do seu comportamento.

Enfim, conseguiu convencê-la de que teria que deixar a casa, já que precisava ir ao hospital visitar um amigo que estava muito doente. Diante da insistência, deixou-a tomar um banho antes de ir, afinal por questões de humanidade não poderia negar água a ninguém, mesmo que fosse para se banhar.

E pôs-se a se arrumar também para sair, mas nada da moça sair do banheiro. Armando-se de indiscrição, bateu forte na porta do banheiro e para sua surpresa, ela abriu a porta, nua, de balde, vassoura e material de limpeza em punho.

Estava lavando o banheiro.

MULHER

Por Lenival de Andrade

EXTRAIDA DO LIVRO ENIGMAS DO AMOR
De Lenival)

“Dizem que a mulher é o sexo frágil”

Mas não é não

Ela é o sexo forte

Faz tudo muito bem feito

E tem mais

Tudo ela é quem faz

Sem a mulher mimosa flor

O homem não seria um vencedor

E nem teria um amor

Tudo seria um grande desamor

A mulher é a mimosa flor

A mimosa flor é a mulher

O amor depende dela

A flor mimosa é ela

MULHER



A SÉTIMA ESTRELA

Por Levindo Último

Vagando
entre uma nuvem e outra
conheci sete estrelas
mas...
uma delas a Dalva levou
(andam dizendo que não era estrela)
a outra
a de belém
voltou para o norte.
As outras quatro que andavam juntas
partiram pro sul, num cruzeiro.
Já a sétima estrela
temendo perdê-la
me casei com ela
e não mais vaguei.
Talvez isso explique
nestes anos todos
este astro mulher
esta luz própria
o brilho, o calor, este f...
Bom...este é outro assunto
e não é da sua conta.
Chega de estrelas.



DICAS DE PORTUGUÊS

COM

Renata Carone Sborgia

... tem dias em que queremos ir...andar...procurar o sorriso para não chorar. Tem dias, meu querido, em que sou fatal no amor pudico. Se alguém perguntar por nós??? Diga que voltaremos um dia qualquer...depois de muito amar, querer e desejar. Renata Carone Sborgia, Livro: Trechos Tecidos com Palavras...Sentimentos...Afins...Sem Fim... Madras Editora

Eles “” **aguentaram**” o calor naquele mar “”**tranquilo**”!!!

... ficamos também **tranquilos**, queridos leitores, com a grafia escrita correta!!!

Regra Fácil: Conforme o Novo Acordo Ortográfico-5 edição---Não existe mais o trema em Língua Portuguesa. Apenas em casos de nomes próprios e seus derivados, por exemplo: **Müller, mülleriano** ...

Maria estava organizando os “**papeis**” em cima da mesa.

Maria precisa organizar o estudo sobre a Nova Grafia!!!

O correto é: papéis (com acento)

Regra Fácil: O Novo Acordo Ortográfico-5 edição---**NÃO ALTEROU A REGRA:** nos ditongos abertos(ei,oi) de palavras oxítonas e monossílabas(no singular ou no plural), assim o acento grave continua.

A “ **Assembléia**” foi marcada, pelos dirigentes, para o próximo mês.

... acredito que antes da “ **Assembleia**” os dirigentes estudem a Nova Grafia!!!

O correto é: ASSEMBLEIA(sem acento)

Regra Fácil: Conforme o Novo Acordo Ortográfico—5 edição—

Ditongos abertos (ei, oi) **não** são mais acentuados em palavras paroxítonas (uma palavra paroxítona é um vocábulo cujo acento tônico está na penúltima sílaba).

PARA VOCÊ PENSAR:

“Se não conheço os mapas, escolho o imprevisto: qualquer sinal é um bom presságio.”

Lya Luft

Falar de mim... Mulher

Por Lionízia Goyá

A Mulher que existe em mim, reside no mais íntimo de meu ser. Adormecida em minhas entranhas, aflora em ambição ante a vaidade de viver, sobreviver, morrer e renascer.

Na sobrevivida desde mundo imundo, vi-olento e desumano agarro minha decência na eloquência de um sonho de vida melhor. Apanho os cacos de meu caminho e monto um ser desmantelado e fútil que percorreu uma jornada amarga com dores e horrores de vida mundana e santa.

Tive sentimentos bons e pensamentos mesquinhos. Todos arruinados, detonados, por princípios de valores ultrapassados e medíocres.

No ir e vir. Penso. Na alegria da dúvida. Deflagro.

Na melodia do pressentir. Imagino. Na dança de sentimentos. Encontro:

- Não mais aquela. Mas na vida que era. Na pele da bela. Não mais como ela. Delas. Apanho na desconstrução de meus medos outro segredo. Subsisto na...

Ana Puritana; Benedita que Acredita; Catarina, Carnificina; Diva Divina;

Elenice que Asnice; Fabiana que Engana; Gabriela com Cautela;

Helena e Alfena; Ivone a Cicerone; Jurema com Estratagemia;

Kele Impele; Laura Taura; Maria que Avaria; Nicole que Bole; Olinda a Linda;

Patrícia com Malícia; Quênia a Patogenia; Renata que Regata;

Simone que Consome; Telma a Felpa; Uênia a Astenia; Vânia que Afaia; Weila com Feila; Xênia a Vênia; Yone que Come; Zélia com Contumélia...

Emaranhado:

- Quase tive de perder o meu chão para encontrar-me no mundo!

Entretempo de buscas e frustrações. Chances. Oportunidades. Erros. Acertos.

- Gélidos momentos!

Afirmo, verdadeiramente, nunca exter-

namente, encontraria a essência e o regozijo individual. Em segredo vomito um anseio de ser universal e onipresente...

No mundo perdido, nunca inerte aos acontecimentos, busquei o preenchimento de um existir. Descoberta de um maior valor:

- Encontro comigo mesma. Lutar por meus sonhos. Desejo de coexistir.

- Remendos meus!

Experimentei resurgir...

Após ser parida de mim mesma, acordei de um salto e violentei meus conceitos e preceitos. Renasci do amontoado de dores que me sustentava para a liberdade de uma página branca de sentimentos novos e reais.

Encontrei a essência: Descobri no meu mundo a aspiração de ser poeta:

- Sentir a vida! Ler

- Querer a vida! Escrever

- Parir a vida! Compor

- Dar à luz! Publicar

- Estar em êxtase! Ser lida...

Na presença perene de um grão de areia frente à imensidão de uma praia deserta – encontrei “ser” grande, enorme, gigante!

Eu mesma – mulher/artista!



Salve, Maria!

Por Lóla Prata

Ela me parece feita de pedra! Tem sempre igual expressão: não ri nem deixa de sorrir. Olha-me com atenção quando eu a olho com atenção. Reciprocidade. A estátua representa uma mulher negra, nada esbelta, cujos trajes disfarçam todo o corpo. Quase não lhe diviso as feições por ser pequenina. Teimosamente devagar, vou delineando o semblante: parece-me feia para os padrões contemporâneos. Teria sido esculpida há séculos...

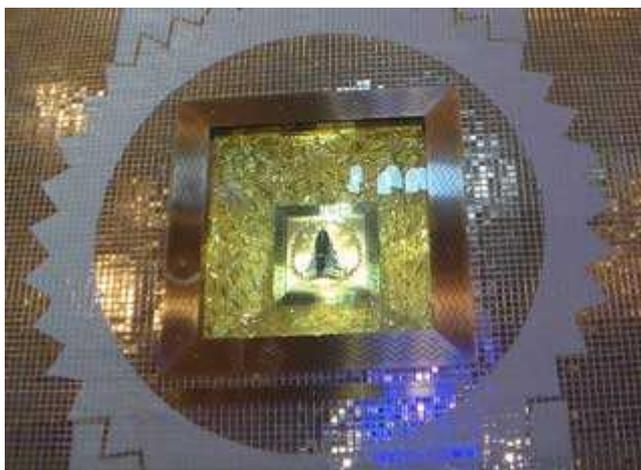
Quem a teria confeccionado, dado-lhe forma? A quem o escultor queria retratar? Imagino que todo artista espera criar beleza capaz de, através do sentido da visão, atingir o cerne que nos desperta emoções...

Sinto o ímpeto de sair de perto dela, de fugir para céu aberto, mas meu corpo não obedece. Permanece diante da mulher de pedra, olhos fixos nela, na aura transcendente que a rodeia. Sinto-a além dos elementos, numa onda de bondade que me absorve e revoluciona tudo, como age um mar poderoso. Na espuma onde me banho, quebram-se as prisões da minha alma, cicatrizam-se feridas entreabertas e infeccionadas de decepções humanas, adocicam-se as saudades de amados ausentes. Sana-se a culpa encoberta por falsos risos e volúveis comportamentos, depois de envergonhar-me de meus males. E, silenciosamente, a mulher em pedra mostra um complacente amor por mim. Sensação magnífica e terrível na implosão inusitada.

Terei que reconstruir-me pedacinho por pedacinho, com o denodo e a paciência com que restauraram e colaram os cento e cinquenta e seis cacos em que a transformaram certa vez...

Conseguirei me recompor e ressurgir como figura feminina modelar, imitando tal mulher enegrecida pelo tempo, mas fonte visível de perene e total doação a Deus?

Salve-me, Maria!



Uma mulher...

Por Lúcia Barcelos

Uma mulher traz mãos estendidas e pulsos frágeis,
mas suporta os pesos imprevisíveis da vida.
Traz uma urgência de amparo,
Sustenta um olhar firme e claro
na obscuridade das ruas onde, às vezes, transita.
Traz o rosto entre lua e estrelas
E uma esperança que se levanta com o sol das manhãs.
Nos lábios, o gosto das maçãs,
E no riso, a aragem fresca da brisa.
Uma mulher possui, oculta e insuspeitada,
Uma força paradoxal,
Que pode ser mortal
Ou reordenar a vida.
Uma mulher traz a semente polinizada e nascida
Na aridez de qualquer tempo.
Traz uma referência de amor,
Dedos esculpido para acariciar a flor
E um véu que lhe preserva o instinto.
Uma mulher traz um silêncio e uma explosão,
Um delírio e uma prostração,
E uma certeza que a torna triunfante.
Uma mulher traz uma vibração constante,
Uma busca por sentir-se livre
E um poder de inventar caminhos.
Traz os derradeiros carinhos,
O peito despojado,
E possui-se de ternuras.
Uma mulher acumula-se de procuras,
De persistências e de encantamento.
Uma mulher traz o sábio gesto de um momento
E uma luz projetada para o infinito!

ROSA MULHER

Por Lúcia Helena dos Santos

Mulher tu és a mais linda rosa e maravilhosa de todos os jardins,
Tuas sementes de amor, bondade, fidelidade e felicidade foram plantadas pelos serafins,
Para fins de cresceres cheirosa, formosa, valorosa por todos os confins,
És delicada como as pétalas de encanto e pureza,
Generosa como o orvalho da natureza,
Guerreira com escudos de espinhos que te protegem que nem fortaleza,
Mulher tu és a rosa que está fincada no jardim da mais alta essência,
Para que todos os homens sintam honra,
orgulho e respeito por toda a celestial circunferência,
E os teus filhos sempre te reverenciem como Majestade de uma galáxia potência.
Mulher o teu cheiro de rosa inebriante
neutraliza o coração dos vulnerantes
que estão à procura da rosa fulgurante.
Mulher, nem o vento pode te derrubar,
Nem a chuva pode te afogar,
Porque possuis pétalas e folhas seivantes,
espinhos contundentes e haste vigorante
que te ergue para enfrentar qualquer inconveniente.
Por isso és mulher, pois exalas o perfume da dignidade,
O frescor da feminilidade,
E o pote de mel da maternidade.
Tens o dom de vivificar com intensidade,
Sabedoria que se expande por toda a eternidade
E independência no reino de um jardim regado de liberdade,
Cultivado de autonomia oportunizando a sustentabilidade.
Mulher tu és a rosa mais perfumada e poderosa de todos os jardins.



PERFUME DE MULHER

Por Mano Kleber

Mulher...

Tudo bem que foi Deus quem criou...

Mas, suspeito que não foi de uma costela de Adão que Ele se apossou,

E sim das pétalas da mais fina flor que no paraíso encontrou.

Ou teria se valido das diversas flores do Jardim do Éden por Ele mesmo plantadas?

Isso explicaria essa mistura inconfundível e essa diversidade humanamente insuperada!

Sim! Porque naquele tempo, no paraíso, de tudo que se pudesse imaginar existia!

Tudo vivia conforme Ele queria, na mais pura, santa, perfeita e completa harmonia!

No céu, na terra ou no mar e onde mais se possa pensar, tudo era uma maravilha!

Não era, pois, de se estranhar que todas as essências por ali se espalhassem.

Pelos mais recônditos lugares por onde as outras criaturas passassem.

Suspeito, assim, que Ele é e continua sendo o primeiro e o maior perfumista!

Por todas as combinações perfeitas que encontrou... coisas de um grande artista!

Ou, quem sabe até, de um verdadeiro alquimista!

De sua divina e infinita imaginação criou mulheres de toda espécie e modelo.

Mulheres que exalavam um agradável frescor à flor da pele, nua em pêlo.

E as espalhou como quem joga confetes para o ar, perfumando o mundo inteiro.

Como tudo que Ele faz é bem feito e tem um toque de mestre perfeccionista,

Colocou no seio do mundo a mais bela de suas obras-primas,

Infinitamente superior às que se veem em capa de revista.

Como quem compõe uma música e escreve complexas partituras,

Assim trouxe à luz a mais admirável e adorável de suas criaturas.

Foi salpicando notas ao vento e arrumando com todo cuidado.

Em algumas, colocou um tom ora seco, ora ligeiramente adocicado.

Em outras, pôs um cheirinho cítrico, de flores do campo ou amadeirado.

Quando exagerava na dose, logo percebia um aroma inesperado ou até mesmo enjoado!

De repente, tudo se encaixava e voltava a se combinar chegando ao efeito desejado.

Nas amostras de tamanho pequeno, por bem, resolveu colocar tudo concentrado.

Criou as de essência nem forte, nem fraca, mas que deixava o bicho-homem inebriado.

Espalhou aromas e fragrâncias da terra, de seiva, de mato e de capim,

Cheiro de erva do campo, de terra molhada pela chuva, de cravo, canela ou jasmim.

Percebeu que depois de muitos dias de trabalho, afinal,

As essências se uniam, se combinavam e davam um toque único e especial.

Dava pra perceber que tudo havia sido extraído sabiamente da natureza,

Dando a cada mulher uma singular beleza revelada no mais fino extrato.

Mulheres, assim como perfumes, possuem essa fórmula única de difícil significado.

E até hoje não se sabe como foi que Deus chegou a este brilhante resultado.

Mas, quem conhece, sabe muito bem que cada mulher possui o seu aroma exato.



Missa das Sete

Por Manolo

A sorrir, enrubescida,
vinhas, nas alvoradas,
de branco vestida.

Toda mulher,
aproximavas de mim.

Tua feminilidade,
teu corpo, teu cheiro,
tua lânguida rouca voz,
tua mão...

Química matutina
a ressuscitar
hinos originais
do instinto.



Mulher

Por Marcia R. B. Pontes

Pétala de rosa abrindo-se em flor
De um profundo perfume embriagador!
Pura imagem da sedução e do amor.

Verdadeira musa inspiradora do pintor,
Fabricada com perfeição pelo “Criador”
Mas, retratada pelo primeiro, com fé e pendor.

Pelos séculos, cercada de infâmia e dor,
Ou lavada em lágrimas de louvor:
- Mãe!... O inigualável ser sofredor!

Entre os sexos, compete pelo amor,
Pois, sua figura remete a um andor:
- Protege o filho onde ele for!

Caminha ao lado do esposo e senhor,
Mas, sem percebê-lo, “ela” comanda sim senhor!
Sem causar hostilidade ou terror.

E, embora compreensiva, se possível for,
Pune e castiga, se preciso for,
Para educar sem nenhum dissabor!

Quando no “poder” precisa se compor,
Para evitar comparações e se expor,
Provando que sabe se impor;

Pois, o mundo masculino é sem cor,
Mas, é necessário ao órgão gestor,
Para, a ambos, não se indispor!

Então, mulher, revista-se de cor!
Distribua muito amor...
Para viver na luz e no esplendor!

Hoje, seu Homem já deu sua flor?
Mesmo assim, cubra-o de beijos, sem rancor,
Meu amor!





LUPA CULTURAL

Por Rogério Araújo

(Rofa)

Férias fazem bem ao corpo e a alma

Férias! Quem não deseja chegar o dia em que pode gozar do período merecido de descanso, após um ano de árduo trabalho?

E, ao contrário do alguém pode pensar, férias não são apenas para ficar de “papo para o ar” descansando. É uma recomendação médica parar um pouco o alucinado ritmo da vida.

O corpo é beneficiado assim como a alma. Descansa tudo para renovar forças para novos desafios que vêm pela frente. Porque afinal de contas, o cansaço físico esgota tudo com o tempo e é mais que preciso parar um pouco.

Até mesmo os problemas podem ser vistos com outros olhos após um tempo de abstração e reflexão. Ninguém consegue fugir deles, mas sair do “olho do furacão” é uma das melhores recomendações para melhor decisão a ser tomada da hora certa.

E o que dizer de quem trabalha com criação, como artistas e escritores? Não tem dias melhores. E quando em conjunto com viagem, nem se fala...

Viajar faz tão bem que, em ares novos, a inspiração pode surgir até melhor ou mesmo ideias até nunca antes imaginada.

Um belo exemplo de como paisagens naturais podem trazer lindas ilustrações está no que aconteceu comigo.

Estava de férias em janeiro deste ano na cidade de Arraial do Cabo, no Rio de Janeiro, onde passei quase quinze dias. Na praia, observava as ondas que surgiam do nada sem pedir licença. A Praia dos Anjos é até calma na maioria das vezes, mas às vezes surpreende quem nela está sem a menor preocupação.

A nossa vida, assim como na praia, é atingida por ondas que vêm e vão. Ora empurra, ora puxa. Estamos calmamente no “raso”, sem preocupação, quando de repente uma “onda” nos surpreende e tenta nos derubar. E isso em forma de problema, pessoas inconvenientes ou mesmo algo que nos tira do sério.

Como diz uma frase de autor desconhecido: “Não sejas forte como uma onda que tudo destrói, mas sim como uma fortaleza que tudo suporta “. Assim, precisamos de “recarregar as baterias”, parando um pouco, para depois voltar e prosseguir na jornada da vida.

(Segue)

David Lloyd George disse sobre o assunto que “Mudar de preocupação faz-me tão bem como tirar férias”. Tudo porque os problemas não irão resolver ou sumir porque estamos de férias, mas serão vistos com novos olhos e com as decisões vistas de uma maneira completamente diferente.

Viver situações inusitadas, pitorescas, antológicas e alegres, bem como conhecer gente nova que trazem inspiração à vida: eis motivos de sobre para curtir as férias que podem trazer inúmeros benefícios ao viver como um todo.

Um conselho para lá de interessante é para aqueles que vivem para o trabalho, família ou têm outros afazeres que se esquece de si mesmo: não faça isso com você! A vida precisa ser curtida também e não apenas servir como uma grande e insuportável rotina.

Uma frase de muito fundamento sobre o assunto, sem autor definido, diz que “Chega de coisas passageiras, agora eu quero algo duradouro: Chega de feriados, agora eu quero é férias!”. E não é verdade?

Curta muito sua vida e não a deixe passar sem momentos de alegria que fazem bem à saúde. Afinal de contas, a vida é uma só e não tem possibilidade de continuar após perdê-la.

E férias é algo tão bom e relaxante que, infelizmente, chega ao fim muito rápido e fica com gosto de quero mais.

Por isso quero mais férias que trazem mais vida, esperança e muitas ideias revisadas, eliminadas e criadas.

Viva as férias que fazem bem ao corpo e a alma!

Um forte abraço do Rofa!

* Escritor, jornalista, autor do lançamento e livro-duplo “O super-herói do Natal” e “Presentão do Natal”, para o público infanto-juvenil, ilustrado e colorido, de “Crônicas, poesias e contos que u te conto...” (Literarte), lançado na 23ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo, em 2014 e de “*Mídia, bênção ou maldição?*” (Quártica Premium, 2011); colunista do “Jornal Sem Fronteiras”; participações em diversas antologias no Brasil e exterior; vencedor de prêmios literários e culturais; membro de várias academias literárias brasileiras e mundiais.

O que achou da coluna “*Lupa Cultural*” e deste texto? Contato: rofa.escritor@gmail.com



UM SONHO DE MULHER

Por Marco Rosa

Um jeito assim, perto de mim,
Um coração que cedo se estremece...
Uma ilusão, feito jasmim,
Flor que encanta e desaparece...
Uma canção de amor sem fim,
A melodia que jamais se esquece...
Como dizer quem é você,
Menina doce que jamais me cansa,
Valsa singela que me chama à dança,
Lembrança bela por demais criança?
Pra recordar tanta ternura que me faz contente,
Sonho e leveza como não se sente,
Planos de vida cálidos, frementes,
Anseio ver teu rosto lindo, sorrindo, carente,
Teu corpo rindo, dançando, inocente,
Meu coração cercado de amor.



Uma mulher à frente de seu tempo

(O mito de Chica da Silva - século XVIII)

Por Maria Aurélia Minervino

Em frente ao toucador, onde um espelho de cristal revelava as suas feições, a mulata se empoava com fino pó de arroz, tentando clarear a pele de bronze e com vaidade ajeitava depois o turbante de tira de tecido adasado, muito colorido, com o qual dava muitas voltas na cabeça. Ao ouvir passos ecoando na sala de tábuas, calça o chinelo de cetim e corre para a porta do quarto, amplo, onde arca de madeira guardam todos os tipos de roupas. Pondo o rosto bonito para fora pergunta:

- É você meu Rei?

João Fernandes atravessa a sala e se achega à mulher que corre para ele e num gesto de respeito faz-lhe uma reverência, beija-lhe a mão, segurando os folhos de sua saia de cetim. Silenciosos se dirigem para alcova...

Foi durante a exploração de ouro e diamantes no século XVIII que, uma escrava de nome Francisca da Silva nasceu, entre o ano de 1731 ou 1732, no Arraial do Tijuco, filha de um relacionamento extraconjugal do português, Antonio Caetano de Sá e da bela escrava Maria da Costa. Foi dada como escrava, aos 12 anos a troco de ouro, para o sargento-mor Manoel Pires Sardinha, um proprietário de lavras, e dele, ainda menina teve um filho chamado Simão Pires Sardinha, logo alforriado recebendo o nome do pai.

Sua vida como escrava era difícil e instável, tanto que pouco tempo depois foi oferecida como “presente” ao Padre Rolim, um dos grandes inconfidentes mineiros que, entretanto na ocasião foi preso e deportado. Escrava sem dono foi libertada por solicitação especial do contratador de diamantes, João Fernandes de Oliveira, uma das pessoas mais ricas da época no Arraial do Tijuco, atual Diamantina em Minas Gerais que ficou encantado com o seu porte senhoril.

A história de Chica da Silva foi sendo modificada pelo tempo que a tornou lendária em suas várias versões, tornando o relato conhecido e polêmico. Um mito que a descreve de formas variadas.

Desfrutando de imenso poder, Chica teve uma grande mudança em sua vida, acabando por receber o apelido de “Chica que manda”. Frequentava a sociedade e as missas cobertas de ouro e diamantes, acompanhadas por doze mucamas muito bem vestidas, suas escravas, tão negras como ela. Caprichosa quis que sua casa tivesse a forma de castelo, com grande jardim e com capela ao lado, comum na época. Passou a viver com a elite branca local, inclusive, fazendo doações milionárias às Irmandades Religiosas do Carmo e de São Francisco, que eram exclusivas de brancos, e às das Mercês e do Rosário, que eram reservadas aos negros.



(Segue)

Durante dezessete anos, entre 1753 a 1770, ano em que João Fernandes teve que regressar a Portugal, embora contrariado, por ordem real, devido a histórias fantasiosas que chegaram aos ouvidos do rei. Eles viveram juntos e tiveram deste relacionamento, treze filhos: nove meninas e quatro meninos - uma média de partos a cada treze meses, o que poderia desfazer o mito de figura sensual que lhe foi dado (registrados com o sobrenome do pai, fato raro na época, quando se tratavam de bastardos).

João Fernandes, além de pagar uma multa de onze milhões de Cruzados, por infrações contratuais que fora obrigado a quebrar pelo luxo e a opulência, marcas registradas das extravagâncias do casal, nunca pode retornar ao Brasil. Com ele levou os quatro filhos que teve com Chica da Silva que após adquirirem Educação Superior alcançaram postos de nobreza, na Corte Portuguesa. As filhas ficaram com a mãe que muito inteligente exigiu que estudassem prendas domésticas, algumas letras e músicas.

Em 1799, o filho primogênito de Chica da Silva, herdou todos os bens do pai, tornando-se um dos homens mais ricos de Portugal.

Chica da Silva que faleceu em 1796, entre alvos lençóis de linho foi sepultada na Irmandade Religiosa mais importante, a de São Francisco de Assis, exclusiva para brancos, demonstrando a grande importância social que a ex-escrava alcançou na época.

Entre os historiadores, em seu perfil há muitas divergências: linda e delicada ou feia e sem atributos físicos, por demais relaxados, pelos seguidos partos, três dos quais, tão difíceis, que quase morreu.

Sua história até nossos dias, embora envolta em mistérios mostra uma mulata inteligente, excluída pelo forte racismo da época; escrava por muito tempo que se tornou uma MULHER, à frente de seu tempo, no respeito que conquistou, mesmo que por caminhos diferentes, ao ser muito amada, em um relacionamento que mudou totalmente sua vida.

Texto de opinião, com referências históricas pesquisadas do livro: Furtado, Junia Ferreira. Chica da Silva e o Contador dos Diamantes - O outro lado do mito. São Paulo: Cia Das Letras, 2003.



A CORAGEM DE ADA

Por Bete França Jufer

Goiânia em um dia qualquer.

A manhã já ia alta naquelas férias de julho. Era um dia que se anunciava preguiçoso. Um bom livro pra ler, um solzinho pra tomar logo ali, no clube Social Feminino e nada mais. Férias.

Do que ia se passar, nem sinal. Tudo normal, em nossa capital.

De repente, a paz daquela manhã foi cortada por gritos. De dor, vindos de uma voz jovem, adolescente, quase infantil.

As pessoas começaram a aparecer nos jardins, janelas e portas de suas casas.

Nossa rua, a 102 do Setor Sul, era cheia de terrenos baldios naquela distante década de 60. Eu achava até que pouca gente vivia lá. Pra falar a verdade, no egoísmo dos meus 15 aninhos, eu nem via bem as outras pessoas, ocupada que estava com meu próprio mundo.

Mas naquela manhã eu vi. Todos. Quase todos. Quem estava em casa naquele horário, apareceu. Assustados, sem entender bem o que acontecia. Chegou gente até das vielas de cima, com os olhares focados no jardimzinho da casa do menino que gritava de dor.

Ada, minha mãe, que estava fazendo algum conserto de costura – naquela época se fazia muito isso - num quatinho de trabalhos num barracão dos fundos de nossa casa, não ouvia nada, com o motorzinho da sua Singer ligado.

Saí da casa da frente, sobressaltada, e fui aos fundos, comentar com minha mãe « o que seria isso? »

Ela desligou a máquina de costuras e ouviu.

Estão espancando essa criança, disse, e já foi se levantando, deixando cair o que costurava no chão.

Saiu do barracão e eu fui atrás, amedrontada. Atravessou nosso jardim, e foi até o outro lado da rua, sob os olhares de todos. Havia homens fortes, senhoras, jovens, velhos, crianças. Seu João, o vendedor de bananas que passava toda terça, empurrando seu carrinho carregado com sua mercadoria, tinha parado. Também estava lá.

Era esse o público. Petrificado.

Estranho como presenciar fatos assim, muitas vezes nos paralisam.

Ninguém fazia nem dizia nada. Todos calados. Na manhã ensolarada, só os gritos da criança se ouvia.

Ada, que tinha medo de trovão e sempre dizia “Santa Bárbara” quando um raio caía na região, não vacilou. Foi passando por entre o grupo reunido na frente do casebre, pedindo licença, com passos firmes e decididos. Grandalhões davam-lhe passagem, possibilitavam seu acesso ao jardimzinho da casa de onde vinham os sons de choro e dor.

Minha mãe chamou « ô de casa ».

Ninguém atendeu.

De leve ela empurrou a porta, que se abriu.

Pelos ombros de minha mãe eu pude ver a cena na salinha. Cena esta que vejo até hoje, pois ficou congelada em minha memória.

Três pessoas em pé, dois adultos e um menino: um homem, com a fisionomia transtornada e seu cinto na mão, uma mulher lívida, com as mãos na cintura e um menino de mais ou menos 12 anos. Apavorado, humilhado. Dorso nu, costas profundamente marcadas por vergões vermelhos.

A mulher olhou as intrusas, que éramos nós – minha mãe na frente, eu atrás (ainda mais amedrontada do que quando saímos de casa) - e esbravejou:

(Segue)

-Isso não é da sua conta não, dona. É coisa nossa. Esse menino precisa aprender! Vai embora!

Minha mãe guardou a calma, usou palavras suaves e firmes para tentar acalmar aqueles pretenso educadores, enquanto o menino se encolheu e começou a chorar num cantinho. Doído, humilhado.

Não sei mais o que Adinha disse, só sei que funcionou.

O tom de sua voz e a interrupção do castigo fizeram com que o pai do adolescente não encontrasse mais sua fúria para recomeçar a bater com o cinto nas costas do menino. Parou de espancar o filho.

Demos meia volta e começamos a fazer o caminho em direção à nossa casa (de onde um pouco mais tarde minha mãe telefonou ao Juizado de Menores).

Atravessamos o jardim da casinha sob os olhares de admiração dos vizinhos. Alguns nos cumprimentaram, outros parabenizaram minha mãe. Seu João, o bananeiro, sorriu, com os olhos cheios d'água.

Adinha cumprimentou, agradeceu constrangida e dirigiu-se à salinha no fundo da casa, de onde tinha saído. Foi continuar sua costura.

Ela foi na frente e eu atrás, sentindo um orgulho incrível daquela mulher, que era minha mãe.




Varal do Brasil®
Literário, sem frescuras
Salon
du livre
et de la
presse Genève

EM GENEBRA DE
29 DE ABRIL A 3 DE MAIO
DE 2015

RONALDO CORREIA DE BRITO
MARCELINO FREIRE
CINTIA MOSCOVICH
E
VOCÊ!

Da fragilidade se ser feminista

Por Maria Delboni

Uma broma o estigma que nos imputaram – ser capaz. Melhor seria se não soubéssemos disso, melhor se fosse fácil admitir que precisamos de colo, que somos fracas que não temos toda esta coragem e esta força que nos delegam. Seria muito mais fácil, mas não é o que queremos. O grande problema é que recebemos de mães e avós essa carga de responsabilidade pela casa, pelos filhos e recentemente por nós mesmas, não apenas a responsabilidade financeira mas pior - a emocional. E arregaçamos as mangas e fomos à luta. Fomos para os bancos das faculdades e nos preparamos, se o emprego estava ruim, se o mercado era competitivo fizemos Mestrado, Doutorado, mas não desistimos, é impossível retroceder. No entanto a luta é desigual, enquanto lutamos por um lugar ao sol, a sociedade entende que este não é nosso lugar, que estamos competindo com os homens. Ainda hoje se encontra em uma mesma firma mulheres trabalhando na mesma função ocupada por outros homens, e no entanto com salários distintos, encontramos situações em que as mulheres são discriminadas por serem mulheres e muitas vezes tachadas de incompetentes. É este o saldo legado por nossas avós militantes dos anos 60 – feministas. E muitas vezes por sermos feministas somos tachadas de não sermos femininas, e por feministas, por ser mulheres trabalhadoras, sofremos bullying no trabalho por chefes e colegas, e em casa, pelo marido e mesmo pelos filhos. É bullying o recusar dar trabalho, colocando a mulher como inútil na repartição onde trabalha, como também o é dar a ela excesso de trabalho, fato que pode se repetir dentro do lar. O marido pode isolar a mulher lhe tirando o poder de decidir qualquer situação dentro de casa, e ao lhe retirar o controle, colocando-a

no papel de serviçal e não da dona da casa, está lhe dizendo - você pode ser boa no seu trabalho, mas aqui você é uma inútil; também pode acontecer o contrário e lhe exigir muito trabalho, acumulando suas responsabilidades, e lhe criticar por qualquer de seus deslizes – precisamos ser extras, ser super mulheres. E nem sempre nos damos conta de que estamos sendo ultrajadas.

Susan Falude em “**Backlash: A guerra não declarada contra a Mulher Americana**” relata citações escritas no **New York Time** sobre o feminismo: “As mulheres podem ter o poder de decisão e igualdade, mas nunca estiveram mais miseráveis”, e outra “... As mulheres de carreira são propensas ao stress, ao alcoolismo, à perda de cabelos, ao nervosismo e até à ataque de coração” “as mulheres são infelizes porque são livres.” Em uma publicação do **New York Time para o Vanity Fair**, se lê “**When feminism failed or the awful truth about womens` Lib**”. (Quando o feminismo falha, ou a terrível verdade sobre a liberação feminina).

Susan diz que Megan Marshall uma escritora graduada de Harvard, assegura em seu romance “**The cost of loving: women and the new fear of intimacy**” (o custo de amar: mulheres e o novo medo de intimidade) que o mito da independência tornou sua geração mal amada e infeliz.

Ainda em **Backlash** Susan relata a fala de Barbara Streisand no filme “**Up the Sandbox**”, como personagem – Margareth, que diz ao seu marido: “ Uma mulher como eu trabalha duas vezes e muito mais pesado, e para que? Estrias, veias varicosas isto é o que ganho. Se você tem um trabalho eu tenho noventa e sete; posso ser meteorologista, a campeã anual de limpeza, rainha da lavanderia, etc.”

(Segue)

Susan diz que é importante que se pense sobre a identidade feminina e em como esta identidade se perde facilmente nos casamentos. Em **“The Stepford wives”** as esposas se tornam literalmente robots criados por seus maridos, em **“ In the Diary of a mad man housewife”** (O diário de uma mulher louca) e em **“ A Woman under the influence”** (uma mulher influenciável), a loucura das personagens pode ser tomado como uma forma de resistência feminista.

O ponto crítico das relações feministas é a dependência. O Padre Fábio de melo fala em seu livro **“Quem roubou você de mim”** sobre a ligação que se cria entre sequestrador e sequestrado, relação de dependência, onde o ódio se mistura com amor, e o sequestrado não consegue se livrar desta dependência, entendendo-se aqui como sequestro toda forma de manipulação de comportamento, de anulação da identidade feminina em prol do outro. Também o Dr. Drauzio Varela, oncologista e palestrista brasileiro, fala da dependência que as mulheres criam, de como elas se deixam anular, de como se sacrificam pelo outro, e que ao ser feminista e querer dar conta do que ela se julga capaz, muitas vezes se estressa, se enfarta ou adquire uma doença em decorrência da super carga de trabalho e preocupações.

Robin Norwood em **“ Women that Love too much”** (Mulheres que amam demais) best seller Americano no ano 1985, também trata este tema de dependência. Centenas de mulheres procuraram a autora, depois do lançamento do livro, por conselhos para seus relacionamentos. “As mulheres se tornam dependentes dos homens que as escravizam **“ women are addict to the men who hurt them”**. Motivado pelo conteúdo deste livro, foi criado na Califórnia um grupo, “Mulheres que amam demais” . O grupo de mulheres tinha como objetivo, através de discussões, e dos relatos dos acontecimentos na vida de cada participante, buscar uma alternativa, um rumo para suas vidas. Não acontecia. Se o marido agredia a esposa, ou não falava com

ela, a mulher sempre achava uma desculpa, deveria ser sua falta, ela precisava melhorar, -- se meu marido grita comigo porque não passei sua camisa favorita, se me liga no serviço para reclamar, coitado, eu o estou negligenciando, preciso prestar mais atenção. Sempre havia uma desculpa para o marido. A própria autora do livro relatou que após seu divórcio em 1987 se isolou curtindo sua infelicidade e como as outras mulheres do grupo achava que os problemas domésticos tinham sido sua culpa.

Susan fala desta relação, de como as mulheres fazem escolhas erradas, escolhas que são narradas em **“ Smart womam/ foolish choises”**(Mulheres inteligentes, escolhas insensatas) afirmando que elas continuavam nessas relações, porque criaram um laço de dependência.

Reações contra o feminismo, segundo Susan, estão presentes em muitos filmes americanos, onde se pode detectar reações contra a independência feminina. O diretor de filmagem precisa da personagem feminina, mas ela precisa se adaptar aos mandos da direção, inclusive se preciso, por exemplo, mudando o foco do desfecho, ou do clímax do filme, como é o caso de *Atração Fatal*, onde acontece um **Switch** na trama por exigência masculina. Michael Douglas o personagem principal, adúltero, se recusava a ser um herói de caráter fraco. A trama inicialmente escrita sofre uma reviravolta, onde Glenn Close de vítima passa a algós. Em **“9 ½ weeks”** (Nove e meia semanas de amor), o diretor Adrian Lyne também reverte o final. A personagem no enredo deveria abandonar o agressor indo embora, mas Lyne faz com que ela aprenda a amar o ser abusada. Susan relata a fala de Adrian quando se refere ao feminismo: “Minha mulher nunca trabalhou, ela é a pessoa menos ambiciosa que eu conheço, ela não tem o menor interesse em fazer carreira. Ela vive para mim e quando eu chego em casa ela está lá.”

(Segue)

Michael Douglas também se pronuncia: “Se você quer saber, eu estou cheio das feministas, elas realmente cavaram sua própria sepultura. Qualquer homem seria tolo se aceitasse a igualdade de direitos e pagamentos...elas precisam parar com isso, os homens estão atravessando uma crise terrível por causa das exigências das mulheres.”

A guerra não declarada está nas atitudes e nas falas dos homens, é preciso buscar mudanças, esta nova mulher que está nas casas, nos escritórios, nas fábricas, em fim, onde o trabalho estiver, deve ser tratada com respeito: ela tem o direito de ser ouvida e de ser levada a sério.

Como disse Susan: “não importa quantas vezes ela é mandada se calar, não importa que lhe digam para ficar afastada, nas sombras, ela vai lutar, vai se manter de pé, buscando o seu sol” - não há retrocesso.



Por Maria José Vital Justiniano

Eu gosto de ser mulher

Por Maria Emilia Algebaile

Eu gosto de ser mulher
De cortes e sangues
Profana e sagrada
Filha mãe avó amante
Meiga puta forte sensível
E eu gosto de ver o sol
Na minha condição feminina
E saber que abaixo dele
Só meu calor é maior
Para o bem e para o mal
E gosto de me banhar
Nas águas ainda límpidas
E de me enfeitar de flores e asas de borboleta
E gosto de rescender a madeira oriental
E me embriagar com vinhos raros
E me deixar dormir sobre a relva
Empunhando lanças e venenos
Porque acima de tudo e sempre
Sou mulher
e me orgulho de todas as possibilidades
e da liberdade de escolher meus caminhos,
minhas permanências e indecências,
minha candura e escolhas pervertidas.



Mulher Por Maria Moreira

Mulher: aquela que carrega a vida
Embala o berço e ensina o terço
Mulher é sinônimo de força aguerrida
Em todos lugares, já desde o berços

Mulher é raiz que se encrava no solo
Atinge a água e nela se faz Viçosa
Mulher reverbera em outro polo
E das águas surge a mais formosa

Trabalha sempre sem ter temor
Agasalhando o filho das tempestades
Transbordando em rios de amor
E nas calmarias descansa à vontade

Mulher seduz sem deixar vestígio
Elas acalmam a ira de seus maridos
E deixando os mesmos sentirem o prestígio
Mas que é dela a vitoriosa sem os alaridos.

Mulher está sempre com um olho aberto
Mesmo dormindo sabe o que se passa
Neste destino que lhe faz no incerto
Com força, com garra e com muita raça.

Das mulheres ninguém mais duvida
Mesmo aquela de que não se espera
Sempre estão dispostas a pagar com a vida

Pois são capazes de virarem fera!

Mulher é bonita em todas as estações
Do raiar do dia ao anoitecer
Mesmo as rabugentas têm suas atrações
Desde o anoitecer ao amanhecer.



Mulher

Por Maria (Nilza) de Campos Lepre

Quando penso em como é ser mulher volta a minha memória uma frase que minha mãe me disse ha muitos anos quando comecei a minha transformação: - Ser mulher é saber carregar as dores de nossos entes queridos, e aliviá-las, curá-las, sem se importar com as suas próprias, e ainda conservar um lindo sorriso no rosto.

Esta frase ela me disse depois recebi uma bo-lada em um de meus seios, enquanto brincava com minhas amigas. Estava na ocasião com nove anos de idade. Senti uma dor tão intensa que cheguei a acreditar que ali estava nascendo um furúnculo. Corri para dentro de casa a procura de minha mãe, estava precisando de seus cuidados. Ela examinou demoradamente meus peitinhos e chegou à seguinte conclusão: Eu estava começando a ficar mocinha. Ela ficou muito feliz com o acontecimento, mas eu ao contrário, estava apavorada. Se virar mulher precisava de tanta dor não queria mais crescer.

Este episódio foi somente o começo de minha caminhada até conseguir completar a transformação.

Durante este trajeto quantas dores eu tive de amargar... Terríveis cólicas menstruais, que muitas vezes me levavam para a cama de tão intensas eram. Durante estes períodos muitas vezes apareciam fortes dores de cabeça acompanhada de náuseas.

O tempo passou. Casei-me e logo engravidei. No começo não conseguia acreditar no numero de vezes que tinha de ir ao banheiro devido às náuseas. Cheguei a pensar que este seria meu primeiro e ultimo filho. Mas logo este mal estar se aplacou e passei a amar cada vez mais aquele pequeno ser que crescia dentro de mim. Eu era a pessoa mais feliz e abençoada do mundo.

Um dia acordei com muitas cólicas. Era chegada a hora do parto. Fiquei em trabalho durante dez horas. As dores eram cada vez mais intensas,

até que me levaram a sala de parto e acabei dando a luz a uma linda menina. Quando a colocam em meus braços imediatamente esqueci-me das dores, e um sorriso de felicidade se instalou em meu rosto e não mais o deixou.

Ao olhar para aquele rostinho tão puro e tão lindo, fiz uma promessa a mim mesma. Estaria vigilante para que nada a magoasse. Enfrentaria tudo e todos em defesa daquele pequenino ser. Se possível traria para mim as dores que ela tivesse que sentir. Seria como uma leoa em defesa de sua cria. Depois tive outros filhos, os defendo e amo, da mesma maneira.

Foi neste momento que comecei a entender a frase que minha mãe havia proferido com tanta sabedoria há tantos anos.

Apesar das dores que temos de suportar adoro ser mulher. Somos o esteio do mundo, somos o adubo que fertiliza a terra, somos as geradoras de frutos para este imenso universo criado por Deus.

Homens amo vocês, são muito importantes, mas, me desculpem continuo preferindo ser mulher.



MULHER

Por Maria Socorro de Sousa

Em minha alma
Há essência de Mulher
Em mim há força de viver
Amo Amar a Vida
Em minha alma
Há grito de Mulher
Em mim há luta, coragem
Ânsia de igualdade. Viva a Vida!
Em minha alma
Há sonho de Mulher
Em mim o Amor acalanta a dor
Ainda há esperança... Viva!
Em minha alma
A Fé Amor Esperança
Alça o voo valioso
A supremacia de ser
Mulher.



A mulher nordestina

Por Marilina Baccarat de Almeida Leão

Luiz Gonzaga, nas suas músicas, cantou o Nordeste de todas as formas. Fala da mulher nordestina, de sua força para o trabalho e sua luta... Mostra a mulher nordestina brava e forte. Ele nos faz pensar na mulher nordestina, que cuidava das crianças, no agreste e no sertão, mas, ao mesmo tempo, ele acompanha o desenvolvimento dessa mulher guerreira...

Na adversidade de um momento, da terra árida, em seu vermelho, surge uma sombra de um ser irresoluto, miragem no deserto por entre mandacarus e palmas, união do feminino em luta contra os infortúnios, pele rachada como o chão e olhos secos sem lágrimas, como o açude sem água no sertão... Na cabeça, ela traz uma lata com água cor de barro e gosto de lama salgada, sem respingar na terra ávida por ela, com ou sem gosto de nada, como a chuva, que nem chega a cair, evapora no ar, na quentura da terra. Assim se arrasta a mulher e o sertão, na espera da água do céu, para fazer florescer papoulas e enfeitar os cabelos da morena em dia de ladainha, na casa de pau a pique...

Animada para a festa e valente para a peleja. Assim é a mulher nordestina de Gonzaga...

Dizem que Gonzaga era machista, pois, uma das músicas dele, fala sobre a Paraíba e ele canta: – mulher macho, sim senhor... Mas penso que não, pois há músicas, dele, que falam da mulher de cintura fina, da mulher rendeira, pois a renda de bilro é o que toda nordestina sabe fazer e muito bem... Appreciar o toque da sanfona, então, é o que a mulher nordestina adora. Ela é festeira por natureza. Ele traz, em suas músicas, a mulher parteira do nordeste, que sempre trabalhou para ajudar a vir, ao mundo, os bebês, sem receber nadinha em troca... A música nos mostra esse respeito pela mulher parteira, o respeito por sua ancestralidade...

A mulher nordestina cria seus filhos e ainda ajuda a criar filhos, que não têm mãe... A garra da mulher nordestina é admirável... Ah, se todas nós tivéssemos um pouco dessa mulher guerreira, batalhadora. Saberíamos andar pelas alamedas do coração, tal qual elas andavam e andam no agreste e no sertão. A nordestina tem, com ela, essa coisa da alegria, da festa, gosta de se divertir e sabe aproveitar o presente, não pensando no futuro incerto, que virá...

Mulher

Por Marilu F Queiroz

Você, do poeta inspiração...
perfume suave de flor,
que evoca recordação,
de um belo sonho de amor.

Eu, monstro egoísta...
algo sem definição.
É porque não aprendo
ter em você afeição.

Mulher, quem sabe algum dia
Poderei em você pensar...
Sem que a nostalgia,
venha de mim se apossar.

Eu, merecê-la quisera...
para poder ser feliz.
Oh! Deus eu pudera
não ter feito o que fiz!



MULHER EXTRAORDINÁRIA

Por Marina Gentile

Ela é um transatlântico,
deslizando em ondas,
ondas poéticas, navegantes,
ondas prosaicas, triunfantes,
e ondas inquietantes.

É amiga vitalícia em energia,
é terra fértil, é telhado céu,
é o sol alegrando o dia,
é lua em fases, fantasia,
em lua de mel.

Diante das injustiças,
dos tolos e algozes,
agita-se, é mar revolto.

Seu tempo é como pão abençoado,
se divide em milhares de fatias,
porções de saciar fome,
fome de cultivar amigos,
fome de cultura, sabedoria.

Nós mulheres conhecemos bem as
quatro operações matemáticas, no
prático da vida. Sabemos somar, mul-
tiplicar, dividir, inclusive fazer a conta
de diminuir, quando necessário.

Neste caderno em homenagem a mu-
lher, certamente encontraremos textos

maravilhosos, poesias e outros. Divul-
gar as mulheres, suas histórias, seus
feitos, é um incentivo.

Eu tenho conhecido mulheres exemplo.
Todas nós temos mulheres maravilho-
sas em nossas vidas, a começar por
nossas mães. Mas hoje minha poesia
é para outra. Fui inspirada em uma
das mulheres mais extraordinárias que
conheci pessoalmente: a escritora Mi-
riam de Sales Oliveira. Eh baiana arre-
tada!

Além da cultura, da garra, criativida-
de, ela tem coragem. Coragem de ex-
por seu pensamento, coragem de co-
locar as mãos na massa, coragem de
mostrar a cara. Claro que deve ter
suas imperfeições, como todos os hu-
manos, mas sem dúvida ela é um
exemplo lindo de pessoa, sobretudo
um exemplo de mulher que nos incen-
tiva.

Parabéns para ela e para todas as mu-
lheres pela coragem e responsabili-
dade.



O HOMEM E SUAS INVENÇÕES

Por Mário Rezende

O cara estava sentado pensando na vida... Não tinha nada para fazer naquela época. Descansava, de barriga cheia, depois de ter matado um guinu na base do porrete, degustado a carne sanguinolenta e comido a metade da maçã que a mulher ofereceu para ele. Começou a esfregar, distraído, um pedacinho de pau no tronco de árvore em que estava sentado. Esfregou, esfregou, esfregou... e fez uma valeta bem lisa. Esfregou mais rápido e com mais força até que da casca da árvore começou a desprender uma fumacinha. De repente fumegou mais e surgiu algo amarelado e muito quente que lhe queimou a ponta de um dos dedos. Mas assim que a palha acabou, aquela coisa quente desapareceu com a fumaça. Então ele começou a friccionar de novo e depois de algum tempo reapareceu a chama. Para que não se apagasse, jogou palha em cima para sustentar o que ele chamou de fogo. Conseguiu mantê-lo aceso por algum tempo e foi logo mostrar para os outros do bando. Ele os ensinou a alimentar a chama e pediu que o ajudassem porque a palha era logo consumida na medida em que ela aumentava. Tornou-se o primeiro líder.

Todos passaram a trabalhar para manter o fogo, porque interessaram-se pelo calor que dele se desprendia. Pensaram que seria interessante quando chegasse a época do gelo, estava inventado o trabalho.

Certo dia a chuva apagou o fogo, então eles descobriram que a água tinha o poder de apagá-lo se fosse necessário. Criaram uma nova chama e ele teve a ideia de fazer uma cobertura com pedras para protegê-la da chuva. Naquela altura, a palha já havia sido substituída por gravetos e depois por pequenas toras que ficavam acesas a noite toda e, pela manhã, bastava que eles reavivassem o fogo, dispensando-se assim o trabalho noturno para mantê-lo. Foi inventado o carvão.

Sempre aceso em baixo das pedras, o fogo fez com que elas ficassem muito quentes. Então, alguém deixou cair um pedaço de carne sobre uma pedra que cobria o fogo, e dela começou a se desprender um cheiro muito agradável. O aroma delicioso chamou-lhes a atenção e, ao provarem a carne assada, acharam o gosto bem melhor do que crua. Assim, foi inventado o churrasco. Outro dia, caiu sobre as pedras um ovo de pássaro. O ovo se partiu e logo ficou esbranquiçado, com uma rodela amarela no meio. Quem o descobriu foi o inventor do ovo frito e do fogão.

Com o fogo abastecido e perenizado com o uso das toras, aliviou-se o trabalho. Assim os homens puderam sair para caçar e abastecerem o grupo enquanto as mulheres ficavam cuidando do fogão e da comida. Foi inventado o trabalho da mulher.

Só que elas não se acomodaram como os machos e foram aos poucos desencostando a barriga do fogão e hoje estão atuando em todas as áreas. Não vai demorar muito, vão inverter o processo e comandar o mundo. Souberam usar com sabedoria, a arma mais poderosa que a natureza lhes deu em compensação à menor capacidade física.



<http://album.aufeminin.com/>

PALÍNDROMOS ÀS PENCAS

Osiris Roriz

Ele é um ex-professor de Matemática, mas as palavras e não os números é que têm povoado a mente de Osiris Roriz, um curitibano “nascido na Praça Garibaldi” há mais de 60 anos. Mas agora ele é um **palindromista**.

Palíndromos são palavras, frases ou textos, que sempre ficam iguais, independente do sentido da leitura, se da esquerda para direita ou o contrário. Por exemplo: **MISSA É ASSIM**. Experimente ler da direita para a esquerda ...

E foi por esta “maluquice saudável” que ele se encantou. Já com um livro publicado, **PALÍNDROMOS - um desafio linguístico**, o ex-professor deixa logo claro que tudo recomeçou há uns 15 ou 20 anos.

“Eu era bancário e professor, e até meus 45 anos lia mais livros técnicos. E a partir dessa idade as pessoas ficam mais maduras, com a vida estruturada e então comecei a dedicar-me à literatura e escrever”.

Conta ele que frequentando oficinas de criação e escrita literária, começou com contos e poesia - tem cinco livros prontos. Até que se lhe voltou à memória, que foi lá nos anos 60 (1960), no colégio, que um colega de turma escreveu no quadro-negro: **SOCORRAM-ME SUBI NO ÔNIBIS EM MARROCOS**, o palíndromo mais conhecido no Brasil.

“A partir de então, comecei a pesquisa que não mais a deixei. Já devo ter criado mais de 4.000 palíndromos e deve ter descartado já uns 500, portanto tenho em meu acervo cerca de 3.500 palíndromos, dos quais uns 2.500 estejam no meu livro publicado. E quando já teria criado uns 700 palíndromos, me dei conta de que meu apelido em família, **ZIRO**, com o meu sobrenome civil, **RORIZ**, resulta um palíndromo, o qual adotei como heterônimo (pseudônimo) palindrômico”.

“Posso dizer que sou um palindromista legíti-

mo”. Afirma ele. E mais ainda, o seu nome (**OSIRIS**) quando escrito vezes seguida, resulta também palindrômico. Vejam só: **OSIRISOSIRISOSIRISOSIRIS**.

“Palíndromos existem em todas as línguas que adotam escrita fonética, aquela baseada num alfabeto. Desconheço a palíndromia em línguas com escrita ideográfica”. Comentou ele com a repórter.

“É de Sócrates de Maronéia, no século III a.C., a mais antiga referência que se tem aos palíndromos, embora não se tenha nada dele registrado, pois ficou mais conhecido pelos versos sotádicos, que são frases cuja ordem das palavras não alteram o sentido”, explica Roriz.

É dele, o mais extenso texto palindrômico em língua portuguesa. O texto tem 400 palavras, e, contando com o título que é: **O ANÃO DO CASO DO BOLO FOFO DO LOBO DO BOBO É O TITO. ELE, O TITO, É O BOBO DO BOLO DO FOFO LOBO DO SACO DO ANÃO**, resultam 429 palavras.

Contou ele, que encontra palíndromos o tempo todo e por toda parte, seja olhando para uma placa da rua, em textos publicitários, ou, no nome das pessoas. “Hoje em dia, consigo mentalizar uma palavra”, conta ele que, amante do estudo de línguas, já se embrenhou até pelo estudo do Hebraico, cuja escrita é da direita para a esquerda.

Roriz criou dois tipos novos de palíndromos. Os palíndromos duplos, os quais lendo da esquerda para direita é uma frase insossa, ou comum, porém se lida ao contrário é interessante, curiosa, de mau-gosto, e até mesmo escatológica. E também criou os palíndromos circulares, que são palíndromos em formato de uma circunferência, onde o fim junta-se com o começo.

(Segue)

E as pesquisas e estudos também não param.

Para 2015, já estará pronto seu segundo livro, que conterà, além de palíndromos mais “apimentados”, conterà também um capítulo especial a tratar dos **ANAGRAMAS**, outra “maluquice saudável” que consiste em, a partir de uma palavra, ou, frase pronta, criar outra, diferente, porém com as mesmas letras que já se tem na palavra ou frase anterior. Por exemplo: a palavra ANAGRAMA pode gerar **ANA MAGRA; A GRANA MÁ**, e, você poderá até mesmo imaginar que uma letra **A** esteja num gramado, o que resulta um curioso **A NA GRAMA ...**

Um dos pontos fortes da palíndromia, é o aspecto humorístico que se pode extrair das frases palindrômicas. Tais como: **Oi rato otário**, legenda para o encontro de um gato que enganou e surpreendeu um rato; **Assim anão voa na missa**, para o caso de um milagre, qual seja de um anão, através da fé, voar em plena missa de domingo.

Mas, afinal para que serve isso, Ziro? “Para provocar riso. Vale pela surpresa que provoca nas pessoas. É algo que se a pessoa gosta vira mania”, garante ele.

Exemplos

- REVERTA ATREVER
- OVACIONAR A PARANÓICA VÓ
- SOBRE VÓS SÓ VERBOS
- ANITA PATINA
- O RITMO COM TIRO
- O NAMORADO ROMANO

O anão do caso do bolo fofo do lobo do bobo é o Tito. Ele, o Tito, é o bobo do bolo do fofo lobo do saco do anão

A sua pauta é a sua causa e o bolo do caso do fofo lobo do bobo anão é ele, Otto. Levíssimo é o vivo namoro da Regine Roda na caba-

na bacana da casa da tropa nada romana. Ele, o novo vodu do vovô (no caso dono do casaco do anão bobo). E a Rita ovo atira no vovô, e ria Nair a torta. Maíra gaga era. Se caga Cesária má. Mara viu; Ema ri; Vovó vê. A mamãe, o tio Ito réu (que Clara leva), o Adão, Ana, e Leo, viajaram ao além a pé; e nós, de navio. Dario com Leno e Leonela tirana, esmagam-se. Mata-me, se a Leon a Mãe se opõe. Ane lê. Acir, assim Ana já via (com a moça Lea) Iraci falar: a Plácida Razera do azar é razão da reza. Por prazer a rica alemoa baba na mão. Vão, mas é do anão o linotipo. Dezoito moços no sol, Eno viu corado. Revele doida! Vovó vê Vera torta a trote. Viva ! Diva na ida vê ave além. Ari é da maloca. Irá sorrir Rosa e Ari é sacana. E assim Ana, com a moça lê, a Iraci falada ria. Pai parará o ritmo com tiro. Arara pia pairada. Lá Ficaria ela com a moça na missa ? E Ana caseira é. A sorrir Rosa ri. A cola madeira mela. Eva é vadia na vida, vive torta a trotar e vê vovô vadio de leve rodar o cu. Ivonel o sonso; como tio Zé do pito. Nilo, o anão de Samoa, voa mana. Babão mela Acir a rezar pró-paz. Era do azar é razão da reza radical. Para lá ficaria ela, com a moça Iva, já na missa. Rica Elena é, opõe-se a Manoela e se matam. Esmagam-se Ana Rita, Leno e Leonel. Moço irado, Ivan Edson é, e Pâmela o amaré. Já Ivo (ele anão) Adão Avelar, Alceu quer. O tio Ito e a mamãe, vovó viram e uivaram. A Maíra se caga. Cesar e a gaga riam. A trotar ia Nair, e o vovô na Rita ovo atira. É o bobo anão do casaco (dono do saco novo), vodu do vovô Noel ? E a namorada na porta da sacada na cabana bacana do Reni gerado romano. Vivo e omissível, Otto, ele é o anão bobo do bolo fofo do saco do lobo e a sua causa é a tua pausa.

Este é o mais extenso texto palindrômico em língua portuguesa. Tem **400** palavras, com mais **29** do título (também palindrômico), totaliza **429** palavras. E não possui nenhuma frase palindrômica repetida.



LILITH, A PRIMEIRA MULHER

Por Marly Rondan

Lilith aparece em muitas culturas, para antigos hebreus, foi a primeira mulher criada por Deus. A primeira feminista da história da humanidade, às vezes, conta a história que Lilith foi expulsa do Paraíso,

outras vezes conta que ela fugiu do Paraíso e Adão ficou desesperado com sua ausência, por isso Deus criou Eva. Eva foi criada de uma costela de Adão, não é “inteira” é uma metade que precisa ser completada pelo homem. Eva precisava ser dócil, submissa, para nunca fugir do Paraíso. Eva é representada pela Lua Cheia, a Lua da Paixão, pela Lua Crescente, a Lua da multiplicação dos seres e da fartura.

Lilith é a Lua Negra, a Lua da sedução, da sexualidade, da vingança e também da Lua Nova, Lua que traz as mudanças, as coisas novas para a vida,

que troca o que não mais traz felicidade, por coisas novas satisfatórias.

Um arquétipo da Grande Mãe, o Divino Feminino, a Grande Mulher!

Hoje, século XXI ainda temos muitas Evas. Não seja uma Eva, seja Lilith!



Arte by Marina Coric

À noite ela olha o céu

Por Maurício Duarte

À noite ela olha o céu
e o mundo a perde num esgar
da feiticeira banida
por suas diabruras de estar...

À noite ela olha o céu
e cabisbaixo o menestrel
canta sua última melodia
tentando purgar do dia o fel...

À noite ela olha o céu
e o seu olhar diz tudo o que
queremos ouvir, tatear, sentir,
a moça de uma doçura do quê...

À noite ela olha o céu
e a sua sina de mulher-gato
traz-nos uma pérola de rara
beleza, da candura do fato...



MULHER VADIA

Por Net 7 Mares

Nunca mais serei bom moço
— Vida de glória vazia —
Eu quero o amor sem esforço...
Eu quero a mulher vadia.

Agora, só quero o esboço
Do amor que, antes, queria...
Marcar a bunda e o pescoço,
Eu quero, da minha vadia.

Cansei de esperar em vão
Por aquele amor completo
Que só existe em poesia;

Seja eu luz, seja ela inseto...
Sejamos, mas, solidão,
Não viverei com a vadia.



ESPELHO, ESPELHO MEU

Por Nilza Amaral

“juventude é algo em si que falseia e engana.” (Nietzsche)

Todas as manhãs quando desperto
Olho-me no espelho.
Desvio o olhar do cabelo grisalho,
Constrange-me a cabelereira quase branca,
Implica-me a flácida anca.
Rejeito a imagem alterada,
Desfaço a feição, descomponho o feito.
Quem é essa velha refletida?
Quem é essa dama antiquada?
Olho-me de novo intrigada.
Quero transformar a dama envelhecida
No corpo enxuto, o cabelo esvoaçante.
Quero rever a luz da mocidade
Perdida lá no fundo reluzente.
Mas o espelho teimoso devolve-me o reflexo
Aponta-me sem pena a imagem severa,
esconde o viço, a juventude refulgente
exibe o rosto triste, a figura que exaspera
tira-me a adolescência, encobre a puberdade,
Ocultas no profundo.
Seria esse espelho, o espelho mágico,
Que ao invés da bela mostra-me a fera,
Seria a bruxa má da Cinderela?
Ou seria Nietzsche que interfere:
“jovem: caverna com flores. Velha: um dragão
diz horrores?”
Afasto o aforismo do filósofo,
Já não me impressionam tais dizeres.
Agora sou arguta e ponderada.

Não comerei a maçã predestinada.
Volto-me ao espelho e dedo em riste
Ordeno-lhe com palavras planas,
Espelho, espelho meu, tu não me enganas,
Se queres me mostrar tal face insana,
Saiba rude bruxa, essa imagem de agora
Nada tem a ver com a minha interna aurora.
E alisando as madeixas em formoso arranjo
Acerto em meu cabelo a dourada fivela.
E encerro na manhã a bizarra novela.
Pois envelhecer não deixa sequela.
E sobre todas as mazelas
A sabedoria, a paciência e a calma,
Não são castigos e sim valores d’alma.
E o tempo o que é?
Já disse um sábio que ele, o Tempo
é um velho calvo e trapaceiro
Que seja, mas sou matreira,
Sei domar esse embusteiro...
Se essa minha imagem por vezes me agride
Se já não sou mais jovem e o tempo não
regride
Eu brindo à vida, ao tempo, à outrora
mocidade,
E louvo agradecida minha vida, a minha nova
fase,
O novo rumo, a nova retomada.
Para terminar, deusa não tem idade
E toda mulher é deusa por afinidade
E ser mais velha é mais ainda
É sentir-se forte, segura, mais que linda
Ser mulher é especialidade,



ÍCONES UNIVERSAIS, EXISTENCIAIS NO PLANETA!

Por Odenir Ferro

O que podemos, quando podemos, se tão inspirados somos, quando temos inerentes em nós, o direito e o dever de sermos amorosos, calorosos, complacentes – com a presença repleta de glória – dentro do contexto gradual amoroso e lírico das poesias vivas que se concentram indefinidas e indefinitivamente, dentro do teor histórico, clássico e sublime de cada infinita Mulher?!

Como haveríamos de podermos, nós, míseros humanos poetas emocionais consagrarmos-lhes?! Sendo que elas já foram, são e serão, magníficas Obras Existenciais, consagradas pela sabedoria definitivamente explícita, dentro dos parâmetros incógnitos de Deus?!

- Qual é a amplitude de surpresas resguardadas, que está no conteúdo de cada Mulher...? Se elas vivem surpreendendo-nos...!

- Falamos delas? Nós falamos... E muito! Pois também elas falam (e muito mais) de nós! Somos os avessos dos inversos dos versos reversos dos antagônicos sublimados dos sufrágios melancólicos coerentes com a sublimação existente nos cálices sagrados da procriação que estão abençoados pelas vaginas que vão pela eterna existência humana afora, procriando, procriando... Em amores tão incondicionais, quanto todo o trajeto feito, rumo afora, pela Humanidade! E o que dizemos dos valores dos Amores?

Se os amores são todos muito bem associados a elas todas? Inerentes em todas elas, tal qual pele e espírito – unificando a alma num único sagrado corpo reprodutor. Cujos resultados são os amores feitos, refeitos, perfeitos, imperfeitos, ajustados, desajustados, avessos... Perenes ou perecíveis, perante os versos dos incógnitos reversos das trajetórias individuais, muito embora, sempre tão universais...

Nas tangentes resultantes dos amores submersos, majestosos, cristãos, satânicos, antagônicos e tão profundamente sublimados – através dos abortivos sufrágios doentios, do-

lorosos, dolosos, cabalísticos – destruindo e destituindo a força moral de qualquer mulher.

As mulheres abortivas vivem abortadas de si mesmas. Tal quais as viúvas dos filhos que se perderam pelas contramãos cheias de vícios esparramados pela roleta russa maldosa e cheia de encantos malignos e dolosos espalhados pela vida, enquanto elas vão vivendo os dias, dentro das prisões emocionais inclementes de si próprias... Trágicas ou tragicômicas a chorarem as dores perceptíveis, salientes, nas memórias mais sublimes dos seus corações...

As mulheres têm o dom da persuasão. Enganam a todos – muito embora – não podem (e nem devem) enganarem-se a si mesmas.

As Mulheres são os Ícones Universais, existenciais no Planeta!

Nós não sabemos das dores das mulheres – e nem, muito menos, das verdadeiras razões dos seus risos – pois elas não confessam nem mesmos as dores e muito menos os risos, até para si mesmas...

Recitarmos inflamados versos – enaltecendo a beleza e as virtudes das Grandes Mulheres, é fácil... Pois elas estão todas espalhadas por aí... Espalhadas pelo Planeta afora... Elas já são e sempre foram e serão Elas! Todas definidas pela sua trajetória existencial vibrante, de tão brilhantes que são! Milhões de aplausos para Elas. Porque todas elas merecem!

Mas... E as Grandes Mulheres que ficaram ocultadas... Silenciadas, mal tratadas... Atormentadas, doídas, doidas, estupradas, enganadas, traídas... Uma, duas, três... Milhões de vezes! As que foram diagnosticadas com (doenças diversas, incuráveis) – o que podemos dizer, ou fazer por elas?!

- Qual é a extensão das nossas dores universais, relacionadas aos universos doloridos das míseras existências de milhões delas?

E o que podemos fazer para resolvermos, ou tentarmos encontrar alguma solução, para sanar o desamor afligindo constantemente a todas elas? Enquanto elas são o puro estado do amor, desejando apenas atenção, carinho e afeto? Tanto elas quanto às milhares de crianças desajustadas, jogadas pelas sarjetas sujas... Nas transversais amargas, nos perigos expostos das ruas escuras e das esquinas vertiginosas do Planeta... (Segue)

A todas elas, deixo aqui o meu profundo minuto de Luto Silencioso!

... Às milhares de mulheres que estão por aqui, além de milhões das que se foram... Desejando a todas as que vivem ainda, por aqui – nesta mísera social insociável Humanidade – que elas tenham algum conforto espiritual e físico!

Para que possamos fazer do Amor Fraternal, algo real, substancial... E não somente meras guirlandas de quimeras razões emocionais utópicas!

Soneto de pedido de desculpas a ti

Por Paulo Caruso

Eu preferi, nune, te pedir
a mão nesta faculdade
onde o amor veio à vontade
e soube assaz bem nos unir.

Precisávamos nós dois vir
até esta janela, deidade,
pra marcar nossa verdade
c'o amor a, em nós, retinir.

Nesta janela, oito anos atrás,
tu tentavas comigo falar,
mas eu te ignorei o tentar.

Olvido-me de tal destratar.
Devo ter tido horas más,
mas hoje contigo quero paz.



MULHER

Por Paula Alves

Graça
neste pedaço de corpo
que luziu a quem se doeu...
Nesta
dor
em que te criaste,
nessa beleza que nos desprende...
Para quem a viu, só, largada, não lo-
go encontrada,
em desgraça,
por vezes
e
s
t
r
a
n
g
u
l
a
d
a
em dó de nós,
em traçados nós,
perdidos
sem ligeireza no caminho...
E vem uma mão que toca
num cabelo que se desprende
e
este corpo,

esse corpo!
Qualquer corpo
desperta em ser que
é:
sendo,
sambando,
sussurrando um choro
que se cala em...
Sussurro...
Que se repete agora em nova vida,
reitera-se o fado
cadente,
caindo,
elevando-se em tranquilo *requiem*
na graça que a vida lhe dá.
Graças a si,
com graça.
Em seu corpo
Mulher.



DE MULHER PARA MELHOR

Por Paulo Roberto Candido

Uma mulher nunca será cega ou surda completamente, da mesma forma, jamais ficará inerte sentada em uma cadeira de rodas e muito menos, deixará de ser sensível aos sofrimentos dos semelhantes. Ela é um Ser de Luz, de som, de movimento e de pulsante coração. Na presença dela não existe escuridão que não possa se iluminar, não existe silêncio que não possa ser compreendido, não há inércia que não se sinta instigada a se locomover, não há sentimento que não seja acolhido maternalmente. Ela é uma criação Divina apta à integralidade, mesmo sendo habitante de um mundo tão adepto às desintegrações morais e sociais.

Quando pensamos na palavra melhor, lembramos da palavra mulher, é só substituir duas vogais e uma passa a ser a outra; Não é uma descoberta filosófica, nem uma inspiração de cronista, simplesmente é uma constatação que tudo fica melhor com a presença da mulher ou tudo fica mulher com a existência do melhor. o pôr-do-sol só é lindo por que a tarde se entrega à noite, os poemas ficam mais belos quando as musas são do gênero feminino, tais como: a natureza, as mães, as namoradas, as emoções que são as próprias essências da inspiração e muitas outras coisas que a estimulam. Esta crônica por exemplo, foi inspirada nessa maravilhosa criatura chamada mulher, que apesar de Eva ter nos tirado do Paraíso, Deus nos apresentou tantas outras Evas que nos levam de volta diariamente ao Jardim do Éden, com suas costelas, corações, úteros, braços, olhos, mentes e todos os órgãos e sentidos que fazem delas, o nosso passaporte para a felicidade. Portanto, em qualquer situação, com ou sem deficiência no seu físico, a mulher estará sempre fazendo a diferença, pois é um ser vibrante de amor, coragem, acolhimento e sabedoria e entendendo o pensamento de Deus ao criá-la e sem a pretensão de ser ajudante de Criação, mas de ter a sensibilidade para homenageá-la em tão pequena incursão literária, escrevo aqui acerca do mais belo e forte sexo da humanidade, com toda a minha força lírica de masculinidade, dizendo que de mulher para melhor não há nenhuma distância.



Garras Vermelhas

Por Perpétua Amorim

A mulher que passa
Enfeita-se de filhos
No pescoço, nos braços
Na barra da saia
Ancas largas
Seios fartos
Garras Vermelhas!

(Alimenta-os de esperança profetizada)

A mulher que passa
Tece de boca em boca
O grito que silencia
Violência
Abandono
Covardia
Vermelho Batom!

(Esconde sua decência com uma túnica desbotada)

A mulher que passa
Manteiga no pão que amassa
Serve a mesa,
Serve na cama
Provém sustento
Ungüento
Cura ferida
Vermelho sangrar!

(Dorme em travesseiros de espinhos)

A mulher que passa
Abre caminhos
Ganha causas perdidas
Vence,
Cria,
Procria,
Recolhe o entardecer
Vermelho porvir!

(soletra em silencio o verbo amar)

A mulher que passa
Dispensa dissabores
Quando está Cinderela
É bela
Forte,
Frágil,
Acende labaredas em alto mar.
Vermelho coração!

(carrega no ventre o segredo da vida)



Finalmente nua

Por Regina Nadaes Marques

Finalmente nua. Tira blusa, tira sandália, tira calça, calcinha, sutiã. O frescor do chão de pedra, deita no corredor, dá frio, levanta, dá uma corridinha, os peitos balançam, incomoda, veste o sutiã, ridícula sem calcinha, melhor recompor-se, compor-se, comportar-se, vive comportada, tá cansando. Daqui a pouco vai dar fome, não faz mal, come o que tiver, nem pensar em sair pra fazer compras, pode ler, pode escrever, pode ver um filme, tem uma prateleira inteira de livros na fila, montes de filmes, e que dizer do universo ilimitado encerrado na internet, poderia ficar horas por ali, e fica mesmo, perde o maior tempo, não limpa a casa, nem a cama anda fazendo, parece cama de cachorro, imersão produtiva, diz aos outros, os outros quem são, são a simplicidade absoluta, são o mundo e a vida como ela é, o contrário dela, que acha que é de outro mundo. Joe Tromundo, o nome do cachorro do irmão serve mais é pra ela, mas disso ninguém sabe, ela é comportada. Convoquemos todos, e que tragam laranjas para esta prisão. Trégua. Pra que brigar. Quanto durará? A ela não interessa, ela é priva de interesses. Querem me convencer que tenho escolhas. Rá. Nunquinha mesmo, diz, categórica. Agradece toda noite, gracias a la vida que me ha dado tanto. Só não me engane dizendo que posso escolher. Ame-se dentro para não perder-se lá fora. Mas o amor de verdade existe mesmo? Até hoje só ouviu falar. Silêncio. O coração está gelado. Cadê as histórias bonitas, cósmicas? Cética. Por quanto tempo aguenta esperar pelo amor de sua vida? É muita coisa, muita roupa, muita planta, muitas cartas, muitos bibelôs, muitos banhos a tomar, para tirar cheiros, para por olores, o cheiro da morte chegando, cada dia mais perto, já espreita. Não quer ler nada, sobretudo não quer ler aquela carta rancorosa. Não quer ter nada, não quer fazer comida. Nutrir o corpo para nutrir a alma. Insensatez. É melhor ficar calada, já é calada, sempre foi, no meio do vazerio da vida. Paris, qual melhor lugar para ficar calada? Em alguns momentos alguém que ela perdeu há tempos aparece no corpo de um desconhecido, por um gesto ou um tom de voz inconfundível. Queria ser a convidada de honra da sua propria festa. Rancor, por uma memória

mal gravada. E aquelas filas, gente? E o medo de se perder, e dava aquele vento. E aquela piada, gente? Até hoje ri como na primeira vez. Queria mesmo é ter tido um filho. Ou um gato que fosse. Mas não pode abaixar a guarda, precisa deixar sempre alto o nível de tensão. Talvez decida tomar coragem e saia de novo, para pegar chuva, para ser feliz, com certeza será feliz quando voltar. Prometeram-lhe soluções mágicas, com um sorrisinho no canto dos lábios. Ela lê a cores, lê nas entrelinhas, não crê em mais nada. Queria renascer, tentar de novo porque desta vez não deu certo. São muitas as cicatrizes, a jornada é longa demais. Está indignada, acha que não entendeu nada, acha que entendeu tudo. Verdade que ninguém disse que era fácil.

Por isso anda nua pela casa, antes encolhia a barriga quando passava na frente do espelho, mas isso era em outros tempos, quando tinha tantos fãs. Ama-se assim mesmo. Em pé, na frente do espelho, faz o jogo do sério. E perde.

FIM



Mulher virtuosa: uma joia preciosa!

Por Rogério Araújo (Rofa)

A busca constante na vida do homem, por mais que alguns prefiram a quantidade para demonstrar que é macho, é a qualidade em alguém tudo que precisa para lhe fazer o bem e que o complete.

Provérbios 31.10 diz: “Mulher virtuosa, quem a achará? Ela vale muito mais do que joias preciosas”. E não é verdade? Riqueza nenhuma, tesouro algum pode ser melhor do que achar essa pedra preciosa chamada MULHER.

Um ditado popular diz que “Atrás de todo grande homem existe uma grande mulher”, porém não seria na verdade ao lado ao invés de atrás? A mulher não é sombra do homem, mas alguém que o coloca pra frente e o apoia sempre.

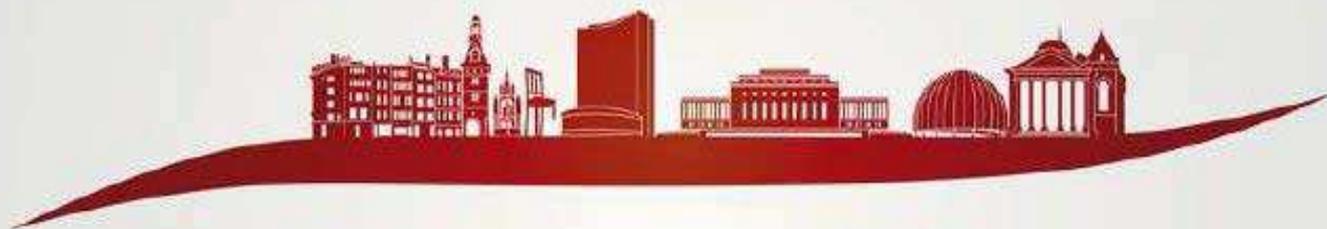
As qualidades de uma MULHER que a fazem uma joia preciosa na vida do homem:

- Confiável. Aquela pessoa em quem se pode contar para tudo. “O coração do seu marido confia nela, e não lhe haverá falta de lucro” (Provérbios 31.11)
- Bondosa. Uma pessoa do bem, calma, agradável. “Ela não faz bem, não tem mal, todos os dias da sua vida” (Provérbios 31.12)
- Não preguiçosa. Guerreira que luta pela vida a dois ou pela família inteira. “Ela busca lã e vinho, e trabalha de boa vontade com as mãos” (Provérbios 31.13).
- Forte. Uma fortaleza que não se abala por nada e incentiva, não desestimula. “Dedica-se com determinação e se esforça”.

Com todas essas “virtudes” será uma joia que brilha junto com a vida do homem, confirmando o que Deus mesmo falou em Gênesis 2.18: “Não é bom que o home esteja só; eu lhe farei uma ajudadora que lhe seja adequada”.

Parabéns a todas as mulheres na passagem do dia 8 de março: Dia Internacional da Mulher!





Geneva
Switzerland



CELEBRARE!

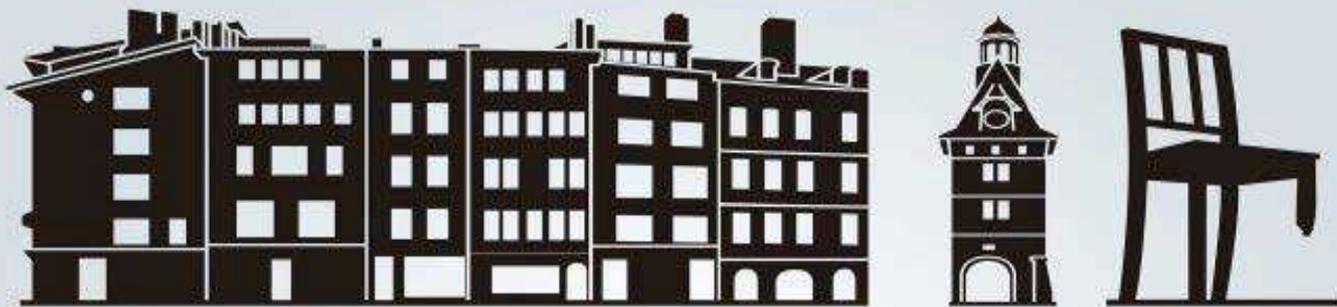
Você e seu livro no maior evento literário suíço!

Você e seu livro num dos melhores eventos culturais da Europa!

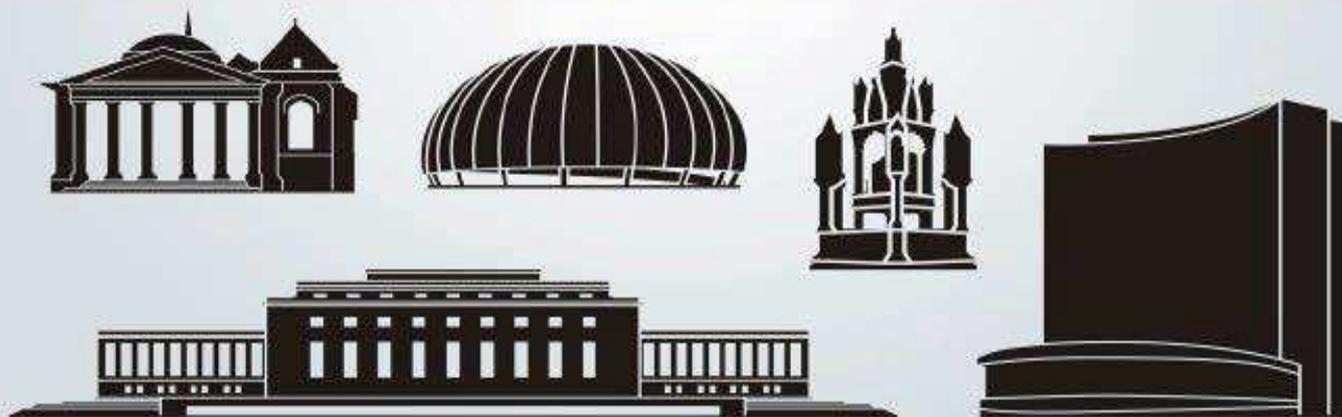
29 de abril a 3 de maio de 2015

Peça **INFORMAÇÕES**
pelo e-mail
varaldobrasil@gmail.com





Geneva Landmarks



Salon
du livre
et de la
presse Genève



CEMEMORE!

Você e seu livro no maior evento literário suíço!

Você e seu livro num dos melhores eventos culturais da Europa!

29 de abril a 3 de maio de 2015

Peça INFORMAÇÕES

pelo e-mail

varaldobrasil@gmail.com



VOCÊ ESCREVE LIVROS INFANTIS?

Este é um dos gêneros mais procurados no
Salão do Livro de Genebra, Suíça!

Traga seus livros para divulgação e venda conosco!

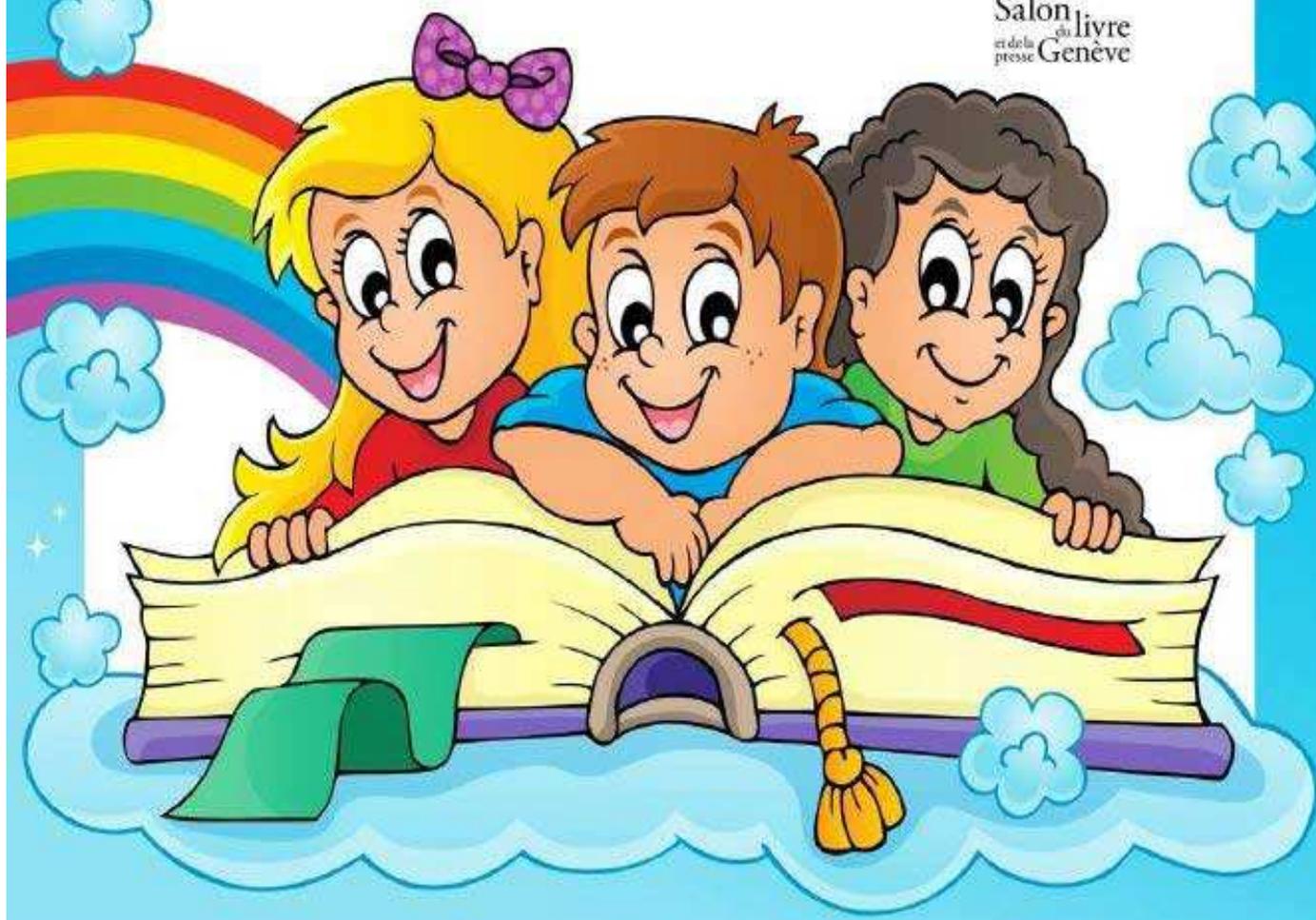
Você pode vir autografar ou enviar seus livros pelos correios.

Informações: varaldobrasil@gmail.com

De 29 de abril a 3 de maio de 2015



Salon
du livre
et de la
presse
Genève



É Flor

Por Rossandro Laurindo

As pétalas do sorriso alinhadas
Aglomeradas e alvas como as das Margaridas
As gemas cintilantes dos olhos
Vibrantes ante os movimentos artesanais

Os molhos das chaves do coração perdido
Lembram o prateado brilho estelar
Milhares de universos de amores partidos
Em microcosmos espelhados a vagar

As incontáveis espécies existentes
Fazem haver infinitos de você
Dançando harmoniosamente
Entre esverdeados campos coletivos

Cativos os olhares dos espectadores
Focando no único alvo entre tantos
Sua face florida a folhear os ramos
Destacando sua unicidade sem dores

A semente-mulher que és
Germina flores entre amores



Mulher incondicional

Por Rozelene Furtado de Lima

Gosto de ser mulher!
Quando conquisto espaço
E caminho nas linhas que traço.
Quando enfrento o preconceito
E não carrego essa dor no peito.
Quando grito para ecoar e fazer- me ouvir
Por outras mulheres que ainda são maltratadas
Desrespeitadas, segregadas e imoladas.
Gosto de ser feminina, que sem medo
Enfrenta debate e que come chocolate,
Pisa descalça na areia, ora bonita ora feia.
Faz careta nas fotografias no modo primitivo.
Gargalha até chorar e chora sem motivo
Gosto de ser fêmea quando beijo na boca
E doar ao amor o meu prazer
Saio com quem amo sem medo de sofrer
Sou chamada de santa, poderosa,
Querida, mãe, amor e de vaidosa
Gosto de ser substantivo feminino:
Flor, lua, água, madrugada, lágrima, magia,
Fada, ideia, joia, gata, mão, rainha e poesia
Gosto de ser mulher de verdade!
Cheia de regras e formas.
De todo jeito e maneira, com eira e beira.
Em qualquer posição e situação.
Mulher inteira em idade qualquer.
Só não suporto ser metade mulher!



Perfil

Por Silvio Parise

Quando avaliamos o perfil
que a mulher de hoje tem demonstrado
logo notamos que o seu perfil
com o tempo realmente tem mudado.
Existem várias teorias para esse quadro
portanto, prefiro seguir as coisas que vejo
relevo que acho francamente adequado. Por isso, con-
cluí que a mulher de hoje
verdadeiramente evoluiu,
pois olhem para a sociedade
e, digam-me se não é uma realidade
a posição que definitivamente ela assumiu?
Porque não importa a área
profissional onde a mulher esteja,
naturalmente faz o seu papel
de grande líder com toda certeza.
Daí, obviamente admirar
o que a mulher conseguiu obter hoje
graças ao esforço espetacular
porque muitas além de mãe sabem lidar
com trabalhos cuja posição
acho realmente espetacular.
Tudo nessa vida tem um preço
e, claro, que não é barato...
Pois o trabalho é árduo!
Mas, maior é a satisfação de cada realização
vinda de íntimos desejos
perfil que, pelo menos para mim,
mostra que o ser humano é igual,
a diferença está em seus feitos.



UM DIA, UMA MULHER

Por Simone Pessoa

Basta a luz do sol entrar pela janela do quarto, ela descerra os olhos. Toma consciência de que mais um dia começa e que há um mundo esperando por ela. Espreguiça-se. Pula da cama cambaleante, mas logo se apruma. Ligeira, faz uma breve toailete e veste a roupa de ginástica. Enquanto as crianças ainda dormem, vai preparar leite batido com banana e massa vitaminada. Faz o café, põe a mesa e deixa o pão do dia anterior esquentando. Acorda a meninada com as canecas do leite na mão. Uma das crianças reluta em despertar. Ela canta: “*acorda dorminhoco, que o galo já cantou...*” Quando todos já estão despertos, ela volta para a cozinha. Come, sozinha, meio pão com manteiga molhado no café – sua vontade é comer um inteiro, mas resiste para não engordar – e bebe o resto do leite batido que sobrou no liquidificador. Tira a louça suja da mesa. Volta ao quarto das crianças. Um dos filhos não está encontrando a camisa da farda. Ela a encontra.

No caminho rumo à escola, aproveita para saber se as crianças estão bem e em dia com os estudos. Mas a turma ainda está meio sonolenta e não quer conversa. Deixa a meninada na porta do colégio e se dirige à academia. Sente preguiça, mas sua determinação de se manter em forma é maior. Cumpre todo o circuito dos equipamentos e ainda se submete a uns abdominais extras para diminuir a barriguinha que o marido não perde a chance de ressaltar. Terminada a ginástica (ufa!), vai fazer umas comprinhas no supermercado.

Já em casa, coloca a comida do cachorro; despacha com a secretária que acaba de chegar: o bombeiro virá consertar a torneira, o remédio da filha está acabando; o almoço e o jantar; a blusa branca do marido que precisa ser lavada à mão. A propósito, o marido ainda está dormindo. Toma um banho frio rápido e se arruma depressa. Com o barulho, o marido acorda, mas só há tempo de lhe dar um beijo e se despedir. Só se verão novamente à noite, pois o trabalho dela é distante e não lhe permite almoçar em casa.

O trabalho é intenso. A mãe e uma amiga lhe telefonam, mas ela mal pode atendê-las. A noite avança. Chega em casa, beija o marido e os filhos e vai direto tomar um banho morno – o momento mais relaxado do dia. Todos já jantaram. Ela janta sozinha. E cansada, não tem ânimo de ver as tarefas das crianças, sequer namorar com o marido que ela ama. Que pena... só deseja os braços de Morfeu...



Não só em Ipanema!

Por Stella Maris Rosselet

Apesar do sol gostoso na praia, da vida calma, após uma longa viagem de avião, Peter não se sentia feliz. Seria ainda o cansaço dos últimos dias de trabalho que antecederam as tão merecidas férias?

Estava ali, deitado naquela praia linda do nordeste brasileiro, com os olhos semi-cerrados, ouvindo o barulho das ondas, esquecido da sua rotina suíça. Tinha vontade de se beliscar para acreditar que tudo era real.

De repente, começou a cantarolar a música que aprendera no curso de português: "Garota de Ipanema". De certa forma, fora ela que influenciara sua opção pelo Brasil, nessas férias de fim de ano.

Aquela maravilhosa melodia de Tom Jobim com as palavras dengosas de Vinícius de Moraes, era realmente um convite tentador.

Eram impactantes demais aquelas frases poéticas de um brasileiro admirativo diante da formosura de uma garota:

*"Olha que coisa mais linda,
mais cheia de graça
É ela menina que vem e que passa
No doce balanço a caminho do mar"*

Impossível ficar insensível à beleza da mulher e imaginar a paisagem.

De repente, sentiu-se mais triste. Uma melancolia que não condizia com o encanto e tranquilidade do lugar. Justamente, achava tudo muito pacato: não havia nenhuma sereia atravessando o seu horizonte, naquela tão bela manhã!

Na maravilhosa praia do nordeste brasileiro havia alguns idosos, correndo atrás da forma física, que pudesse lhes prolongar os dias, algumas crianças com suas mães, procurando conchinhas na praia, alguns cães vadios, que fixavam seus olhos no horizonte, sem nenhum entusiasmo.

Decidiu caminhar um pouco para ver se melhorava seu mau humor. Praia é bom mas a solidão é triste!!!

Chegou a um pequeno restaurante de praia e resolveu comer alguma coisa, para passar o tempo. Com medo de experimentar alguma iguaria exótica, pediu um peixe assado com arroz. Já aprendera que

arroz é o companheiro inseparável em todas refeições brasileiras.

Enquanto aguardava, arriscou tomar uma caipirinha, bem devagar, saboreando cada gole. Nem isso atenuava seu mau humor. Nem parecia estar de férias, achava-se mais como um exilado, numa praia deserta.

A coisa piorou quando o dono do restaurante lhe serviu um peixe assado demais, com aspecto triste, esturricado. Até a comida não colaborava para melhorar o seu dia!

Experimentou o peixe e não suportou aquela borraça insossa que mastigava.

Reclamou, como um bom turista que se preza, esbravejou, exigiu que o dono do restaurante chamasse a cozinheira para que ele pudesse falar diretamente para ela tudo o que pensava de seus dons culinários.

Eis que surge então à sua frente a cozinheira: uma moça linda, simples e tímida.

Com seus olhos verdes marejados, enxugava nervosamente suas mãos trêmulas no avental branquinho. Que mulher!

Envergonhado, ele lhe estendeu a mão, cantando mentalmente:

"Olha que coisa mais linda... que já vi passar"

Não a repreendeu. Com o rosto vermelho, gaguejando, convidou-a a caminhar na praia e catar conchinhas...





RONALDO CORREIA DE BRITO



**DE 29 DE ABRIL A
3 DE MAIO DE
2015!**

GENEBRA

VENHA TAMBÉM!

varaldobrasil@gmail.com

www.varaldobrasil.com



CINTIA MOSCOVICH



**DE 29 DE ABRIL A
3 DE MAIO DE
2015!**

GENEBRA

VENHA TAMBÉM!

varaldobrasil@gmail.com

www.varaldobrasil.com



MARCELINO FREIRE



**DE 29 DE ABRIL A
3 DE MAIO DE
2015!**

GENEBRA

VENHA TAMBÉM!

varaldobrasil@gmail.com

www.varaldobrasil.com

Minha Súplica de Mulher

Por Suzana villaça

Oro, Senhor, hoje.
Por todas as mulheres
Para que seu encanto
Não se torne desencontro
Para que seu lugar
Não se torne desnudo
Para que seu sentir
Não se torne invisível
Para que seu caminho
Não se torne torturante
Para que sua luta
Não se torne disputa
Para que sua graça
Não a torne desgraçada
Para que seu parir
Não a torne desprotegida
Para que suas razões
Não a tornem mutilada.
Oro, Senhor, sempre.
Pela virtude bem usada
Pela meiguice bem compreendida
Pela intuição bem aproveitada
Pela missão das bem dotadas
Pela evolução das menos amadas
Pela firmeza das ajustadas
Pela insegurança das mal iniciadas.
Oro, Senhor, conscientemente,
Pelo direito pacífico de amar
Pelo direito suave da conquista
Pelo direito sensível de errar

Por tudo que a mulher recebeu e é
dotada
Em um mundo onde
O fascínio do prazer
A desfaz em séries
Por minha mãe, minha filha.
Por minha amiga e inimiga.
Por todas elas, jovens e senhoras da
idade
Por aquela que desconheço.
Oro, Senhor, universalmente,
Por mulheres mais amigas
Menos temidas e mais amadas.

Livro editado em 1981: Vida; Mundo; Mulher.



Por conta da solidão

Por Totonha Lobo

Cruzou com ele na rua principal. Ela o viu, ele não. Fisicamente ele estava na medida do príncipe que tanto sonhou. Um príncipe normal. Nem alto, nem baixo, nem bonito nem feio. Foi olhar e gravar sua fisionomia. A partir daquele momento ele só lhe fez bem.

Chegou em casa, se olhou no espelho e resolveu que iria pintar o cabelo. Não os queria mais brancos. Foi à cabeleireira e ali começou sua transformação.

No dia seguinte já se viu e se sentiu mais bonita. Foi a uma loja que uma amiga vendo sua transformação fez questão de indicar. No caminho da loja o avistou de longe. O coração bateu. Entrou na loja comprou roupas mais modernas. Saiu satisfeita.

De visual novo, as amigas se animaram a convidá-la para irem à cafeteria, à sorveteria e porque não à choperia? Ela aceitava, se arrumava sempre pensando num novo encontro com ele. Cruzaram-se outras vezes. Ele visto por ela. Ela invisível para ele. Poderia até abordá-lo, mas não tinha jeito para seduzir. Isso ficara lá na adolescência. Seduzia sem intenção. Seduzia pela alegria. Agora nem alegria tinha. Sentia que renascia. Quem sabe seria alegre outra vez. E ele a enxergaria.

Foi retomando amizades antigas, que se distanciara por conta do companheiro. Nem tão companheiro. Falecido.

Fez limpeza nos armários, deu as roupas antigas, comprou sapatos novos. Enfeitava-se para ir à padaria, supermercado e no açougue, caminho onde já o tinha visto algumas vezes. Aquele caminho lhe trazia sorte: enxergava-o de longe e voltava feliz. Passava o resto do dia em companhia das lembranças e das imagens de como estava vestido, se estava barbeado, a cor do sapato, ou a cor da camisa. Tudo isso lhe fazia companhia e a alegrava.

Passou a convidar os amigos para irem a sua casa. Preparou jantares e almoços, voltou ao seu hobby: cozinhar.

Numa dessas noites um dos casais trouxe um amigo de fora. Ele se encantou com ela. Ela não correspondeu. Sentia-se comprometida. Educadamente trocaram os números dos telefones.

Alguns dias depois, indo ao açougue cruzou com ele e com coragem lhe deu bom dia. Ele não respondeu. Ficou passada.

Chorou muito. A amiga ligou e disse que o amigo perguntou dela.

Levantou resoluta, pegou o papel com o telefone do mais recente conhecido, ligou e aceitou o convite de ir para sua casa no final de semana. Saiu foi à rodoviária comprar a passagem.

No caminho cruzou com ele. Estava acompanhado. Ficou feliz. Pensou agradecer-lhe. Estava com pressa.

la ao reencontro da vida.

Enigma Mulher

Por Valéria Rodrigues Florenzano

Para pesquisar sobre mulher
Fui olhar no dicionário
Quantas mulheres diferentes
A partir da mesma palavra

Mulher de casa cuida da casa
A mulher do fado é a meretriz
A mulher errada é a mal comportada

E tantas outras que existem
A partir da mesma palavra

Se um grande número de mulheres se junta
Temos então a mulherada
Uma mulherada cheia
Cheia de mulheres variadas

E se todas tornarem-se uma?
Uma única com olhos únicos,
Boca única
Os pensamentos, porém, diversos
Já que num único corpo
Cabem inumeráveis pensamentos
Que convivem num mesmo corpo,
Com olhos únicos, boca única

Teremos então uma mulher única
Com pensamentos que às vezes combinam,
Às vezes discordam

E sentimentos que às vezes são
semelhantes,
Às vezes opostos

Se há pensamentos contraditórios
Pode ela apagar os piores
Ficando com os que a fazem
Ser apenas a mulher que quer ser



MULHER

Por Vanda Salles

Há uma mulher em mim
Que perscruta a escuridão e acende estrelas.
Há uma mulher em mim
Que é mãe, avó, filha, irmã e tia...
Há uma mulher em mim
Que loba faminta uiva suas utopias a quebrar os muros do silêncio...
Há uma mulher em mim
Que cabe pouco nesse corpo amigo,
Mas que sabe a hora de nele repousar... E voa!
Há uma mulher que assume suas dores, suas cicatrizes, a indiferença
inóspita,
Para que suas alegrias mesmo em um tempo distraído, além da libido
seja
porque sabe o quanto sofre e o quanto desfruta um coração de poeta
Há uma mulher em mim
que é carne de pescoço, osso duro de roer, entretanto vê
e sabe o que fazer
quando quer, quando é para ser... Apenas mulher!!!



MULHER ANTIGA

Por Maria Aparecida Felicori (Vó Fia)

Mulher antiga de vestido comprido
Chapéu de veludo emplumado
Sempre severa junto ao marido
Caminhando elegante sem olhar para o lado.

Nos pés lindos borzeguins abotoados
Com botões de camurça azul claro
Chale de seda cheio de bordados
Colares de perolas em um tom raro.

Nos braços rosados pulseiras de ouro
Formato de cobra com olhos de rubi
Pente brilhante enfeita o cabelo louro
Debaixo do chapéu refulge aqui e ali.

È uma dama grande senhora
Desfila sua beleza sem par
Ela é um charme a qualquer hora
Com leque de renda se abana sem parar.

Na Belle Époque era uma rainha
Século dezenove dançando can-can
Pelo passado como sombra caminha
De ontem para hoje e para amanhã.





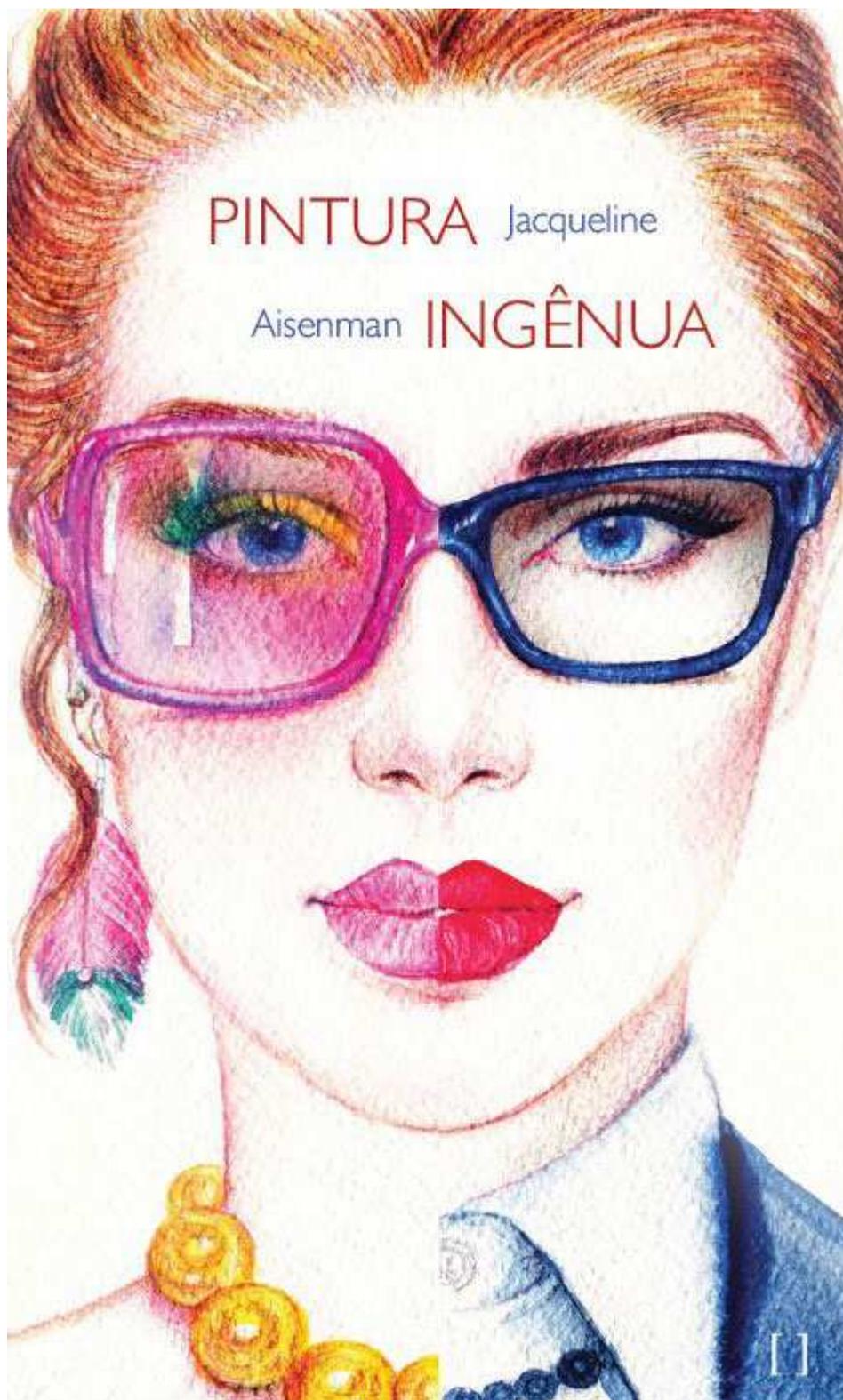
**NOVO LIVRO DE MINI CONTOS/CRÔNICAS DE
JACQUELINE AISENMAN**

Sendo mulher

Por Jacqueline Aisenman

Volta e meia era menina, de rosa e boneca e laço apertado. Volta meia era menino, rosto sujo, cara braba e vontade de brigar. Volta e tanta e meia a mais, virei mulher: em meio a tentar ser bonita e ser capaz e ser forte e... os saltos cansam, esqueço o batom e os cabelos se revoltam mais do que eu. Por isto, dentro aqui de mim ainda tem menina e menino. A menina que redescobre os brincos e brinca de ser mulher vaidosa e o menino que se joga na vida e nem quer saber que aparência tem. Mas a menina também luta feio e vigorosamente por tudo o que quer e o menino também se fantasia e permite voar entre os sonhos. Dentro de mim tem na verdade uma população inteira querendo existir e toda ela com um nome só: mulher!





NOVO LIVRO DE POEMAS DE
JACQUELINE AISENMAN



ECOVOLUNTÁRIA

**Alexandra
Magalhães
Zeiner**

A resposta da Terra

A Terra está respondendo claramente à tortura dos diferentes tipos de poluição causada por seres humanos. Os sinais, algumas vezes reconhecidos somente a longo prazo, estão modificando cenários naturais (florestas) e artificiais (grandes cidades) em todo planeta. O exemplo mais temido, pesquisado e debatido por algumas nações alarmadas, está aproximando-se a passos gigantes: o efeito estufa.

Impulsionado pelo aumento constante de gases o efeito estufa muito influenciou para que o ano de 2014 seja registrado como o mais quente dos últimos tempos, provavelmente quebrando recordes! Na verdade, deixando de lado calendários, o período de outubro de 2013 até setembro 2014 foi o mais quente que já tivemos na história do hemisfério norte do planeta.

Todos, exceto um dos 10 anos mais quentes já registrados ocorreram no século 21 (1998, quando houve um El Niño muito forte, é a exceção). Dessa forma pode-se afirmar que o constante aumento das temperaturas da Terra são o resultado do acúmulo de gases do efeito estufa, como o dióxido de carbono, na atmosfera do planeta. Estes gases aquecem a atmosfera, e dessa forma o calor é absorvido pelos oceanos do mundo. Esses oceanos, particularmente o nordeste e equatorial do Pacífico, são em grande parte, o que está mostrando os registros pesquisados porque as temperaturas nos oceanos mudam lentamente.

Os números estão amplamente de acordo com registros mantidos pela NASA e pela Agência Meteorológica do Japão (estação de pesquisa no Pacífico), sendo que ambos também classificaram setembro de 2014 como o mais quente já registrado. Diferentes agências usam diferentes métodos de compilação das temperaturas globais, mantendo pequenas variações em seus números e rankings de mês a mês e ano a ano.

Infelizmente, um dos lugares mais significativamente afetados é a Amazônia. A floresta amazônica inala enormes quantidades de dióxido de carbono da atmosfera, ajudando a manter "o orçamento de carbono" do mundo em equilíbrio (pelo menos até que as emissões humanas começaram a comprometer esse equilíbrio). Mas, como mostra um novo estudo, desde o ano 2000, condições mais secas estão causando uma diminuição na capacidade pulmonar da floresta. Mesmo quando a quantidade de carbono na Amazônia é impressionante, anos de seca podem levar a grandes perdas de carbono. Por exemplo, durante uma seca severa em 2005 - um ano de El Niño - a Amazônia perdeu cerca de 1,6 gigatoneladas de carbono.

Algumas projeções futuras indicam que as mudanças climáticas podem gerar "super" El Niños, o que aumentaria as chances de seca. Naturalmente mais pesquisas a longo prazo são necessárias para se entender completamente a ligação entre El Niño e as secas mais frequentes no Brasil. Independente de modelos computadorizados, os sinais apresentados à raça humana são claros: é nossa responsabilidade coletiva entender os recados do planeta-mãe. Resta-nos apenas fazer a nossa parte, mesmo quando duvidamos do valor do impacto que cada um de nós pode causar à Terra.



CULTÍSSIMO

POR ANA ROSENROT

Símbolo da beleza feminina, inteligente, atriz talentosa, elegante, defensora das causas humanitárias, mãe zelosa... Em 2009 foi eleita a atriz mais bonita da história de Hollywood, considerada um ícone de estilo e a terceira (deveria ser a primeira) maior lenda feminina do cinema, de acordo com o American Film Institute; mas você sabe de quem eu estou falando? Não é de uma atriz também linda conhecidíssima e de olhos claros, falo da incrível e incomparável Audrey Kathleen Ruston (futuramente adotaria o Hepburn de seu pai), nascida em 4 de maio de 1929, uma belga de olhos escuros como a noite, filha de uma baronesa holandesa, descendente de reis, mas sofrida e com um coração cheio de ternura a quem conhecemos como Audrey Hepburn. Criada num colégio interno na Inglaterra para manter-se longe dos problemas conjugais de seus pais conheceu e passou a dedicar-se a sua paixão: a dança; mas seu sonho de seguir os estudos no balé foi interrompido pelos horrores da 2ª Guerra Mundial, sua mãe imaginando que ela estaria mais segura na Holanda à chama de volta, sem imaginar o erro que está cometendo, pois mesmo sendo neutro o país é invadido pelos nazistas em 1940 quase sem nenhuma resistência (as forças armadas holandesas não possuíam recursos, suas únicas armas eram rifles de 1890) e Audrey, sua mãe e seus irmãos (seu pai tinha ido embora) ficam presos num país devastado: enfrentam a fome (a dificuldade era tanta que ela confessa ter comido bulbos de tulipa e tentado fazer um bolo de grama para não morrer), o medo e todo o tipo de humilhações, chegando a testemunhar o massacre de parentes e amigos. Para ajudar a resistência ela usa o balé como arma: adota o nome de Edda van Heemstra e participa de pequenas apresentações de dança enquanto leva mensagens escondidas em suas sapatilhas; finalmente em 1948 com o fim da ocupação, sua família se muda para a Inglaterra.

Considerada alta demais e “sem talento” para o balé, ela passa a dançar profissionalmente em clubes, trabalhar como modelo e a fazer papéis pequenos em filmes ingleses e franceses para sustentar a família. Em 1951 participa como coadjuvante numa obscura produção musical “Nous Irons à Monte Carlo”, o filme é um verdadeiro fracasso, mas serve para chamar a atenção da escritora francesa Colette, que pretende montar uma peça baseada em seu texto Gigi; ao encontrar-se com Audrey ela teve certeza e meses depois a peça estreia na Broadway com um estrondoso sucesso, Audrey é aclamada e fica conhecida; seu lugar em Hollywood está garantido.

O diretor Willian Wyller se encanta com a novata e a escolhe para o papel principal em “A Princesa e o Plebeu”, onde ela trabalhou tão bem que recebeu o Oscar de Melhor atriz; daí em diante vieram somente sucessos, Audrey era amada pelo público, já havia se tornado a “bonequinha”, mesmo antes de fazer “Bonequinha de Luxo (Breakfast at Tiffany's) -1961”.

Encantar o público foi fácil (ela fez 28 filmes), ganhar os mais importantes prêmios (o EGOT -acrônimo de Emmy, Grammy, Oscar e Tony) uma consequência do seu carisma e profissionalismo; seu maior desafio foi à vida pessoal: relacionamentos difíceis, carência afetiva, incrível necessidade de proteção, frustração pela dificuldade de engravidar (ela sofreu vários abortos, um deles após cair do cavalo durante as filmagens de “O Passado Não Perdoa - 1960”) e um vazio que a fama que nunca a deslumbrou e a dedicação ao trabalho não conseguiam mais preencher e quando os filhos finalmente vieram, ela dedicou-se a eles de corpo e alma, colocando o cinema em segundo plano (ela recusou papéis nos filmes: “O Exorcista” e “Um estranho no ninho”), dosando com perfeição suas duas paixões: os filhos e a arte. (Segue)



Segue

Mas foi em 1989 que Steven Spielberg lhe daria um papel que seria o seu último e mudaria sua vida: um anjo que esbanja simplicidade e doçura no filme "Além da Eternidade" – 1989; influenciada pelo filme ela descobriu sua verdadeira vocação e passou a desempenhar seu papel mais importante: o de Embaixatriz da UNICEF. Audrey, como vítima da guerra, quis ajudar com afinco a organização, pois foi o "United Nations Relief and Rehabilitation Administration" (que deu origem à UNICEF) que chegou com comida e suprimentos após o término da Segunda Guerra Mundial, salvando sua vida. Ela passaria seus últimos anos viajando, viagens estas que foram facilitadas por seu domínio de línguas (ela falava fluentemente francês, italiano, inglês, neerlandês e espanhol).

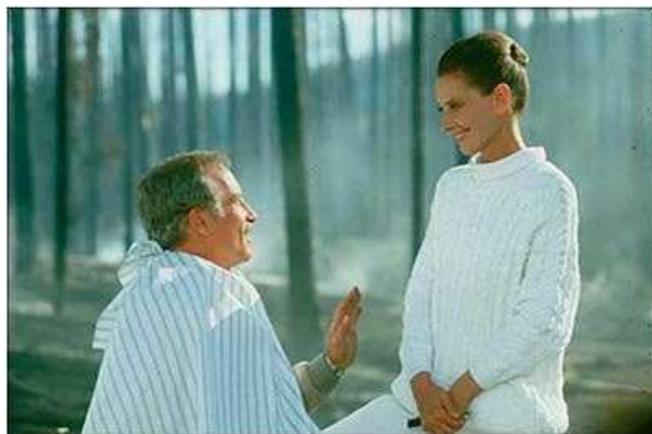
Finalmente realizada ela faleceu em 20 de janeiro de 1993, com 63 anos.

Sempre dizemos que nossos ídolos nunca morrem, mas no caso da eterna bonequinha essa premissa é verdadeira: sua imagem continua popular nos dias de hoje, seja através do Audrey Hepburn Children's Fund, criado por seus filhos Sean Ferrer e Lucca Dotti, para continuar seu trabalho ajudando crianças vítimas da guerra e da fome, ou por sua influência na cultura pop mundial: o Anime Rec faz várias referências à Audrey, pois a personagem principal é sua fã ardorosa e os nomes de todos os episódios são baseados em seus filmes; a editora italiana Bonelli Comics, criou a personagem em quadrinhos Júlia Kendall - inspirada fisicamente em Audrey Hepburn - pelo italiano Giancarlo Berardi, e conta a história de Júlia, uma criminóloga que mora em Garden City, leciona criminologia na universidade e ainda ajuda a polícia de Nova Iorque a solucionar os mais audaciosos crimes em parcerias com outros astros conhecidos: Nick Nolte, Whoopi Goldberg, Morgan Freeman, John Malkovich, John Goodman, entre outros; no Brasil a revista é publicada com o título J. Kendall: Aventuras de uma Criminóloga. Em 2013 ela foi "ressuscitada" graficamente para o comercial do chocolate Galaxy da empresa Mars, veja nesse link o vídeo do comercial que ficou emocionante: <https://www.youtube.com/watch?v=gx9eDoS76LM>.

Deixarei para vocês dois dos mais importantes filmes dessa mulher maravilhosa, que ainda hoje vem inspirando as mulheres do mundo, aproveito para agradecer e até a próxima!

Bonequinha de Luxo (Breakfast at Tiffany's 1961) Conta a história de Holly Golightly (Audrey Hepburn) uma garota de programa nova-iorquina que está decidida a casar-se com um milionário. Perdida entre a inocência, ambição e futilidade, ela toma seus cafés da manhã em frente à famosa joalheria Tiffany's, na intenção de fugir dos problemas. Seus planos mudam quando conhece Paul Varjak (George Peppard), um jovem escritor bancado pela amante que se torna seu vizinho, com quem se envolve. Apesar do interesse em Paul, Holly reluta em se entregar a um amor que contraria seus objetivos de tornar-se rica.

Além da eternidade (Always – 1989) Peter Sandich (Richard Dreyfuss) é um aviador que combate incêndios florestais e morre em um acidente. Ao chegar ao Paraíso é apresentado a um anjo (Audrey Hepburn, representando o anjo que sempre foi), que estimula o espírito de Peter a voltar para passar seu know-how para seu jovem sucessor, Ted Baker (Brad Johnson) e para ajudar Dorinda Durston (Holly Hunter), uma orientadora de voo, a esquecê-lo. Após voltar como uma aparição invisível, Sandich acaba descobrindo que Ted está apaixonado por Dorinda.



(Segue)

Para contato e/ou sugestões é só mandar uma mensagem: anarosenrot@yahoo.com.br

Curtam no facebook a página Cultíssimo- Ana Rosenrot: <https://www.facebook.com/cultissimoanarosenrot>



REFLEXÕES CONTEMPORÂNEAS

JÚLIA REGO

Não temos tempo

Nos dias atuais vivemos a crise da escassez do tempo. Parece que o fenômeno da diminuição dos dias tem atingindo-nos em todas as partes do mundo de tal maneira que não conseguimos contemplar todas as tarefas e atribuições que nos são delegadas. Vivemos correndo e estressados o tempo inteiro numa luta sem fim para darmos conta de trabalho, família, amigos, redes sociais e acabamos fazendo tudo automática e artificialmente.

O que temos feito dos dias que nos são dados a cada amanhecer?

Frequentemente, nos pegamos repetindo a desculpa do século, “não tenho tempo”, mas será que mesmo que, por um “estranho fenômeno da natureza”, os dias se tornaram curtos, ou somos nós quem perdemos a capacidade de dividir as horas, os minutos, os segundos, priorizando aquilo que nos traz felicidade?

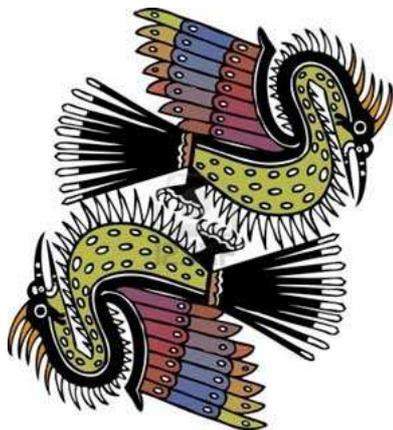
Tentamos abarcar tudo que nos chega às mãos, aos olhos e aos bolsos e menos ao que chega ao coração. Estranho isso. Sofremos de uma carência infinita, não só do tempo contado cronologicamente, mas de momentos que foram, aos poucos, e imperceptivelmente, deixados para trás, trocados pela sede de se conectar ao mundo moderno, tecnológico, capitalista, e vazio no qual nada se conecta e tudo se dissolve.

Quantos de nós já tivemos a sensação, e até verbalizamos isso, de que antigamente os dias e os anos, demoravam mais para passar. Tudo se sucedia tão calmamente que observávamos cada detalhe das coisas, escutávamos as pessoas, e não apenas as ouvíamos, e principalmente, as víamos e conversávamos olhos nos olhos. Surpreendemo-nos, hoje, ao ver que um ano mal acabou e já estamos no meado do seguinte, sem nem sequer termos tido tempo de

realizarmos os planos que insistimos em fazer a cada Reveillon. Sem nem sequer termos encontrado os velhos amigos e até mesmo familiares há tanto tempo afastados. Sem ter tido aquela conversa com o filho. Sem termos sentado no chão para brincarmos com o neto. Sem termos plantado uma árvore. Sem termos lido um livro. Sem termos tido um filho. Sem nem sequer ter tirado férias, ou ao menos um final de semana para vivermos, efetivamente.

As horas, os dias, os meses, os anos se sucedem freneticamente e assim vamos caminhando para o fim dos tempos, o fim dos nossos tempos, esquecendo-nos que o tempo quem faz somos nós, quando decidimos retomar hábitos há muito esquecidos e substituídos pela frieza e rapidez do mundo moderno que nos leva o que há de melhor no ser humano: a capacidade de doar a si próprio e aos outros uma parte do seu tempo sem se preocupar com soar das horas.





LITERATURA & ARTE

LUIZ CARLOS AMORIM

LIVROS DIGITAIS

Por Luiz Carlos Amorim – Escritor, editor e revisor – [Http://luizcarlosamorim.blogspot.com](http://luizcarlosamorim.blogspot.com)

Fazendo um expurgo na minha biblioteca, escolhendo livros que eu tinha em duplicata, livros meus que não foram vendidos porque tinham uma manchinha ou algum defeito pequeno de confecção e outros que eu já li e não vou ler de novo, para doar a escolas e bibliotecas, que os disponibilizem aos usuários em geral, lembrei-me de uma matéria que vi na televisão, recentemente, sobre bibliotecas virtuais.

É claro que as bibliotecas como as conhecemos hoje não vão acabar, as bibliotecas virtuais não vão substituí-las, mas já são realidade. E é claro que, apesar das novidades tecnológicas como os leitores e livros electrónicos, o livro de papel impresso continuará existindo por muito e muito tempo.

Mas as bibliotecas digitais estão aí, oferecendo livros para quem tem e-readers ou quiser lê-los na tela do computador, etc. A biblioteca da USP e a Biblioteca Nacional Digital, por exemplo, estão com grande parte de seu acervo digitalizados. Outras bibliotecas de grandes universidades também estão digitalizando seus acervos. A Escola Dante Alighieri, de São Paulo, tem mais de sessenta mil livros já em versão digital.

A Biblioteca Mundial da Unesco, que abriga obras do mundo inteiro, também oferece seu acervo digitalizado e disponível.

Então a tendência para um futuro a médio e longo prazo é termos tudo o que já foi publicado transportado para a versão virtual e o que está sendo publicado e que será publicado, sair com a versão tradicional impressa e outra digital.

Já temos as grandes redes de lojas virtuais no Brasil. As editoras estão vendendo também, via internet, seus livros digitais. Aliás, as grandes editoras já se organizaram e criaram uma Distribuidora de Livros Digitais. Os escritores, mesmo os alternativos, que fazem suas edições próprias, estão começando a considerar também uma edição digital quando publicam seus livros. Então podemos aproveitar as grandes bibliotecas digitais que nos oferecem grandes acervos em versão virtual, quase sempre gratuitamente, pois muita coisa não tem mais direito autoral. Devemos considerar a possibilidade de ler um e-book, pois podemos ler os livros digitais na tela de nossos computadores, tabletes e smartphones, embora nossos olhos não tenham sido feitos para enfrentar o brilho dessas telas por muito tempo. Mas não precisamos ler tudo de uma vez, podemos ler pequenos ou médios trechos de cada vez.

E aproveitar, de um jeito ou de outro, a imensa gama de títulos que nos são oferecidos por lojas e bibliotecas virtuais.

Revista Varal do Brasil

A revista Varal do Brasil é uma revista independente, realizada por Jacqueline Aisenman.

Todos os textos publicados no Varal do Brasil receberam a aprovação dos autores, aos quais agradecemos a participação.

Se você é o autor de uma das imagens que encontramos na internet sem créditos, façamos saber para que divulguemos o seu talento!



Licença Creative Commons. Distribuição eletrônica e gratuita. Os textos aqui publicados podem ser reproduzidos em quaisquer mídias, desde que seja preservado o nome de seus respectivos autores e não seja para utilização com fins lucrativos.

Os textos aqui publicados são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores.

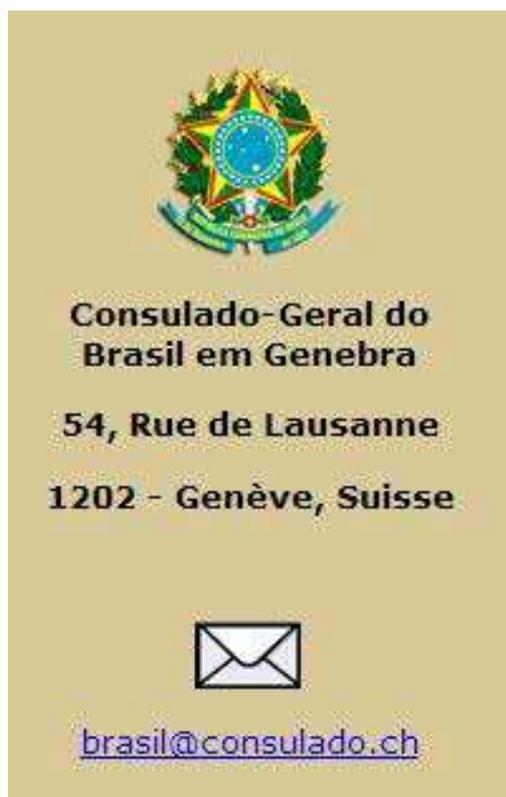
A revista está disponível para download no site www.varaldobrasil.com

Contatos com o Varal?

varaldobrasil@gmail.com

A responsabilidade dos artigos assinados é exclusiva de seus autores e os mesmos não refletem necessariamente a opinião da revista Varal do Brasil.

Para participar da revista, envie um e-mail para a revista e enviaremos o formulário.





**VOLTAREMOS EM
MAIO COM O NO. 35!**

PARTICIPE CONOSCO!



www.varaldobrasil.com

www.varaldobrasil.blogspot.com

varaldobrasil@gmail.com